



FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNICAMP

**VELHOS INSTITUCIONALIZADOS E FAMÍLIA: ENTRE ABAFOS E
DESABAFOS**

ADRIANA DE OLIVEIRA ALCÂNTARA

ADRIANA DE OLIVEIRA ALCÂNTARA

***VELHOS INSTITUCIONALIZADOS E FAMÍLIA:
ENTRE ABAFOS E DESABAFOS***

*Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação
da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do título de Mestre em
Gerontologia.*

ORIENTADORA: PROFA. DRA. OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON

CO-ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARGARETH BRANDINI PARK

CAMPINAS

2003

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VELHOS INSTITUCIONALIZADOS E FAMÍLIA: ENTRE ABAFOS E
DESABAFOS

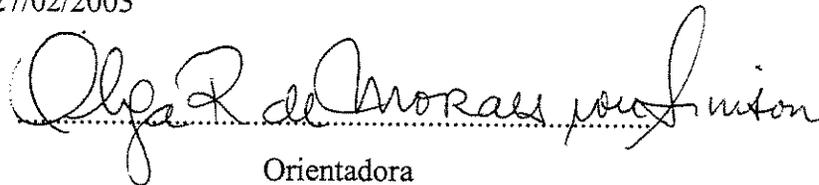
Autora:

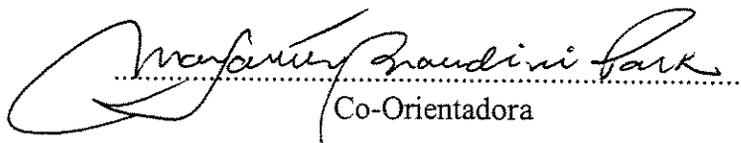
Orientadora:

Co-Orientadora:

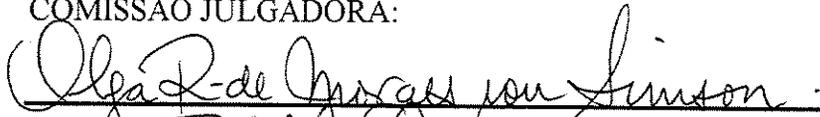
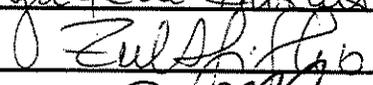
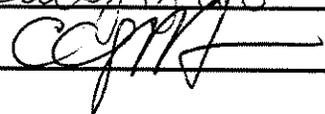
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
Defendida por **Adriana de Oliveira Alcântara** e aprovada
pela Comissão Julgadora.

Data: 27/02/2003


Orientadora


Co-Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	UNICAMP
	AL 16v
V	EX
TOMBO BCI	56233
PROC.	16-1224103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	
Nº CPD	

CM00191474-B

816d 304163

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

AL16v Alcântara, Adriana de Oliveira.
Velhos institucionalizados : entre abafos e desabafos / Adriana de Oliveira
Alcântara. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson..
Co-orientador: Margareth Brandini Park.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Velhice. 2. Família. 3. Memória. 4. Asilos. I. Simson, Olga de Moraes
von. II. Park, Margareth Brandini. III. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. IV. Título.

03-0154-BFE

Agradecimento especial:

Ao meu querido irmão Alexandre, por seu inestimável apoio, bondade e confiança. Alcançar esse patamar seria improvável sem o seu constante incentivo.

AGRADECIMENTOS

O tempo do mestrado foi uma fase extremamente enriquecedora na minha vida. No caminho percorrido aconteceram momentos difíceis, mas também vivenciei um período de constante aprendizado. Essa trajetória seria impossível, primeiramente sem a graça de Deus. Muitas pessoas estiveram me apoiando nesta ocasião. A todas elas, quero deixar aqui, o meu reconhecimento e agradecê-las com todo o meu carinho:

Aos meus amados pais pelo infinito amor e pela educação que me deram. As limitações foram muitas, mas não o suficiente a ponto de inviabilizar a formação dos filhos.

Ao Valdecir por sua companhia e ajuda na elaboração do trabalho nos momentos em que mais precisei.

As inesquecíveis companheiras Adriana e Terezinha. Foram duas irmãs que ganhei. Compartilhamos de momentos tristes aos mais divertidos. Pela primeira vez, estávamos longe dos nossos familiares e tudo seria mais complicado se não tivesse convivido com elas.

À querida e afetuosa Tia Léo por me acolher como sua filha. Jamais vou esquecer-la.

Ao amigo Jaciro pelo interesse no trabalho, sugestões, incentivo e sobretudo, pela sua solidariedade.

Ao amigo Aristides por suas inúmeras atitudes de gentileza e amizade.

Aos amigos e parentes que, mesmo distantes, lembraram de mim, enviando-me cartas e-mails.

À Prof.^a Olga pela objetividade e prestimosa orientação do trabalho.

À Prof.^a Margareth Brandini Park, co-orientadora deste trabalho, pelas constantes contribuições, atenção e carinho.

À Prof.^a Anita pela atenção e dedicação à Gerontologia.

A todos os colegas do curso pela troca de idéias.

À banca examinadora que gentilmente aceitou o convite.

Aos funcionários e professores do curso de Pós-Graduação em Gerontologia pela competência.

Aos velhos do asilo e seus familiares por terem depositado confiança em mim ao discorrerem sobre fatos íntimos e dolorosos de suas vidas.

Aos funcionários do asilo, em especial a Cyntia por responder as minhas dúvidas e por me atender sempre com carinho.

À Fernanda pela sua solicitude e cuidadosa tradução.

À CAPES pelo apoio financeiro.

Obrigada a todos vocês.

A importância do apoio familiar para a pessoa que envelhece é essencial. A família pode, com precisão, ser considerada o habitat natural da pessoa humana. Na família, efetivamente, somos mais naturais, conhecidos, sem máscaras sociais, por nossos defeitos e qualidades.

Luiz Eugênio Garcez Leme

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi o de verificar as percepções dos velhos institucionalizados acerca da decisão de suas famílias em mantê-los no asilo, bem como verificar, também, as percepções dos membros familiares. Para isto foi utilizada a metodologia da história oral. A investigação foi realizada em um asilo filantrópico, localizado na cidade de Fortaleza há noventa e sete anos, abrigando atualmente 240 velhos e uma equipe multidisciplinar composta por 87 funcionários. Tal instituição se caracteriza na sua origem, pelos pressupostos da maçonaria. A amostra foi de quatro velhos, dois homens e duas mulheres que possuíam memória preservada a partir de 60 anos de idade e dos filhos responsáveis pela institucionalização. Constatou-se que, dentre os motivos que culminaram no internamento, destaca-se o fator econômico, paralelo à ausência de um apoio formal, pois a boa vontade da família já não era mais suficiente, principalmente quando a situação exigia uma intervenção profissional. Com exceção de um sujeito, os demais asilados acolheram de forma positiva a decisão de seus filhos. Ao longo dos relatos, há acenos de como foi a vida junto à família, trajetória esta fundamental na continuidade dos vínculos ou afastamento no pós-asilamento. No que concerne aos depoimentos dos filhos, todos pensam haver tomado a iniciativa mais adequada, uma vez que o asilo é visto como a alternativa para se prestar a assistência, inclusive em situações que exigiam uma interferência profissional especializada, tal como casos de alcoolismo. Em alguns aspectos, o trabalho aponta um contexto divergente do que assinala a literatura tradicional, pois o asilo pesquisado propicia condições de convivência no ambiente externo com e sem a interferência administrativa, sendo também sensível à opção de credo religioso e no respeito aos espaços de afetividade.

Palavras chave: Velhice, Relacionamento Familiar, Asilo, Memória.

ABSTRACT

The objective of this Paper was to verify the feelings of the elderly who were put into Homes by their relatives, as well as check the feelings that the relatives have in relation to having put their elderly member in such an institution. For this we used the oral history methodology. The investigation was carried out in a non-profit Home which has been running for ninety-seven years in Fortaleza. Nowadays it houses 240 elderly and has a staff of of 87 employees. This institution was first opened by a group of Masons. For the sample we used four elderly, two men and two women, all of them over 60 and had good memory; and also their sons, daughters, or whoever was responsible for having put them into the Home. We found out that among the reasons that ended up with their going into a Home, one is very evident, the economic factor long side the lack of formal support, for the family willingness was not enough, especially when there was need of professional help. With the exception of one person, the other three accepted well their children's decision. During their story telling, one can see how their lives were with their relatives; a fundamental track in the continuing of the links that bound them to, or pushed them away from the family after they were put into the Home. As to the children's stories, they all thought they had taken the right decision, seeing as how a Home is seen as an alternative for assistance, especially when special professional help is reacquired, such as for alcohol addiction. In some ways, this Paper diverges a little from traditional literature, because the Home chosen for this research allows external living conditions, with or without the interference of the administrative department, and takes into consideration religious options and respects affectionate relationships among themselves and the outside world.

Key words: Old age, Family Relations, Home, Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
OBJETIVOS.....	08
1. O VELHO E A FAMÍLIA.....	09
2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VELHICE.....	21
3. A DECISÃO PELA INSTITUCIONALIZAÇÃO.....	39
4. MÉTODO.....	47
4.1. SELECIONANDO OS SUJEITOS E OS DADOS.....	47
4.2. CAMPO DA PESQUISA.....	58
4.3. HISTÓRIA ORAL: REFERÊNCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	76
5. ENTRE ABAFOS E DESABAFOS: DISCUSSÃO.....	83
5.1. ARQUIVOS CONSTITUÍDOS A PARTIR DOS DEPOIMENTOS DOS VELHOS.....	83
5.2. ARQUIVOS CONSTITUÍDOS A PARTIR DOS DEPOIMENTOS DOS FAMILIARES.....	116
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	143
ANEXOS.....	151

INTRODUÇÃO

A vida só pode ser entendida retrospectivamente, mas deve ser vivida progressivamente.

Kierkegard.

Há muito tempo, a ciência se preocupa em estudar a evolução do homem e sua relação com a sociedade. As pesquisas sempre estiveram voltadas para a infância e a juventude. Somente a partir dos anos 1950, em virtude da transição demográfica dos EUA e também de vários países europeus, as pesquisas sobre a velhice se intensificaram e a Gerontologia recebeu apoio e se consolidou como um campo novo.

No Brasil, a velhice vem recebendo maior atenção por parte dos geriatras, gerontólogos, movimentos sociais e das universidades, desde a década de 1980. Embora o envelhecimento da população seja reconhecido como um problema que vem implicando mudanças no contexto socioeconômico, a produção científica ainda é incipiente, o que também não foi diferente nos países do Primeiro Mundo, nos quais a temática foi aceita de maneira lenta no meio acadêmico, sendo impulsionada há cerca de três décadas. Simone de Beauvoir, em *A Velhice* (1970), comenta que, ao abordar este assunto, defrontou-se com reações de resistência e exclamações, pois surpreendiam-se por ela nem ser velha e trazer à tona um tema tão triste!

É oportuno salientar a escolha pelo uso do termo velho no decorrer do texto. No Brasil está associado a designações negativas, de forma semelhante como ocorreu na França: designava-se mais correntemente como velho (*vieux*) ou velhote (*vieillard*) os indivíduos que não detinham estatuto social, enquanto os que possuíam eram chamados idosos (*personne âgée*). ENNUYER¹ (apud PEIXOTO, 1998) parte do pressuposto de que os velhos que possuem um certo estatuto não são jamais velhos e cita exemplos de personalidades –

¹ ENNUYER, B. L'objet personne âgée. *Autrement* (142):14-28, 1991.

Presidentes da República, os Senadores, os artistas, certos empresários e outros. A noção de velho está próxima à idéia de decadência, pobreza e incapacidade, como discute DEBERT (1999). Isto é perceptível, por exemplo, na nomenclatura usada em documentos, em que, por ser o termo *velho* carregado de estereótipos negativos, é substituído pela dicção *idoso*, certamente por impor mais respeito e ser mais sutil.

As ações em favor da mudança de nomenclatura se multiplicam, as instituições governamentais adotam uma outra representação das pessoas envelhecidas; mas isso não significa a implantação de uma política social voltada especificamente para a velhice. Trocam-se apenas as etiquetas. Doravante, a categoria idoso invade todos os domínios e o termo velho passa a ser sinônimo de decadência, sendo banido dos textos oficiais (PEIXOTO, 1998).

Um fato preocupante é que se estabelece um tipo de defesa e incorporação de valores (re)produzidos pelo senso comum ao se empregar o termo velho, como, por exemplo: *sou velho de espírito jovem, panela velha é que faz comida boa...* PARK² (1999) demonstra por meio dos almanaques de farmácia, essa repulsa retratada em um editorial de abertura: *Saúde não tem idade... O que conta é a juventude da alma, o estado de espírito que nos enche de alegria e vontade de viver...* (p.17). Vale lembrar que a capa é ilustrada por um casal jovem com uma maquiagem carregada, de modo a ficar mais velho e não por pessoas envelhecidas.

Nota-se nas conversas cotidianas um certo melindre ao se evitar pronunciar a palavra velho. Ela soa como insulto e para amenizar se utilizam de eufemismo como *terceira idade*, uma forma de provavelmente tentar separar os velhos improdutivos dos velhos ativos que fazem turismo e consomem toda uma parafernália de produtos estéticos e inibidores do envelhecimento. Mas, ao se valer do termo idoso, se obscurece o que é ser velho? Como observa FERRIGNO (1991), o adjetivo velho desperta a sensação de algo obsoleto, inútil e fora de época. Denota uma conotação depreciativa e é um vocábulo aplicável a alguém que deixou de fazer planos, de temperamento difícil, cheio de manias, independentemente da idade cronológica, reforçando assim os estereótipos, muitas vezes produzidos pelos contos de fada, nos quais o velho está associado a personagens como as bruxas ou a pessoas perversas.

² ARTIGO NO PRELO.

De fato, quando as palavras ou expressões utilizadas na comunicação humana são carregadas de conceitos e/ou valores de grande significado psico-sócio-cultural, elas afetam de forma profunda o comportamento dos indivíduos, quer em termos de reflexões pessoais, como nas suas ações coletivas, podendo aproximar ou afastar os atores sociais, causar cooperação ou conflito, despertar simpatias ou provocar ódios, gerar entendimento ou profundos antagonismos (JORDÃO NETTO & SILVA, 1994:183).

No que se refere ao termo *terceira idade*, este se constituiu a partir da implantação das políticas sociais na França, onde se propaga a imagem do velho bem-sucedido, isto é, os “jovens velhos” – os aposentados dinâmicos, podendo usufruir de um tempo de diversão e liberdade e é neste momento que se formam mercados de consumo, cujo alvo é a circulação do dinheiro do aposentado – a atividade turística direcionada a este grupo etário sob a denominação de turismo para a terceira idade, somado ainda a uma indústria de produtos cosméticos, prometendo a eterna juventude, como também a criação de especialidades profissionais. Entretanto, há que se enfatizar que são prerrogativas às quais quem tem acesso é uma parcela privilegiada, mas, ideologicamente, transformou-se em um valor reproduzido por toda a sociedade. De fato, essa noção oculta uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária está mascarada.

Pensando a categoria *velho* como a que vislumbra com abrangência as representações pelas quais a velhice vem passando, o termo *velho* será assumido ao longo do texto e como argumenta PARK (1999), deslocar a discussão para a longevidade, enfocando um mercado direcionado para essa faixa etária (lazer, meios de defesa para inibir o envelhecimento) é esquivar-se do debate sobre o *papel exercido pelo velho em uma sociedade produtiva, onde estar e sentir-se inserido significa estar produzindo* (p.15). Ser velho não está restrito à quantidade dos anos vividos e, ao se focalizar diferentes grupos sociais, pode-se constatar que, dependendo da grande variedade de fatores como sexo, origem étnica e cultural e o fato das pessoas viverem em países industrializados ou em desenvolvimento, em centros urbanos ou rurais, elas envelhecem de forma diversa, especialmente quando se analisa a sua situação na hierarquia social.

(...) A velhice é dada pelo contexto social, cultural e histórico de uma sociedade. Nem todos com a mesma idade são igualmente velhos; tudo depende da história de vida de cada um” (WOORTMANN, 1999:141).

Assim, não só a velhice, como também as demais fases do curso de vida, são categorias que, não sendo naturais, são socialmente produzidas, abarcando dimensões histórico-sociais. A título de exemplo, PARK (1999) citando SOUZA³ (1999), reconhece a imprecisão de se definir o que é ser velho, pois falar de envelhecer é levar em conta os processos biológicos, psicológicos, sociológicos e, sobretudo, os culturais, construídos socialmente. Conforme a autora, entre os Iorubas da Nigéria, a mulher é considerada idosa quando se torna avó; na Índia, quando o filho mais velho se casa; e, em outras culturas, quando a mulher atinge a menopausa.

O século XX assistiu ao fenômeno de uma intensa transição demográfica. A população que era em torno de dez milhões de habitantes, confirmada pelo censo de 1872, aumentou quinze vezes até 1990. A queda da mortalidade foi o que justificou, antes de mais nada, este fenômeno. Somado a isto, no Brasil a fecundidade reduziu a partir de 1970 e a população brasileira, a partir de então, atingia seu envelhecimento, sem que se elaborasse um planejamento voltado para este fenômeno (MARCÍLIO, 1998).

O envelhecimento populacional é um dos grandes desafios para o mundo do novo milênio e, em particular, para os países periféricos, tendo em vista que a transição demográfica está se consolidando num curto período. De acordo com o censo de 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), esta população já soma 14 milhões e compõe 8,3% do contingente total. Embora se apresente como uma população com um envelhecimento recente, a brasileira poderá ser considerada como uma das maiores, superior à da França, que levou 120 anos para adquirir as feições que caracterizam este fenômeno.

³ SOUZA, E. M. **Reminiscências integrando gerações: a arte de compartilhar memórias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

Este prolongamento de um número considerável de indivíduos implica mudanças no contexto socioeconômico brasileiro. Inicialmente, a composição da família se modificou, porquanto no começo do século XX era rara a convivência com avós, pois eles morriam cedo. Hoje, com uma expectativa em torno de 68 anos, já é comum a existência de bisavós, ampliando os laços geracionais, situação nunca vista até então. No que concerne ao aspecto econômico, a abordagem tradicional é de conceber o velho como um peso, em razão de ele não produzir, não trabalhar, consumir mais serviços de saúde e benefícios do sistema previdenciário, representando, assim, uma carga para a família e para o Estado. Este precisa reformar urgentemente o sistema de Seguridade Social, porque as projeções demonstram que haverá um número maior de pessoas aposentadas, isto é, menos contribuintes e mais beneficiários.

Atualmente, a proporção de contribuintes para cada aposentado é de 1,7 e, se assim persistir, a relação em 2030 será de 1,1 contribuinte para cada beneficiário⁴. Já na década de 1960, esta relação era de 8 brasileiros trabalhando para 1 aposentado. O tempo que viviam com o benefício da aposentadoria era, em média, 18 anos. Atualmente, esse período subiu para 23 anos, acarretando mais despesas para a Previdência (ANTUNES, 2002).

Ao se analisar a conjuntura brasileira, compreende-se que a questão social da velhice e a do envelhecimento está vinculada ao modelo de produção econômica do País, conforme discorre Magalhães (1987):

A velhice excluída e abandonada, o envelhecimento precoce e o pseudo-idoso, são aspectos do modelo econômico excludente que foi praticado no país nas últimas décadas e sua solução corresponde à intensidade das medidas que forem tomadas para que a produção econômica cresça com o bem-estar social, e não seja criador das disparidades regionais e das concentrações sociais de riqueza que tem caracterizado o processo distributivo do país (MAGALHÃES, 1987:48).

A economia que exclui uma expressiva parcela da população brasileira amplia a figura da velhice marginalizada e, reconhecendo as repercussões que este modelo econômico

⁴ <http://www.abraap.org.br/260/pesquisa.htm>

excludente acarreta na vida dos velhos, é interessante estudar comparativamente este processo nos meios rural e urbano e em diversas classes sociais.

A industrialização é um dos principais fatores que alterou a distribuição geográfica brasileira no que se refere à situação de domicílio. A partir da década de 1950, auge da industrialização no País, os movimentos migratórios, do campo para as grandes metrópoles, expandiram-se cada vez mais, ocasionando efeitos sociais e econômicos para a população de uma maneira geral e para os velhos em particular.

Os motivos que levam as pessoas a se deslocarem do meio rural, estimulados pela industrialização, de imediato, são as condições precárias de vida – salários baixos, desemprego, ausência ou mau funcionamento dos serviços públicos. O envelhecimento biológico é precoce no campo, acompanhado de um trabalho hostil, caracterizado pelas relações entre os grandes proprietários e massas rurais assalariadas sem assistência de serviços de saúde à mercê das instituições religiosas e benemerentes. Porém, a ida para a cidade grande não significa necessariamente uma melhoria no padrão de vida do indivíduo, quando, muitas vezes, os meios de comunicação, principalmente a televisão, passam uma imagem ilusória da realidade, com cenas de luxo, beleza e felicidade, mascarando o lado negativo que, previsivelmente, fará parte do cotidiano das pessoas advindas do campo fixadas em regiões ocupadas por camadas de baixo poder aquisitivo, já instaladas nas periferias das cidades. Muitas vezes não se ajustando aos critérios da economia de mercado, passarão a pertencer ao setor informal, exercendo as mais diversas atividades de subemprego – ajudante de pedreiro, camelô, lavadeira... – o que resulta numa velhice urbana de aguda carência e alta desorganização social e familiar, seguida da perda da identidade cultural (MAGALHÃES, 1987).

Diante da acelerada industrialização, acompanhada de um salário insuficiente para manter a família, a classe proletária sofre os efeitos cruéis desta economia e, assim, é impossibilitada de abrigar seus velhos, ocorrendo a nucleação da família que passa a ser, então, predominante.

O aumento da população acima de 60 anos é um fato que desperta preocupação, ocasionando reivindicações e demandas por políticas voltadas a este segmento. Contudo, não

se deve justificar a melhoria das condições de vida, tão-somente em função de uma representatividade numérica. Mais determinante é definir o papel que o velho desempenha na sociedade e elucidar o processo pelo qual o envelhecimento se coloca como uma discussão que vem ganhando respaldo e expressão, somado em particular aos antigos problemas que o país enfrenta, como desemprego, renda mal distribuída, reforma agrária, questão do menor, fome, dentre outros. Independentemente da classe social que ocupa, o indivíduo sente o impacto da chegada da velhice, pois esta preocupa, trazendo a limitação da saúde, ausência do trabalho, desprestígio social, solidão e preconceito.

Face a tal situação, o aparato da família é fundamental, uma vez que esta pode tomar decisões no que se refere às necessidades físicas, psíquicas e sociais de seus velhos. Porém, há uma série de fatores que interferem na permanência destes junto aos seus, como o agravamento da pobreza, os conflitos geracionais, a saída dos membros da família para o mercado de trabalho... No entanto, é conflituoso romper com uma rotina e ser submetido a normas exteriores ao estilo de vida de cada um, como se o passado já não mais representasse um referencial ou uma identidade.

Levando em conta estas considerações, é pertinente analisar sistematicamente o papel que a família desempenha na vida do velho e como este percebe a decisão pelo internamento asilar, quando ainda existe a família. Vislumbrar estas percepções pode trazer à tona o modo como foram construídas as relações familiares ao longo da trajetória de vida e, assim, este estudo possibilitará uma reflexão sobre o que é envelhecer sem conviver cotidianamente com a família após o asilamento. Embora em nenhuma sociedade ocidental a institucionalização não chegue a atingir 10% da população idosa, considerou-se viável realizar um estudo em um asilo, haja vista o crescimento desse grupo etário e as mudanças ocorridas na família.

OBJETIVOS DA PESQUISA

Diante do que foi exposto, este trabalho traz como objetivos:

GERAL

- Verificar as percepções dos velhos institucionalizados acerca da decisão de suas famílias em mantê-los no asilo.
- Verificar as percepções dos componentes familiares sobre a decisão de institucionalizar seus velhos.

ESPECÍFICOS

- Conhecer as causas que levaram a família a decidir pelo internamento asilar.
- Identificar como foi construído o relacionamento entre pais e filhos e entre cônjuges ao longo da trajetória de vida do velho.
- Observar as atitudes dos velhos em relação à impossibilidade de continuar vivendo no convívio familiar e social.

O VELHO E A FAMÍLIA

De onde vem, ao grupo familiar, tal força de coesão? Em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é tão fortemente destinado. Um homem pode mudar de país; se brasileiro, naturalizar-se finlandês; se leigo, pode tornar-se padre; se solteiro, tornar-se casado; se filho, tornar-se pai; se patrão; tornar-se criado. Mas o vínculo que o ata à sua família é irreversível: será sempre o filho da Antônia, o João do Pedro, o 'meu Francisco' para a mãe. Apesar dessa fixidez de destino nas relações de parentesco, não há lugar onde a personalidade tenha maior relevo. Se, como dizem, a comunidade diferencia o indivíduo, nenhuma comunidade consegue como a família valorizar tanto a diferença de pessoa a pessoa.

Ecléa Bosi

As relações familiares em uma sociedade na qual a expectativa de vida está se expandindo criam situações inovadoras, sem que haja maior preparação de seus membros para lidar com esta nova situação.

O cuidado com a geração velha é atribuído, ao longo da história, aos descendentes, ou seja, a família tem como responsabilidade satisfazer inúmeras necessidades, sejam elas físicas, psíquicas e sociais (MORAGAS, 1997), principalmente quando seus velhos apresentam algum comprometimento na sua autonomia e independência. Sendo assim, o amparo já é algo esperado, um dever moral arraigado na cultura. Como forma de reforçar esta norma social, a Constituição atual estabelece no seu artigo 229 que *os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade*. O artigo subsequente dispõe também que *a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas*.

Contudo, mediante as transformações de uma sociedade urbana industrializada, estas atribuições vêm deixando de ser um domínio exclusivo da esfera familiar e muitas destas necessidades estão sendo atendidas por organizações alheias à família (MORAGAS, 1997).

Em face dos novos arranjos e do número reduzido de membros na família, envelhecer junto a esta é um desafio, visto que a sociedade moderna, movida pelo mundo do trabalho, não tem tempo para conviver com seus velhos. O espaço doméstico é restrito apenas ao casal e a um ou mais filhos. As mulheres, que antes, cuidavam dos filhos, pais ou avós,

foram absorvidas pelo mercado de trabalho, e assim, esses cuidados foram transferidos às creches e aos asilos.

De acordo com HAREVEN (1999), em razão do forte impacto da industrialização, a família transferiu para outras instituições funções que eram concentradas no ambiente doméstico e toda essa mudança causou a segregação dos grupos de idade dentro da família, conduzindo à exclusão dos mais velhos do exercício de papéis familiares viáveis.

Com relação ao que consagram os artigos citados, isto é, a responsabilidade da família em assegurar a proteção de seus velhos, a ambigüidade se faz presente, visto que o Estado brasileiro não oferece as devidas condições para que isto aconteça, diferentemente de outros países que investem no atendimento desta clientela, considerando a relevância de complementar as relações familiares e sociais. Há que se ressaltar que, embora haja exemplos nesse sentido, provindos de outras culturas, o sucesso das propostas é viável para qualquer sociedade cujo aumento da população idosa seja alvo de tomadas de decisão (SALGADO, 1980). PAVARINI (1996) menciona que os projetos em países centrais voltados para a manutenção dos velhos em suas comunidades têm se ampliado consideravelmente.

É inquestionável a impossibilidade de uma família menos favorecida arcar com a responsabilidade de cuidar dos seus velhos, pois a coesão familiar só funciona quando articulada à ação da instituição pública (MAGALHÃES, 1987). Contudo, há que se considerar as condições em que o indivíduo chega a ser velho, porque planejar uma velhice saudável é pensar num ciclo de vida hígido, visto que concentrar atenção somente à velhice e não no envelhecimento sempre será um procedimento paliativo. Dessa forma, a ação política não pode se restringir apenas à etapa final da vida, mas em todas as fases do ciclo vital, ponderando, acima de tudo, o respeito à vida humana.

De acordo com WHO¹ (apud NERI & SOMMERHALDER, 2002), aproximadamente 1/5 da população idosa dos países desenvolvidos dispõe de uma rede de

¹ WHO/HSC/AHE/ 99.1 (1999). Ageing. Exploding the myths. Ageing and Health Programme. World Health Organization. Geneva, Switzerland.

apoio formal, isto é, serviços médicos e sociais. Somente 1/3 desses cuidados formais é prestado em instituições e 2/3 são fornecidos no domicílio. Esses dados permitem afirmar que se busca facilitar a permanência dos velhos em suas casas e na comunidade.

Estudos estimam que pelo menos 80% dos velhos dos Estados Unidos recebem ajuda da família, concomitante aos recursos formais. Nos casos de alta dependência, para cada velho que se encontra institucionalizado, há dois sendo cuidados pela família. Já no Canadá, a proporção dos que contam com o apoio da família é de 94% (NERI & SOMMERHALDER, 2002).

Por ser a família a principal fonte de apoio e de cuidado aos seus velhos, mesmo que os filhos morem afastados, de uma forma geral, a afetividade é preservada. A literatura gerontológica denomina como *laços de intimidade à distância*².

Por outro lado, DEBERT (1999) cita estudos que relativizam esta relevância da família (Cohler, 1983; Evandrou e Victor, 1989; Rosenmayr e Koeckeis, 1963; Shanas et al., 1968; Wall, 1989), uma vez que o fato de os velhos não morarem com seus membros familiares não significa necessariamente uma condição de abandono ou isolamento, considerando que morar com os filhos nem sempre expressa prestígio, respeito e satisfação, pois muitas vezes o sentimento de solidão e o desprezo são verificados no âmbito familiar.

A mesma autora também faz referência a outras pesquisas contrárias a esta tendência (Arber e Gilbert, 1989; Walker, 1982), ou seja, aponta análises que demonstram ser a família de fundamental importância na assistência ao velho.

No entanto, estudar a família é penetrar num contexto social caracterizado por organizações familiares diferentes, nas quais o modelo de sociedade burguesa, representada pelo padrão de família nuclear (pai, mãe e filhos), embora predominante, não é homogêneo. Este estalão faz parte da nossa cultura em tempos mais recentes e ainda é reproduzido por intermédio dos diversos espaços de socialização e/ou vários aparelhos ideológicos, como por exemplo, escola, igreja... As pessoas, desde crianças, aprendem como deve e tem que ser uma família. Desta forma, a família ideal ainda é o modelo para a maioria das pessoas e vem daí a

² Ibid.

pressão para que os membros da sociedade também a construam, conforme aqueles rituais e características. Direta ou indiretamente, ainda se exige o “casamento de papel passado”, “casamento de branco na igreja” e filhos, “os frutos do casamento” (CALDERÓN & GUITMARÃES, 1994).

Porém, a Constituição de 1988 reconhece a crise da hegemonia da família nuclear e revoga o que estabelecia a Constituição de 1969 com relação ao caráter indissolúvel do casamento. Hoje, o casamento deixa de ser o fator principal que caracteriza a família. Diante do aumento das uniões livres, é considerada como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, independentemente da existência do casamento civil ou religioso.

Os caminhos trilhados revelam um processo de mudança verificado nos rearranjos familiares, tais como: divórcios, recasamentos, “*produção independente*”, inserção da mulher no mercado de trabalho, enfim, organizações familiares diferentes, numa conjuntura demarcada, há alguns anos, por padrões familiares mais homogêneos (BARROS, 1987). Os laços de parentesco ultrapassam o limite da consangüinidade, redimensionando o conceito de família, incluindo também os laços de afinidade, tendência esta já reconhecida pela Justiça, de forma a ponderar situações diferentes das tradicionais, admitindo a família como uma instituição não exclusivamente consangüínea, mas também afetiva (MAGESTE et al., 2002).

Assim sendo, o presente trabalho incorpora o conceito de família definido pelo IBGE, isto é: *o conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, que residam na mesma unidade domiciliar e também, a pessoa que more só em unidade domiciliar (domicílio particular permanente)* (CAMARANO, 1999:33).

São transformações que apontam para uma reformulação dos papéis sociais, acompanhada da abdicação de certos valores considerados até então como padrão, uma vez que a família absorve as formas de organização da sociedade, construindo-se numa microssociedade, desempenhando a tarefa de socializar e adaptar o indivíduo de acordo com o modelo cultural estabelecido, não homogêneo, pois há alterações na estrutura familiar numa mesma sociedade ao se vislumbrar, por exemplo, a variação da constituição das famílias de uma classe para outra (SAMARA, 1987).

Sendo a base para a formação da personalidade dos indivíduos, ninguém pode viver sem família, amando ou odiando-a, ou mesmo as duas coisas juntas (DIAS, 1992). Conforme DA MATTA (1987), o valor família (modo de ser) equivale ao valor cultural, sendo relevante na construção da identidade social e individual. É na família que se espera um suporte emocional, e também material, independentemente da etapa da vida. Ainda que o indivíduo não conviva com seus componentes familiares, de qualquer forma, levará sempre consigo lembranças deles, porque a família é o primeiro referencial de socialização, e de fundamental importância no que respeita ao equilíbrio físico e afetivo do ser humano, constituindo-se numa estrutura única (LEME, 1996).

Analisar a família, focalizando a velhice, torna indispensável a discussão em torno do contexto familiar, ou seja, quanto mais se conhece a história da família, mais é possível vislumbrar como são construídas as relações e os papéis que cada um desempenha no grupo, uma vez que este apresenta um perfil nitidamente hierárquico ao se considerar a idade e também o poder econômico de cada um de seus membros.

Pensar na velhice, tomando a família como perspectiva, é considerar os quatro eventos citados por Brubaker³ (apud ÂNGELO, 1997), passíveis de uma expressiva mudança no cotidiano familiar:

1. ninho vazio - circunstância em que os filhos saem de casa, ocasionando assim, o tempo mais livre dos pais, o que poderá ser benéfico ou conflituoso;
2. aposentadoria – o retorno para casa, nem sempre planejado;
3. doenças peculiares desta fase, momento em que se define quem cuida de quem;
4. morte - leva a um sofrimento inexorável, esperando-se apoio e aceitação à condição da finitude humana.

Diante de tais eventos normativos, é estabelecida a inversão dos papéis, e, se não for bem administrada, poderá produzir uma crise, identificada pela impossibilidade dos filhos

³ BRUBAKER, TH ed. Family relationships in later life. Sage publications, Newbeny Park, 1983.

assumirem o cuidado dos pais, não só no que diz respeito à situação econômica e às limitações físicas, mas também no que diz respeito ao amparo humano, cujas relações construídas são preditivas para poder afirmar se este cuidado é uma fonte de obrigação ou de amor.

Nesta situação, vivida como uma obrigação moral da família – a responsabilidade para com a geração de procriação – o velho, muitas vezes, pode apresentar um sentimento de aflição, constringendo-se por se ver como um estorvo, principalmente quando sua autonomia e independência são afetadas.

Outro aspecto não muito raro que se configura atualmente, é o papel do velho como arrimo de família. Sua aposentadoria ou pensão é uma renda fixa e de fundamental importância na redução do grau de pobreza, que assegura o sustento da casa e dos filhos adultos, principalmente quando sobrecarregados por desemprego, crise conjugal e doenças. Assim sendo, sua função é a de chefe da casa, detendo maior autonomia, respeito e reconhecimento (NERI, 1993).

Entretanto, o apoio econômico não é a única contribuição que o velho pode oferecer à família. Se ele for saudável, poderá também assumir as tarefas domésticas, além de se responsabilizar pelos netos. Este panorama sugere uma revisão do conceito tradicional de dependência da população idosa em relação aos grupos etários mais jovens. Exemplo disso é o que mostra a pesquisa de OLIVEIRA (1999) realizada em vilas da cidade de Marília, Estado de São Paulo, na qual avós assumem a criação dos netos para que os pais destes possam trabalhar, estabelecendo-se pois, uma relação de afeto e trocas, permitindo a co-educação de gerações. Enfim, são arranjos que trazem elementos inovadores, refletidos nos vínculos intergeracionais, impossibilitando definir um padrão único de relações familiares.

O censo de 2000 do IBGE mostra que, do total da população idosa, 70% vivem em residência própria, 29% com a família e somente 1% em instituições, evidenciando ainda que, em 1999, 65% dos velhos sustentavam a família, 33% se encontravam no mercado de trabalho e 27% possuíam plano de saúde (SAMPAIO, 2001).

Em conformidade com os dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 1997, a renda média dos maiores de 60 anos é superior à dos jovens, isto é, daqueles com idade inferior a 30 anos. Nas famílias que possuem velhos, 52% da renda familiar provêm da renda dos velhos (CAMARANO et al, 1999, 2000, 2002).

Observa-se assim, que mais da metade dos quase 15 milhões dos velhos que vivem no país, são os provedores da casa onde moram, ou seja, segundo o referido censo, 9 milhões de velhos exercem papel financeiro essencial na família.

Pesquisa realizada por CAMARANO⁴ (2002) demonstra que as famílias brasileiras morando com velhos estão numa melhor situação econômica do que as demais. Isso é justificado, em parte, pelos tipos de arranjos internos e etapas do ciclo familiar que estabelecem diferentes relações de dependência econômica entre os membros das famílias, bem como a presença do benefício previdenciário que, não muito raro, consiste na única fonte de renda das famílias.

Como se vê, os resultados mostram que as famílias estão próximas de seus velhos e também são seus principais cuidadores. Campedelli e col. (1993) constataram, numa exaustiva revisão da literatura, que de 80% a 90% dos serviços e cuidados prestados aos velhos são executados pela família. Esta providencia os cuidados médicos e pessoais, ajuda no transporte, supervisiona a medicação, entre outros. Quando existe um sistema formal de suporte, como hospital-dia, assessoria, assistência jurídica, domiciliar de saúde e de manutenção, centros-dia, centros comunitários, serviços coordenados governamentalmente incorporando a família e a comunidade, esquemas existentes em países desenvolvidos (WAGNER, 2001), o velho tem um atendimento mais qualificado, o seu grau de dependência é mais restrito e o cuidador não se sobrecarrega tanto.

No entanto, a família é um eufemismo, pois as atribuições de cuidar recaem sobre as mulheres que, além de cuidarem dos filhos, arcam com os afazeres domésticos e muitas vezes também trabalham fora de suas casas. As pesquisas têm evidenciado que os demais membros da família, em geral, não ajudam. *The Journals of Gerontology*⁵ mostrou que 61% das

⁴ <http://www.ipea.gov.br>

⁵ [http://www.watctower.org/how to contact us. htm](http://www.watctower.org/how%20to%20contact%20us.htm)

mulheres cuidadoras confirmaram que não recebem nenhum tipo de ajuda da família ou de amigos, provocando um custo emocional caracterizado por sensação de incapacidade, ira, frustração, sentimento de culpa, ansiedade, insônia, baixa auto-estima e exaustão física.

Pelas normas culturais, na maioria dos países ocidentais, o papel de cuidar em família é da mulher e ao homem cabe manter o sustento material do grupo e a autoridade moral. Assim sendo, mesmo que a organizadora do lar trabalhe fora, deve assumir o cuidado (aos filhos, à casa, ao cônjuge, aos doentes e aos velhos). O resultado dessa gama de tarefas repercute na diminuição das atividades de lazer e oportunidades na vida social. Por outro lado, quando a mulher não assume o cuidado, é criticada pela sociedade e pela família, da qual surgem conflitos familiares, seguidos de remorsos ⁶.

SAAD (1999) atenta para o fato de que a sociedade se planeje em função do envelhecimento populacional, haja vista a inserção das mulheres no mercado de trabalho, pois elas estão ficando cada vez mais indisponíveis para cuidar dos velhos dependentes.

Além das mulheres terem uma perspectiva de vida maior do que os homens, freqüentemente, são mais novas do que os maridos. Dessa forma, a cuidadora preferível é a esposa, e na falta desta, as descendentes de segunda geração a substituem, sendo mais provável, especificamente, a filha mais velha que geralmente é de meia-idade, casada e com filhos jovens. Em terceiro lugar na hierarquia, vem a filha viúva, seguida da solteira, também de meia-idade, com ou sem filhos. Dificilmente, outro parente ou alguém jovem exerce o cuidado, e pouco freqüentemente, ainda, é um homem que o faz (PENNING, apud NERI & SOMMERHALDER, 2002) ⁷.

Há que se considerar que outras variáveis são determinantes na escolha do cuidador, além de fatores geracionais, de gênero e de parentesco. É relevante ponderar se doente e cuidador moram juntos, as condições financeiras e disponibilidade de tempo. Também torna-se essencial examinar os laços afetivos, a personalidade do cuidador, sua história de

⁶NERI, A.L. & SOMMERHALDER, C. op.cit. p. 25.

⁷PENNING, M.G. (1991). Receipt of assistance by elderly people: Hierarchical selection and task specificity. *The Gerontologist*, 30 (2), pp. 220-227.

relacionamento com o velho e com outros membros da família, sua motivação e sua capacidade de doação ⁸.

Um relacionamento desprovido de apego emocional transforma o cuidado numa tarefa onerosa, pois qualquer atitude de solidariedade, sentimento de gratidão e responsabilidade é nula. Não existe satisfação em dar carinho quando nunca se recebeu. Além das afinidades, a dinâmica das relações humanas se reflete também em conflitos e, assim sendo, o interior da família não poderia ser diferente. BORN (1996, 2000) faz um comentário pertinente sobre a relação do velho com a sua família. Geralmente, ele é visto como vítima, quando não se pondera todo o contexto desse relacionamento, pois a condição de velho não é garantia para se receber a atenção desejável. O fundamental é dimensionar como foram vividas as fases anteriores. Toda uma história de vida está em jogo e a situação de dependência pode não apagar os ressentimentos e mágoas, tornando-se assim mais compreensível a situação atual através de uma visão dessas relações ao longo do tempo.

Nunca ele me deu uma roupa. Traiu minha mãe, foi morar com outra e assumiu um filho que nem era do sangue dele. Só Deus pra perdoar. Eu já convivi com ele e sei como é – Desabafo de um rapaz que foi procurar uma vaga no Lar Torres de Melo para o pai que mora só e recentemente, amputou uma perna, por conta da diabete e do AVC, além de ser alcoólatra e fumante (Diário de campo, 01/07/02).

O Serviço Social não pode ajudá-lo, considerando que a enfermaria estava lotada e o filho foi informado de que, na cidade de Fortaleza, não havia instituição que abrigasse o pai dele na condição em que se encontrava. Mencionou-se a Unidade de Abrigo do Estado, mas esta só atende os que não têm família, ou seja, na sua maioria, indigentes.

Esta situação retrata que, no Brasil, o serviço de apoio formal, praticado por profissionais e instituições de atendimento à saúde, como, por exemplo, Centros-dia, hospitais, ambulatórios, unidades de apoio domiciliar, ainda é muito precário. Diante deste cenário

⁸ Ibid. p. 26.

carente de políticas públicas, a maior parte da família brasileira, mesmo sem preparo adequado, enfrenta o exercício do cuidado, sem nenhum apoio formal.

Na ausência de apoios informais e formais, o cuidador sofre porque fica mais exposto a doenças, à depressão, a estados emocionais negativos e à desorganização de sua vida. Sofre a família, por causa de restrições materiais e sociais e por causa de conflitos. Sofre o idoso, que fica mais sujeito a cuidados inadequados e insuficientes e, no limite, a abandono e maus-tratos. De fato, o ônus individual e familiar do cuidar é dividido com a rede de amigos e com o ambiente de trabalho. Eventualmente, é dividido com a rede formal de assistência, por intermédio de ambulatórios médicos hospitalares e asilos, estes quando o cuidado familiar se inviabiliza por algum motivo (NERI & SOMMERHALDER, 2002:36-7).

Ao se abordar o cuidado prestado a velhos dependentes e fragilizados, a maior parte das pesquisas enfoca, abundantemente, os efeitos negativos provocados ao cuidador. *Ansiedade, culpa, desordens psicossomáticas, conflitos familiares e no relacionamento conjugal, exacerbação de problemas interpessoais preexistentes, hostilidade, afastamento dos amigos e distorções no julgamento das situações e das próprias capacidades* são os sintomas mais mencionados⁹.

Entretanto, em conformidade com as autoras citadas, a experiência do cuidado é uma situação heterogênea, determinada por variáveis complexas, como aspectos demográficos, culturais e psicológicos, história de relacionamento entre cuidador e velho, enfim, eventos que impedem que se façam qualquer generalização em função da sobrecarga ou prejuízo de bem-estar do cuidador, embora se reconheça que cuidar não é uma tarefa simples, como já discutido.

No entanto, é vantajoso investir nos aspectos positivos do cuidado. Em primeiro lugar, porque o cuidador fala deles e isso o beneficia emocionalmente. Em segundo lugar, porque poderemos ter uma visão mais completa e multidimensional da questão. Em terceiro lugar, porque o conhecimento sistemático sobre esses efeitos pode

⁹ Ibid.

*auxiliar e planejar intervenções voltadas para o aprimoramento dos cuidadores e do cuidado para o domínio das emoções negativas*¹⁰.

Torna-se relevante salientar que, somente no final da década de 1980, os resultados positivos tiveram maior arrimo por parte dos pesquisadores, porém, as informações são escassas. No Brasil não há dados referentes a este assunto, bem como, pouco se sabe a respeito do perfil do cuidador brasileiro no contexto da família (SOMMERHALDER & NERI, 2002).

De acordo com a literatura internacional, a avaliação positiva da experiência do cuidado está voltado para: aumento do sentimento de orgulho, aumento da habilidade para encarar desafios, crescimento pessoal, melhoria no senso de realização, melhoria no relacionamento com o velho e com os outros, aumento do senso de controle, aumento do significado na vida, prazer e satisfação¹¹.

Aprender estes aspectos positivos só leva a contribuir na melhoria na qualidade do cuidado e perceber que esse tipo de experiência pode trazer crescimento, mesmo que não exclua a sobrecarga do cuidador.

¹⁰ Ibid. p. 48.

¹¹ Ibid, p.97.

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VELHICE

O cristianismo tem sido, há dois mil anos, o grande educador e apurador de sentimentos, e foi o cristianismo que inspirou o amor à velhice e esse amor criou as primeiras instituições para os velhos: - os asilos de velhos.

Mário Filizzola

Na língua portuguesa, *instituição* é o ato de instituir, criação, estabelecimento associação ou organização de caráter social, educacional, religioso filantrópico etc (FERREIRA A., 1986:953). *Institucionalizar*, por sua vez, é dar o caráter de instituição¹. Portanto, o idoso institucionalizado é aquele a quem se dá ou que adquire o caráter de instituição, que se transforma em instituição, o que, obviamente, não faz sentido².

Como há uma marcante influência da literatura médica de língua inglesa no vocabulário português, o verbo *institucionalizar* (to *institucionalize*) é empregado, usualmente, no sentido de colocar ou confiar alguém aos cuidados de uma instituição especializada³.

As instituições que abrigam os mais velhos são geralmente chamadas de asilos ou albergues. Considerando os estereótipos negativos associados à pobreza, abandono ou rejeição familiar, uma forma utilizada para suavizar esses termos, tanto em instituições públicas como privadas, é a de substituí-los por outros como *Lar dos idosos*, *Jardim ou Casa de repouso*, *Residência*, *Casa da vovó*, entre outros. São expressões encontradas para encobrir a rotulação discriminatória, presente na palavra *asilo* (DEBERT, 1999).

O cristianismo foi o pioneiro no amparo aos velhos e, de acordo com os dados históricos, as primeiras instituições filantrópicas voltadas a abrigar essa população carente surgiram no Império Bizantino, no século V da era cristã. Há registro de que o primeiro asilo

¹ Ibid.

² <http://www.usuários.cultura.com.br/jmrezende/idoso.htm>

³ Ibid, p.1.

foi fundado pelo Papa Pelágio II (520 – 590), que transformou a sua casa em um hospital para velhos⁴.

A criação de instituições destinadas a prestar cuidados a velhos, sob a denominação de asilos, abrigos, lares, basicamente de caráter filantrópico em sua origem no século XX, no Brasil, confere à assistência social uma prática específica – atender a velhice desamparada que se configurava em uma população pobre sem vínculos familiares.

A velhice institucionalizada parece operar de modo a encobrir uma série de categorias – moribundos, indigentes, pobres, inválidos abandonados, solitários, doentes, alcoólatras e outros. GROISMAN (1999) desenvolve interessante trabalho objetivando levantar questões de como está o campo das instituições para velhos atualmente e como este se constituiu historicamente.

O referido autor faz uma reconstrução histórica da sociedade brasileira a partir do século XIX, período este de intensas transformações sociais, políticas e econômicas que consolidaram, assim, o controle social. Administrar a pobreza requeria separar o vadio do mendigo. Este alcançava maior tolerância social, visto que representava o personagem legítimo do mundo da pobreza, apto a receber a caridade da população, pois não estava capacitado para o trabalho e dentre os pedintes, segundo FRAGA FILHO⁵ (apud GROISMAN, 1999), estavam *o doente ou portador de alguma doença física, o velho, a criança órfã e as viúvas pobres...*

Por sua vez, o termo vadio estava relacionado ao *desempregado ou o que mantinha vínculo inconstante com o mercado de trabalho, era o agregado de grande propriedade rural expulso da terra ou o cidadão que se disfarçava de mendigo...*⁶. Eram pessoas que sobreviviam de trabalhos esporádicos, da indigência, do furto, como também da prostituição.

⁴ Ibid.

⁵FRAGA F.W. *Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo/Salvador, Hucitec/Edufba, 1996, p.39. Groisman reconhece que embora sua pesquisa retrate o cenário carioca, muitos destes fenômenos sucederam de maneira semelhante nas demais cidades brasileiras.

⁶ Ibid, p. 76.

Na verdade, o procedimento de se alojar os velhos e os mendigos nos mesmos espaços, espaços estes infectados, denominados lazaretos, reflete uma postura da sociedade em equiparar os velhos e os mendigos aos leprosos, pessoas com as quais a sociedade desta época mantinha todo um afastamento e isolamento. Quer dizer, *a pobreza era considerada uma lepra social, e os velhos por serem pobres e viverem à mercê da caridade pública, eram tidos como uma peste da sociedade e, como os leprosos, deveriam ser afastados e segregados* (FILIZZOLA, 1979: 28).

Como se percebe, a velhice já era um problema social, só que reunida a outras categorias sociais. Porém, a faixa etária significava um fator relevante, uma vez que consagrava o velho como *'pobre merecedor'*, contrapondo a outra categoria, *'os vadios'*, na qual se enquadravam, de forma geral, os jovens.

Nesta época, a caridade cristã era o acesso para se obter assistência. É a fase denominada caritativa, caracterizada por ações paternalistas de ricos e poderosos com vistas a amenizar o sofrimento dos desvalidos por meio de esmolas, privilegiando a caridade e a beneficência. Dessa forma, esperavam merecer a salvação de suas almas, bem como o reino dos céus, reconhecimento e o *status* de beneméritos na sociedade. Procurava-se manter esse contexto, preservar a ordem, estimulando comportamentos conformistas. O Estado era organizado de modo a resguardar os interesses das classes privilegiadas, cabendo gerenciar a economia, à medida que o assistencialismo era praticado pelas associações leigas e pela sociedade civil (MARCÍLIO, 1998). Inexistia sequer algum planejamento, de modo a separar, hierarquizar e classificar os inúmeros assistidos sociais, sendo este cenário alterado a partir da 2ª metade do século XIX.

Contudo, a atenção à velhice como uma questão de direito já foi reconhecida no Brasil Colonial, quando o Conde de Resende (V Vice-Rei) escreveu uma carta à Coroa de Portugal, defendendo a idéia de que os soldados velhos mereciam uma velhice digna e descansada. Assim, no ano de 1794, começou a funcionar a casa dos Inválidos (RJ), mantida pelo V Vice-Rei, baseada, não na caridade, mas no direito de merecer um final de vida tranqüilo pelos serviços prestados à Pátria.

Nomeado como a fase da filantropia, o período que vigorou entre a 2ª metade do século XIX e meados do século XX se traduz como um momento de intensas transformações no que se refere às políticas sociais. Dentre as mudanças, destacam-se:

(...) A queda da Monarquia; a separação da igreja do Estado; a quebra do monopólio religioso da assistência social, o avanço da legislação social pró-infância; a instituição do estatuto legal da Adoção; a construção dos Direitos da Criança; as grandes reformas do ensino da década de 30 (de Francisco Campos) e de 1961 (das Diretrizes e Bases da Educação) e a emergência do Estado-Protetor, ou do Estado do Bem-Estar (década de 1960). Aos poucos, a sociedade brasileira ia rompendo a velha ordem oligárquica e implementando a ordem social burguesa, a ordem econômica industrial capitalista (MARCÍLIO, 1998:191).

Na 2ª metade do século XIX, intensifica-se o discurso filantrópico, concomitante à formação da Medicina social, e assim, a administração da pobreza é redimensionada. Com a abolição da escravatura, os pobres livres passariam a ser trabalhadores assalariados, mas nem todos conseguem se inserir no mercado formal de trabalho e a pobreza surge como um fato econômico desvinculado dos aspectos morais e religiosos, criando-se, por outro lado, mecanismos de controle e repressão para com a população indigente.

A filantropia desponta nesta época, dando continuidade à caridade, porém com outro conceito de assistência, visto que a piedade passou a ser alvo de críticas em razão da falta de organização do seu método de trabalho. Por trás desta inovação, estavam os médicos que começavam a se aperfeiçoar no Exterior, trazendo experiências voltadas para o atendimento social.

A Medicina social é considerada um grande marco deste período, mediando sua prática no espaço urbano, denunciando as condições anti-higiênicas flagradas no estilo de vida dos pobres, considerado de alto risco, ocasionando doenças à população. Paralelo ao trabalho dos profissionais da Medicina, engajaram-se também os do Direito, elaborando projetos de política assistencial com a preocupação de extinguir as práticas caritativas. Desta forma, tanto os mendigos como os vadios deveriam ser banidos das ruas e para isso foram criadas as primeiras instituições a fim de acolher os inválidos.

Somente no início do século XX, as categorias sociais ganharam a devida definição, ou seja, as instituições tiveram seus espaços ordenados em função de cada tipo populacional: as crianças ficariam em orfanatos, os loucos iriam para o hospício, e definitivamente, os velhos para o asilo.

Portanto, a história da institucionalização da velhice começa como uma prática assistencialista, predominando na sua implantação a caridade cristã, sendo a assistência enfatizada após a influência da Medicina social, somente depois de muitos anos. PAVARINI (1996), ao fazer uma breve contextualização sobre a assistência social ao velho, conclui que *a institucionalização continuou a ser o principal reflexo da pobreza individual e familiar, e o termo asilo cristalizou-se como sinônimo de instituição para idosos pobres* (p.27).

Porém, de outro lado, como bem lembra BORN (1996, 2000), no transcorrer do XII Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia da SBBG⁷, a partir da década de 1960, quando se inicia a organização da Sociedade de Geriatria, mais tarde transformada em Geriatria e Gerontologia, começam a surgir as primeiras clínicas geriátricas e casas de repouso, não filantrópicas. A institucionalização da velhice deixa de ser apenas uma prática filantrópica e passa a se transformar também em fonte de renda, considerando o aumento desta população à mercê de cuidados especiais, acompanhado da impossibilidade da família em arcar com este aparato. A crescente procura pelo internamento tem motivado a criação de instituições de longa permanência, sobretudo, com fins lucrativos.

O estudo acerca dos asilos brasileiros é ainda incipiente e o referencial mais notório é do francês Michel Hôte (1988), que se deteve em pesquisar os programas para a população envelhecida, havendo constatado que de 0,6% a 1,3% se encontrava em instituições. O pesquisador observou que, diante das condições precárias da sociedade e da crise da previdência social, a institucionalização ainda é a alternativa conveniente, sendo preciso desmistificar a idéia de que todos os asilos são hostis ou, como conceituam os especialistas brasileiros, *'depósitos de velhos'*. Paralelo a isto, também verificou que as instituições têm se esforçado no sentido de inovar o atendimento de forma a melhorar o acolhimento destas

⁷ <http://www.sbgg.com.br/forum/relat.htm>.

peças, e um exemplo visto foi a redução do número de leitos por quartos ou a criação de pequenas casas anexas (PAVARINI, 1996).

Não se pode negar a viabilidade do atendimento asilar frente ao contexto em que o País se encontra, porém há que se qualificar esse serviço, uma vez que se trata de uma população que demanda cuidados mais complexos. O que não faz sentido é delegar a responsabilidade à boa vontade das instituições filantrópicas, imbuídas de um caráter assistencialista. A experiência em países centrais vem demonstrando que a procura por vagas para os mais velhos está se intensificando.

No Canadá, há previsão para aumentar 18% dos leitos até 2006, com o fim de se atender os que têm 85 anos e mais. Embora tenha havido no Japão uma preocupação em se ampliar o número de instituições na década de 1980 para velhos dependentes, na década seguinte, o governo priorizou a oferta de serviços que mantivessem o velho na comunidade (BORN, 1996, 2000).

GOFFMAN (1987) é uma referência essencial quando se trata de discutir o tema asilo, que ele classifica como instituição total.⁸ Segundo o autor, a vida humana numa instituição total é reprimida, conduzindo à *mortificação do eu*, isto é, o contexto asilar impede a pessoa de ter o controle de sua vida, prevalecendo a necessidade de uma adaptação às normas de uma ordem administrativa, dado o caráter disciplinar imposto, como: horário para deitar, levantar e comer, usar uniforme padronizado, aceitar o quarto o qual terá que dividir com pessoas estranhas. Deverão se conformar em se desligar de certos objetos pessoais, uma vez que a instituição não tem estrutura para recolhê-los, devendo todos se adaptar a uma uniformização da disposição dos alojamentos.

A discussão da imposição de uma disciplina no controle das instituições está presente na obra de FOUCAULT, *Vigiar e punir* (1987), na qual a divisão do tempo (velha

⁸ “Local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”. GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

herança oriunda das ordens religiosas) era cada vez mais detalhada. *A exatidão e a aplicação são, com a regularidade, as virtudes fundamentais do tempo disciplinar* (p.129).

Segundo o autor, a disciplina leva a organizar um espaço analítico, utilizando-se de técnicas para distribuir os indivíduos nos espaços, ou seja:

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar (p.123).

Realizada a ordenação da coletividade, a disciplina permite, então, reforçar seus mecanismos internos de poder em função de uma sociedade organizada.

De um modo geral, no que diz respeito à instituição asilar e aos relacionamentos que lá ocorrem, a literatura descreve como um cenário fadado ao desprezo e aos conflitos entre os residentes e os funcionários.

Surpreende, nos asilos, a quantidade de conflitos, brigas e desentendimentos entre os residentes e deles com o pessoal técnico e administrativo. Literalmente, os residentes fazem, uns aos outros, perder o controle, ter insônia, entrar em palpitação (DEBERT, 1999:100).

Fica demarcada a divisão básica entre o grupo controlado (internados) e a equipe dirigente. Cada grupo tende a relacionar-se, fazendo predominar estereótipos limitados e hostis. Há uma concepção geral, por parte da equipe dirigente, de que os internados são pessoas amargas, ignorantes, revoltadas... O convívio entre internados e funcionários se estabelece numa rotina de atritos, agressões verbais e ou psicológicas. No caso dos velhos, é comum não serem mais chamados pelo nome (a grande mutilação considerada por GOFFMAN) – são tratados por vovô, vovó, meu bem... despossuídos de nome e de identidade ao que se soma ainda um tratamento infantilizado, percebendo-se uma intolerância para com o velho.

Esse tratamento equivocado pode ser visto no campo de trabalho ora pesquisado. Alguns funcionários se dirigem aos velhos como se estivessem falando com crianças, modificando a voz para mimá-los.

A funcionária lida com alguns velhos de forma infantilizada (Diário de campo, 28/12/01).

“As pessoas daqui são mal-educadas e falta mais união” – Comentário de um residente (Diário de campo, 27/12/01).

Presencio a discussão de dois residentes e se a assistente social não tivesse ido mediar, os dois partiriam para a agressão física. Ela interveio argumentando que um era mais novo do que o outro (Diário de campo, 18/12/01).

“Amigas aqui, só as doutoras da casa” - Comentário de uma residente (Diário de campo, 20/12/01).

A assistente social comenta que no asilo existe muita fofoca entre os funcionários, principalmente entre os funcionários da enfermagem. Inclusive, de acordo com ela, a Diretora conduziu um treinamento de relações humanas, mas não se viu resultado (Diário de campo, 26/12/01).

“Prefiro morrer logo do que ficar neste lugar. Aqui, só tem gente baixa. Eu não estava acostumada com isso” - Comentário de uma residente (Diário de campo, 11/06/02).

Outro aspecto agressor ao eu, citado por GOFFMAN, reside no fato de o internado não ter mais controle sobre seus objetos de uso pessoal, como cosméticos e roupas, bem como um local que o próprio julgue adequado para guardá-los, quer dizer, essencial para o indivíduo, um *estojo de identidade* a fim de que sejam preservados a sua aparência pessoal e o seu estilo.

PRETI (1991) é da opinião de que esses ambientes só tendem a proporcionar uma vida isolada, silenciosa e introspectiva, em oposição a uma integração. Mantém-se uma postura administrativa em que a ordem é descansar, diminuindo-se os diálogos. O autor

lembra que, na sua origem, a população brasileira se concentrou predominantemente na área rural, onde o velho tinha uma vida participativa na família, integrando-se a outras gerações e desenvolvendo o seu papel social. A ausência deste papel repercute em efeitos desastrosos, caracterizando-se num processo discriminatório que cada vez mais está se ampliando nas sociedades em desenvolvimento.

Estudos apontados pelo autor indicam que as normas internas das instituições geriátricas contribuíam para um afastamento dos problemas sociais externos, restringindo os internos à discussão somente sobre a vida interna do asilo, proibindo-os de se posicionar a respeito da vida privada, como se tivesse acontecido uma ruptura total que ligava esses internos à vida familiar e social. Continuando, Preti cita WINKIN⁹, que chamou a postura destas instituições totalitárias como *a suave violência do silêncio*.

É impressionante o fato de que, BEAUVOIR (1987) ter escrito *A Velhice* em 1970, sua descrição em torno da estrutura asilar não difere de como se encontram, atualmente, estas instituições. Percebe-se que pouco ou quase nada mudou. Frequentemente são prédios centenários que não são, de modo algum, adequados à sua nova função. Comportam um grande número de escadas, e geralmente não têm elevador, impedindo a saída de certos velhos para outros andares. Com relação aos dormitórios, os doentes permanecem deitados a maior parte do tempo, considerando que raramente há biombos entre os leitos, nem armário individual. Em virtude da antiguidade dos prédios, os cômodos em geral são sombrios. O cardápio é o mesmo para todos, não se ponderando regimes que seriam desejáveis para cada um. O atendimento médico é precário, dispondo cada instituição de apenas um médico para atender todos os internos.

Ante esse cenário, uma grande inconveniência percebida é que, muitas vezes, o asilo atende uma pessoa como se fosse uma massa, o que não é viável, uma vez que as necessidades não são iguais.

⁹ WINKIIN, Y. (org.). **La nouvelle communication**. Paris. Édition de Seuil, 1981.

Entretanto, há heterogeneidade entre os asilos, os velhos e as relações que se estabelecem entre a equipe atuando no asilo e os velhos, sendo descartada a premissa de que todas as instituições são ambientes hostis e impessoais, como afirma a literatura de uma forma geral. Assim, fica a hipótese de que a experiência institucional poderia ser vista também como espaço de sociabilidade bem-sucedido.

Planejar um envelhecimento institucionalizado de maneira positiva requer, antes de tudo, uma análise socioeconômica e cultural, ponderando as alterações ocorridas na estrutura familiar, o impacto da transição demográfica, o percentual dos velhos cuja dependência exija cuidados especiais, o papel da sociedade civil, o aperfeiçoamento dos recursos humanos, enfim, indicadores que permitam uma reflexão sobre como é o papel desenvolvido pelas instituições e o que pode ser mudado, quando se pensa em dignidade na velhice (BORN, 2000).

Embora a contribuição das entidades não governamentais tenha aumentado nos últimos tempos, o Estado continua a ser o maior provedor na assistência à população idosa. Na década de 1990, houve uma expressiva criação de legislação e de programas sociais destinados especificamente a esse grupo. Este impulso decorreu da Constituição de 1988, que trata, no capítulo da Seguridade Social, sobre questões sociais voltadas aos velhos. Essas disposições constitucionais favorecem e incentivam a elaboração de legislação complementar acerca do assunto (CAMARANO et al., 1999, 2000, 2002).

É válido ressaltar que existe a Portaria Ministerial 810/89, que estabelece normas para o funcionamento das instituições asilares, classificando os serviços a serem prestados: assistência médica, odontológica, enfermagem, nutricional, psicológica, farmacêutica, atividades de lazer, atividades de reabilitação física, serviço social, apoio jurídico e administrativo.

A LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social – Lei n. 8.742, de sete de dezembro de 1993), além de tratar da organização das políticas de assistência nas três esferas do governo, determina sobre medidas específicas, como o pagamento de um salário mínimo de benefício mensal àqueles que possuem a partir de 70 anos e que comprovem não ter meios de prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por sua família (art.20).

A PNI (Política Nacional do Idoso - Lei 8.842, de quatro de janeiro de 1994) é considerada uma das mais avançadas do mundo, com um projeto bastante amplo que visa a atingir a melhoria da qualidade de vida dos velhos em todos os aspectos, por meio de parcerias entre organizações governamentais e não-governamentais.

Em linhas gerais, o objetivo da PNI é promover ações setoriais integradas, em que ONGs e cada Ministério, em conformidade com suas atribuições, viabilizem programas sociais, visando ao bem-estar da população idosa em todas as esferas, de modo a possibilitar a ressocialização desta, através da participação, ocupação e contato com as demais pessoas e dar agilidade a novas opções de atendimento. É também oportuno destacar que um de seus pontos mais interessante, e certamente essencial, é que não é uma política restrita somente aos que estão velhos, mas também àqueles que vão envelhecer ¹⁰.

No que concerne à institucionalização do velho, a PNI prioriza a vida deste junto à sua família, uma vez que há mais vínculo. Essa norma foi regulamentada pelo Decreto n. 1948, de 3 de julho de 1996, que se refere à prestação de assistência aos velhos nas modalidades asilar e não asilar. A primeira, no art.3º é definida como *o atendimento em regime de internato, ao idoso sem vínculo familiar ou sem condições de prover à própria subsistência de modo a satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social*. Também é estabelecido que *a assistência na modalidade asilar ocorre no caso da inexistência do grupo familiar, abandono, carência de recursos financeiros próprios ou da própria família*.

A prioridade é que o velho permaneça com a família e junto à comunidade. Daí a necessidade de se fomentar serviços voltados para a modalidade não asilar, ou seja, centros de convivência, centros de cuidados diurnos, atendimento domiciliar, enfim, outras formas de atenção que promovam a integração do segmento idoso na família e na sociedade.

¹⁰ COSTA, L.V. A. – Seminário – “Política Nacional do Idoso: Perspectiva Governamental” – Anais do I Seminário Internacional Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século – MPAS, SAS – Brasília, DF, 1996.

Ressalte-se que, no asilo ora pesquisado, 44% dos internos moravam com seus componentes familiares, sendo o baixo poder aquisitivo o principal motivo da institucionalização.

É importante enfatizar que o referido Decreto, no seu art.18, proíbe a permanência *em instituições asilares de caráter social, de idosos portadores de doenças que exijam assistência médica permanente ou de assistência de enfermagem intensiva, cuja falta possa agravar ou pôr em risco sua vida ou a vida de terceiros.*

Não resta dúvida de que o plano foi bem preparado, pois contempla ações de todos os setores - da saúde ao lazer - todavia, sua implementação ainda é incipiente. Poucos têm conhecimento sobre os seus direitos.

O cumprimento destas normas não é satisfatório, pois a distância entre o ideal e o possível é muito grande e percebida no cotidiano de instituições cuja filantropia da comunidade ainda se faz presente.

Em uma pesquisa realizada pela Enfermagem da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo)¹¹ sobre a estrutura física de 29 asilos da zona sul da cidade de São Paulo, foi constatado que a infra-estrutura da maior parte deles é inadequada, sendo a população idosa abrigada em condições precárias. A norma do Ministério da Saúde impõe que haja no máximo quatro leitos por dormitório. Em 70% das instituições beneficentes pesquisadas, foram encontrados quartos com seis camas ou mais. Mas como disse Neidil Espínola da Costa, assessora da área técnica da Saúde do Idoso, do Ministério da Saúde, *é uma situação complicada, uma vez que não se pode fechar estas instituições. Para onde seriam levados os velhos?*

A assessora é da opinião de que o asilo deve ser a última escolha para o velho e, embora necessitando de cuidados, este não deve se separar da família nem da sua comunidade. Para isso, sugere outras estratégias, como o centro-dia ou hospital-dia, apesar de reconhecer que no Brasil, o total dessas instituições não chega a dez. Finalizando, Neidil expõe que, por ela, não se criaria mais nenhum asilo e sim a revitalização dos que existem e,

¹¹ <http://www.unifesp.br/comunicação/jpta/ed147/pesq2.htm>

concomitante a esta solução, projetos que contemplem a assistência ao velho em casa por meio de agentes comunitários, como também de um suporte (medicação, fraldas, cadeira de rodas...) e apoio financeiro para a família manter seus velhos em casa. Segundo a técnica, a cidade do Rio de Janeiro já conta com um projeto-piloto.

A grande repercussão da tragédia ocorrida na Clínica Santa Genoveva, no ano de 1996, na cidade do Rio de Janeiro, onde 94 mortes foram registradas num período de dois meses, trouxe à tona a discussão em torno de como se insere atualmente o campo das instituições para velhos.

Foi um fato de tamanhas proporções que ocupou nos meios de comunicação espaço por diversos dias. A argumentação da equipe administrativa da clínica fundamentava-se na proliferação de uma bactéria mortífera. Entretanto, o que se constatou foi falta de higiene e maus tratos. A maior parte dessas vítimas era abandonada pelas famílias.

A mídia noticiou, minuciosamente em que condições estava o interior do *depositário de velhos*, como é considerado na reportagem:

A cozinha e as enfermarias foram flagradas imundas, pacientes tinham suas roupas de cama sujas de fezes, ninguém possuía dieta especial e muitos recebiam ração de cachorro misturada à comida. O problema mais grave, no entanto, foi a péssima qualidade de água servida. Um exame descobriu que estava cheia de coliformes fecais e das bactérias shigella e salmonella (ALVES FILHO, 1996:2).

Diante de todo esse escândalo, revela-se um sistema de saúde deficitário que se beneficia da exploração do doente. Esta instituição era destinada ao atendimento de doentes mentais e velhos, sendo designados como *pacientes fora da possibilidade terapêutica* e os *pacientes sociais*, classificação determinada pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Os primeiros se definiam como os que estavam na fase terminal, sem perspectiva de cura. Já os outros, gozavam de saúde, mas não tinham para onde ir, uma vez que suas famílias desapareceram (GROISMAN, 1999).

Surpreende é que o objetivo da Clínica Santa Genoveva não era a cura e, segundo dados do Ministério da Saúde, o SUS repassava mensalmente, por paciente, uma quantia

vultosa¹². Os proprietários da instituição, entre outros dez hospitais, foram considerados aos olhos da opinião pública como os principais responsáveis por este desrespeito à vida humana, enriquecendo-se ilicitamente, por meio de fraudes e transformando suas clínicas em um grande negócio (ALVES FILHO, 1996).

Vale ressaltar que a clínica foi fechada logo que seus pacientes foram transferidos para outras unidades, como a Santa Casa de Misericórdia e o Hospital-Escola São Francisco de Assis, especializado em doentes crônicos. No entanto, o que se deve refletir com base neste acontecimento é analisar como está inserido o campo das instituições asilares, enfocando a constituição da velhice como objeto de prática institucional, uma vez que, na sociedade moderna, o envelhecimento populacional vem sendo um tema privilegiado ao se pensar em políticas públicas.

No ano de 2001, uma comitiva de deputados federais realizou uma inspeção em 28 asilos localizados em quatro estados brasileiros – Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Paraná. Foi verificado em quase todas estas instituições visitadas, o desrespeito aos direitos humanos básicos: *Mesmo depois de caravanas em presídios, manicômios e Febems, o que vimos foi absolutamente impactante*, resume Rolim, relator do grupo parlamentar. Chega-se à conclusão de que os asilos são instituições de abandono¹³.

O relatório dessas vistorias acusa que o País está ausente de todas as esferas e que o abandono do poder público é notório, principalmente entre os 19 mil velhos que moram em asilos, de acordo com os dados do Governo federal. Há que se supor que, como a maioria das instituições funciona clandestinamente ou sem registro, essa estatística deve ser bem superior.

O parecer também menciona barreiras arquitetônicas que prejudicam o dia-a-dia dos asilados: prédio de quatro andares sem elevador; falta de corrimão em escadas ou barras de segurança em banheiros e camas, resultando em diversos casos de velhos feridos em função das quedas.

¹² O valor correspondente a R\$ 540,00.

¹³ <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/brasil/2002/03/17/jorbra20020317.html>

Outra situação inadequada encontrada relacionou-se à alimentação. A comitiva teve acesso a instituições que não planejavam dieta específica nem para diabéticos nem para hipertensos, doenças estas não raras na velhice. Impressionou, ainda, a qualidade da água servida aos velhos, pois, nas amostras recolhidas em doze instituições, sete possuíam coliformes fecais.

Somado a estes problemas que permeiam o cotidiano das instituições asilares, outro que se apresenta é a exploração do desamparo de velhos no Brasil. No referido relatório é recomendado que se realize uma auditoria num determinado abrigo. Tal instituição recebe verbas do governo federal, cobra taxas equivalentes a um salário mínimo e angaria fundos donativos da comunidade.

O documento é finalizado com propostas que objetivam a melhoria das instituições. Entre elas, destacam-se:

(...)14 normas mínimas de segurança para os asilos, que devem ser fiscalizadas pelo poder público. O relatório recomenda a transferência dos portadores de doenças infecciosas ou que necessitam de assistência médica permanente para instituições de natureza hospitalar. Também sugere a instalação imediata do Conselho Nacional do Idoso, a criação de uma Coordenação Nacional da Política do Idoso e o cumprimento da portaria interministerial de 1999, que prevê a formação de pessoal para atendimento em casas e instituições dedicadas à terceira idade¹⁴.

Além de cuidados viáveis nas instituições asilares, a depressão causada pelo internamento é também um dos fatores que tem levado à morte. Pesquisa realizada por médicos do Hospital Geriátrico e de Convalescença D. Pedro II, da Santa Casa de São Paulo, revelou que a solidão antecipa o fim da vida. De acordo com o estudo, das 174 pessoas que faleceram em 1994 naquela instituição, metade morreu antes de um ano de internação. Nada menos do que 19% morreram em menos de um mês de internação e outros 21% tinham entre um e seis meses na instituição. Alguns desses internos já estavam em fase terminal, mas outros velhos morreram porque ficaram deprimidos ao chegar ao asilo (PEREIRA, 1996).

¹⁴ Idem, 2002, p.2.

O geriatra e professor da Faculdade de Medicina da Santa Casa, ora citada, salienta que a dor da ruptura leva a uma fragilidade que culmina na depressão, enfermidade que mata. Sem vontade para fazer nada e amargurado, o velho se alimenta inadequadamente, ficando deitado na maior parte do tempo. Toda essa apatia é um caminho fácil para o surgimento das doenças infecciosas. A alimentação precária debilita o sistema imunológico, responsável pela defesa do corpo contra os germes. Quanto mais tempo deitado, maiores as possibilidades do aparecimento de escaras, feridas que proliferam rapidamente e que servem de porta de entrada aos agentes infecciosos. Na escalada da morte, é um período a curto prazo.

É visível que, na maioria dos casos, a situação financeira é a causa imediata que instiga a família a institucionalizar o parente, decisão esta, geralmente dolorosa para ambas as partes. No entanto mais lamentável ainda é abandonar o membro familiar velho e não oferecer-lhe afeto. A título de exemplo, em entrevista a um Jornal no em Porto Alegre, cidade com o *status* de melhor qualidade de vida no Brasil, um ex-marinheiro mantinha um asilo com oito velhos, clandestinamente. Era um chalé de oito cômodos, deteriorado por cupins e infestado por pulgas, segundo a reportagem. Ele afirmou que as famílias sabiam que ele estava trabalhando de forma ilegal, além de serem conscientes das condições de acomodação, como também da escassez de alimentos e medicamentos, mas, conforme o “administrador”, as pessoas quando visitavam seus parentes não demoravam e evitavam falar em problemas. Confirmou que a maioria das famílias mentiam para seus velhos. Argumentavam que era só para fazer exames médicos e que iriam buscá-los dias depois. O procedimento do pseudo-administrador nesta situação era mentir da mesma forma, reforçando a mentira de que os internos voltariam para suas casas. De acordo com ele, quando os internos tomavam consciência da situação de fato, entravam em depressão, adoeciam e, em pouco tempo, alguns morriam. Ele chamava os parentes, mas estes não iam e, quando apareciam, muitos deles nem desciam dos carros. Entregavam roupas, remédios, alimentos e sumiam por muito tempo. Na sua percepção, o que os velhos querem nenhum asilo pode oferecer, ou seja, a companhia de seus componentes familiares (MARIANO et al., 1996).

Vale salientar que a solidão e o abandono na velhice não constituem somente uma realidade das classes menos favorecidas. Situações como estas podem ser verificadas entre aqueles os que detêm mais recursos e que jamais pensariam um dia estar nesta condição.

Exemplo disso é retratado pela REVISTA ÉPOCA, numa reportagem realizada na Casa São Luiz, que abriga 257 velhos, na cidade do Rio de Janeiro:

Nasceu antes da invenção da aposentadoria para obrigar os operários das fábricas de tecido quando já não tivessem forças para mover as máquinas. Um século depois, é habitada por doutores e comerciantes, empresários e intelectuais. Gente de classe média e também de sobrenome ilustre, capaz de pagar uma suíte particular. Restaram 54 paridos pelo berço original de desvalidos. Operários, empregados do comércio, costureiras, lavadeiras, domésticas que descansam o corpo em camas gratuitas de dormitórios arejados, mas coletivos. Como lá fora, entre os pobres e os ricos há uma longa escadaria, o poder inversamente proporcional ao número de camas que abrigam sono e sobressaltos (BRUM, 2001:84).

Ao longo da matéria, são relatadas histórias de vida permeadas por desabafos melancólicos, deprimentes e, como não se deixaria de enfatizar, é lembrada a falta que os filhos fazem, acompanhada da espera inútil pelas suas visitas.

Como lembra BARROSO (1988, 1992), o asilamento para o rico dói muito mais, pois este se impõe pelo poder pessoal, político e financeiro. Como demonstram as estatísticas dos países centrais acerca dos velhos ricos, internados contra a vontade, a morte social e a biológica ocorrem aos seis e doze meses, respectivamente. Já com os pobres, continua a autora, o que acontece geralmente é uma fácil adaptação, haja vista a garantia da sobrevivência, justificada pelos cuidados alimentares e médicos.

Considerando, ainda, que o asilo aqui pesquisado, é localizado na região Nordeste, onde vive a metade dos brasileiros que estão abaixo da linha de miséria (MENDONÇA, 2002), a modalidade asilar nem sempre representa o caos ou a abreviação da vida. Pelo contrário, pode vir a ser um período de tranquilidade e sossego, deixando o velho de ser uma sobrecarga para a família.

“Lá no interior, as pessoas não querem saber de trabalho. Já se satisfazem com o feijão e acham que cuidar de velho, dá muito trabalho. Não querem nem por muito dinheiro” – Depoimento de uma senhora que foi procurar uma vaga no asilo para a sua irmã de 94 anos. Segundo ela, a irmã não estava com doença

alguma, mas que “cuidar dela é muito trabalhoso e os vizinhos já reclamam do barulho que ela faz” (Diário de campo, 31/07/02).

Contudo, seria inadequado julgar sempre a família pela infelicidade dos seus velhos, como está ressaltado no decorrer deste trabalho. Há de se considerar que as pessoas não mudam em função da idade. *Os velhos também são tiranos, chatos e indiscretos. O avanço da idade cronológica não é garantia para um comportamento adequado* (DEBERT, 1999:132). Além do mais, há circunstâncias em que o família está completamente impossibilitada de assumir os seus velhos e, na falta de outras opções, vê-se obrigadas a decidir pelo internamento, o que não exclui o sentimento de remorso.

A DECISÃO PELA INSTITUCIONALIZAÇÃO

A casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção.

Gaston Bachelard

De uma forma geral, o tema asilo direciona a conotações negativas, sendo visto como um local para esperar a morte chegar. BEAUVOIR (1990) já dizia que *todos os processos patológicos aos quais a velhice está sujeita precipitam-se no interior dos asilos* (p. 319). A valorização negativa é mais incisiva quando a decisão pela institucionalização é tomada pela família.

Porém, como se escreveu anteriormente, os asilos são heterogêneos e a opção pela institucionalização nem sempre pode ser vista como uma forma de abandono, como a maior parte da literatura expõe. Cada situação requer estudo, objetividade, profissionalização (WAGNER, 2001).

PAVARINI (1996) parte do pressuposto de que a maioria dos velhos que se encontra em asilo foi persuadida pela família, que sustenta o argumento de que no asilo teriam melhor assistência médica e um espaço próprio e garante que se trata apenas de uma situação temporária.

Segundo ZARITI¹ (apud PAVARINI, 1996), a decisão de institucionalizar é causada por aspectos voltados às tarefas de cuidar que se tornam demasiadamente difíceis, tanto do ponto de vista emocional quanto físico; a doença e a conseqüente dependência do velho; a constante necessidade de hospitalizar; a proximidade da morte; os conflitos entre os papéis profissionais e familiares do cuidador e as necessidades crescentes do velho; e dificuldade de relacionamento entre o cuidador e o velho.

¹ZARITI, S. H. *Interventions with frail elders and their families are they effective and why?* In: STEPHENS, M. A. P., CROWTHER, J. H., S. E., TENNEBAUM, D. L. *Stress and copin in later life families*. New York: Hemisphere Publishing, 1990.

GONYEA (1987) entende que a decisão pela institucionalização transita por quatro estágios: *reconhecimento, discussão, implementação e internação*. O reconhecimento da necessidade de institucionalizar está voltado para analisar se a decisão aconteceu por conta do agravamento das condições gerais dos velhos. Na discussão, busca-se saber se o cuidador questionou a possibilidade de se institucionalizar. Na fase de implementação, é verificado o grau de envolvimento do responsável pelo velho nas providências para a admissão deste. Por último, o quarto estágio remete à realização do internamento.

No III Congresso Brasileiro de Bioética, Grenn² (apud GOLDIM, 2000) fez referência a uma pesquisa realizada nos EUA, onde foi indagado para uma amostra de adultos sobre a alternativa entre *manter os familiares velhos em casa, recebendo uma complementação de renda por esta tarefa ou mantê-los em instituições, com acréscimo de impostos para gerar os recursos necessários* (p.1). A segunda opção foi predominante.

É esperado que os filhos, na fase adulta, se responsabilizem pelos pais necessitados. Entretanto, não existe um consenso sobre esse assunto. Jane English³ (apud GOLDIM, 2000) defende a idéia de que os *deveres dos filhos adultos são aqueles dos amigos, e resultam do amor entre eles e seus pais ao invés de ser uma obrigação de retribuição aos sacrifícios anteriores de seus pais* (p.1).

Por outro lado, GOLDIM contrapõe com as afirmações de Meyers e col.⁴, fundamentando que os filhos devem exercer papéis especiais para com seus pais, prevalecendo a gratidão e a reciprocidade, ilustrando, assim, com o posicionamento de Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, o qual legitima a dívida dos filhos para com os seus pais na

² <http://www.ufgs.br/HCPA/gppg/famili.htm>

³ ENGLISH, J. 'What do Grown children owe their parents?' In *Aging and Ethics: Philosophical Problems in Gerontology*. Edited by Nadir S. Jecker. Clifton, N. J.: Humana, 1991: 147-154.

⁴ MEYERS, D. T., KIPNIS, C. F. *Kindred Matters: Rethinking the Philosophy of the family*. Ithaca, N.Y.:

velhice: *quando se trata de prover a subsistência, temos que ajudar nossos pais antes de quaisquer outras pessoas, já que lhes devemos a nossa subsistência até certa idade* (p.1).

Porém, como expõe BORN (2000), há muitos mitos sobre a família e a instituição, considerando a escassez de estudos brasileiros acerca desta temática. Assim, é natural atribuir à família a tarefa de assistir os seus velhos. No entanto, o fato é que nem todas as famílias, em face das condições psicossociais e econômicas, estão preparadas para manter seus velhos e, diante desta impossibilidade, uma das opções encontrada é o internamento asilar.

A decisão pode ser mal interpretada pelo velho, o que leva a guardar mágoa contra os que o separaram do convívio familiar, encarando como um abandono, de forma a não os perdoar (LIMA, 1988). Relembrando, o que deve ser ponderado, é como foi conduzido o processo de envelhecimento, ou seja, há toda uma construção de vida, na qual a velhice por si só não é condição para que os velhos se sintam no papel de vítima e a família de culpada. Como esperar receber o que nunca se doou? O filho que nunca recebeu carinho nem amor, provavelmente, não terá como retribuir afetivamente ao pai, agora carente de atenção e de cuidado.

De uma forma geral, é uma decisão difícil que pode causar um sentimento de culpa, impotência, remorso e medo de enfrentar a reprovação da opinião pública, cuja tendência é considerar a institucionalização como abandono e a família como uma instituição fundamental para o convívio de seus membros. É nela que o velho se viu nascer, crescer e produzir, construindo sua história numa rede de relações.

Posto que o fato de se morar com a família nem sempre seja garantia de proteção, como se escreveu anteriormente, é reconhecido também que o ambiente da casa é um referencial importante e, como enfatiza BACHELARD (1988), ela é o primeiro mundo do ser humano. *Antes de ser 'jogado no mundo', como professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa* (p.27). Não há como dissociá-la da família no ambiente onde nos sentimos protegidos ou acolhidos. O autor atribui à casa o depositário das lembranças: *É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais* (p.29).

Os objetos e a escolha de suas disposições na casa simbolizam toda uma construção impregnada de valores e sensação de pertença. Para LUCENA (1996), uma mudança física pode representar angústia, medo, insegurança, sensação de perda... principalmente quando esta mobilidade que não é só de lugar, mas também do ser, é contrária ao desejo do próprio indivíduo. *Quando um grupo se transporta para um novo espaço, antes de sua adaptação é como se tivesse deixado para trás a personalidade* (p.228).

BOSI (1994) acredita que na própria família, existe uma cumplicidade por parte dos adultos em conduzir os velhos, em provê-los de cuidados para o 'próprio bem', privando-os da liberdade de escolha, estimulando-os a ficar dependentes, "gerenciando" sua aposentadoria, decidindo que mudem de casa, submetendo-os a internação, pensando os velhos ser esta uma situação provisória. Muitas vezes é dessa maneira que se inicia o abandono de fato.

Em sua obra *Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos* (1994), a lembrança da casa se fez constante nas autobiografias. É neste lugar de pertença que o velho reúne detalhes de toda uma vida, dotados de significados compreensíveis somente para aqueles que ali estabeleceram um vínculo. De nada adiantaria o indivíduo descrever minuciosamente o modelo de sua casa, pois os valores de intimidade e pertença são intransferíveis. Não importa se é um ambiente suntuoso. O essencial é que, no seu canto, a pessoa mantenha os seus pertences, a sua individualidade e continue enriquecendo a sua rede de relações.

O espaço em que viveu uma família, durante anos, há de expressar algo sobre quem foram essas pessoas. A mudança deste espaço representa uma ruptura com o modo de vida, pois como tão brilhantemente captou LUCENA (1996): *Os lugares ocupados por um grupo não podem ser considerados como um quadro negro sobre o qual se escreve e depois se apagam as anotações. O lugar recebe a marca do grupo e este a marca do lugar* (p.224). BEAUVOIR (1990) argumenta que independentemente de se ir para o asilo, a própria mudança de lugar, seja ela de que tipo for, afeta profundamente a vida do velho, culminando muitas vezes na sua morte.

FERREIRA M.(2000), em pesquisa com velhos, a maioria dos quais moram sozinhos em suas casas, refere-se a essas como casas-testemunhos, uma vez que trazem marcas do

passado, sempre associadas ao contexto familiar. *Entendida como espaço simbólico, a casa passa a ser integrada ao indivíduo, através de suas vivências, sendo elemento importante na manutenção da identidade social do idoso* (p.215). Esta inserção é fundamental na formação da sociabilidade, por meio da qual acontece a apreensão de pertença.

A referida autora comenta que uma de suas depoentes se queixava da insistência dos filhos em querer levá-la para a cidade onde residiam, porque ela era viúva e não tinha quem cuidasse dela. Contudo, ela resistia, pois bem sabia que estaria se desligando totalmente do seu passado, no qual edificou o seu espaço há cinquenta anos, refletindo uma vivência caracterizada por um enraizamento, construído no cotidiano, sendo este representado pelos lugares que frequenta, a vizinhança que conhece. Além disso, também tinha consciência de que não poderia levar todos os seus pertences. O espaço ocupado e os objetos de uma vida inteira ganham um sentido especial, possibilitando ativar a memória.

É importante que na sua casa, o velho tenha controle sobre suas posses, mantendo a integridade do seu eu. Os objetos, mais do que utilidade, possibilitam uma identificação com o seu dono. É o que se pode chamar, na expressão de Morin⁵ (apud BOSI, 1994), de objetos biográficos, porque envelhecem com o seu dono e se integram à sua vida. Cada um revela uma experiência. Não é muito raro ouvir dos velhos que os filhos se desfazem de seus pertences por julgarem desnecessário guardar “cacarecos” ou “coisas velhas”. Porém, mesmo sendo considerados “trastes”, possuem valor inestimável e, se fossem recuperados, resgatariam a individualidade e o contexto cultural ainda vivo no imaginário do velho.

Mais do que apetrechos utilitários na vida doméstica, os objetos carregam um valor sentimental, ligado a uma figura familiar, ou seja, fazem parte de uma história de vida. De acordo com Radley⁶ (apud FERREIRA M., 2000), os objetos podem estar unidos à memória, visto que firmam com o passado um elo que proporciona a manutenção e preservação de elementos de identidade e essa relação é intensificada à medida que a pessoa envelhece.

Os objetos, os antigos objetos interrogam-no: Que pensará de ti, durante as noites de inverno e abandono, a velha lâmpada amiga? Que pensarão de ti os objetos que

⁵ MORIN, L'objet, Communications 13 (1969).

⁶ RADLEY, A. Artefactos, memória y sentido del pasado. In: Middleton, D. (org.). La naturaleza social del recuerdo y del olvido. Buenos Aires, Paidós, 1992.

te foram ternos, tão fraternalmente ternos? Seu destino obscuro não estava tão estritamente unido ao teu?... As coisas imóveis e mudas jamais esquecem: melancólicas e desprezadas, elas recebem a confiança daquilo que trazemos de mais humilde, mais ignorado no fundo de nós mesmos (BACHELARD, 1988:151).

Considerada como o lugar dos ritos que aglutinam os componentes de família, a casa é o cenário onde estabelecem grandes eventos e circunstâncias de interação, como a reunião de todos na hora das refeições, as festas, as brincadeiras com as crianças, enfim, vivências que descrevem a vida familiar expressa pelo cotidiano. Para o velho, a permanência num espaço identificado com o passado só tem a contribuir para a manutenção da integridade individual de sua identidade.

É no passado vivido que a casa familiar e os artefatos são referenciais cheios de significados subjetivos. A perda disso tudo representa a desfiguração do sujeito social em um contexto marcado por um processo constante de inovações, o que provoca medo da velhice, com a imposição do novo sobre o antigo, do presente sobre o passado (FERREIRA M., 2000).

Aqui, porém, o asilo representa, finalmente, o *canto* de pertencimento de uma entrevistada. Dionísia que não se entendia com a nora, concebe a instituição como a sua casa, um lugar que é dela. Ao lado de sua cama, sempre bem-arrumada, havia uma cadeira na qual ela passava a maior parte do tempo. Quando não estava lá, era no corredor que ficava, a fim de aproveitar o vento ou então se ocupava a arrumar a sua mala, o único recipiente para guardar seus pertences. Ela tinha muito zelo com suas coisas e com a sua higiene. Lavava suas roupas, era limpa e diariamente organizava essa mala de modo a caber tudo nela, sabendo utilizar todos os seus espaços.

Eu nem sabia que existia essa casa. Ele foi procurar uma vaga pra mim e pediram que ele voltasse depois de seis meses. Ai meu Deus, ainda vou ter que esperar esse sofrimento desses seis meses, todinho! Fiquei agoniada... Aqui, eu vivo bem, lá no meu canto, cuido de mim, tomo meu banho, lavo minha roupa e apanho. Eu gosto muito daqui e só vou sair daqui pro cemitério (Dionísia).

Certamente por conta das privações anterior à institucionalização, a mudança para o asilo não signifique uma perda e nem tampouco leve as pessoas a se angustiarem. Muito pelo contrário, como expressa Marcos em seu depoimento:

Eu acho bom demais. Graças a Deus, eu tô bem. Eu tô em casa. Aqui, é a mesma coisa de eu estar na minha casa. Aqui, pra mim, eu tô no céu (Marcos).

4. MÉTODO

4.1. SELECIONANDO OS SUJEITOS E OS DADOS

O trabalho realizado no Lar Torres de Melo foi conduzido no sentido de investigar, entre os internos, dois homens e duas mulheres a partir de 60 anos de idade com função mental normal e memória preservada, cujos componentes familiares tivessem decidido pelo internamento.

Num segundo momento, os filhos destes internos também foram entrevistados, dentre eles, três mulheres e dois homens. Assim, foi possível a análise comparativa dos dois acervos dos depoimentos, ou seja, o dos velhos institucionalizados e o de seus membros familiares.

Convém lembrar que se pretendeu entrevistar mais de um componente familiar por institucionalizado, mas não foi possível, pois somente os responsáveis pela decisão do asilamento continuaram mantendo maior contato e assumindo de fato a atenção. Em linhas gerais, as razões da dificuldade de se entrevistar os demais filhos são expressas pela recusa de participação na pesquisa como também pela falta de tempo, ocasionada pela vida profissional. Contudo, o fundamental é que cada filho responsável pela institucionalização concedeu os depoimentos, afluindo ao objetivo do trabalho.

Para dar início à pesquisa de campo, foi estabelecido um contato e apresentada a proposta de trabalho à equipe dirigente da instituição, objetivando o consentimento para a realização da mesma. Assim, foi possível partir para um segundo momento, ou seja, o de conhecimento do campo e de uma aproximação com o grupo. Esta fase exploratória foi conduzida durante o mês de dezembro/2001, período de visitas e festas constantes promovidas pela comunidade. Desta forma, a comunicação construiu-se de maneira gradual, em que cada dia, os contatos se intensificaram.

As idas ao asilo aconteceram durante a semana no período vespertino, havendo também um passeio a um sítio, ao qual foram quarenta internos, proporcionando um entrosamento com o grupo e a pesquisadora.

Nessas tardes, a visita pela ala dos quartos se realizou de modo sistemático e, a partir da criação de laços de amizade e interesse nos sujeitos, os quais se identificavam com o problema da pesquisa, uma verificação era feita a fim de se confrontar as informações e, conseqüentemente, era explicada a proposta do estudo, seguida do convite para dele participar.

A primeira depoente foi Dionísia (72 anos), muito receptiva e de uma vitalidade admirável. Era muito precisa nos seus relatos, recordava-se de forma a demarcar cronologicamente os fatos. Concordou em conceder seus depoimentos, desde que não fosse na hora do almoço.

O contato com Marcos foi facilitado por Dionísia. Os quartos eram próximos e ele havia perguntado quem era “aquela menina que todas as tardes ia para o quarto da D. Dionísia”:

Ela comentou que um senhor quis saber quem era eu. Sabia de quem se tratava, pois lembrei-me de sua presença no passeio promovido pela equipe do Serviço Social no final de dezembro passado. Lá, a nutricionista o advertira para que ele evitasse o açúcar. Daí então, toda vez que o via, indagava-lhe sobre a dieta em tom de brincadeira, mas ainda sem termos mantido um contato maior. Assim, quando despedi-me de Dionísia fui até ao quarto de Marcos e me apresentei. A visita foi uma oportunidade para que eu conhecesse um pouco de sua história e o convidasse para participar da pesquisa, pois ele comentou que sua filha procurou o asilo. Combinamos iniciar as nossas entrevistas assim que Dionísia finalizasse os seus depoimentos (Diário de campo, 14/01/02).

Com Pedro, a aproximação, além de ter sido mais difícil, foi também um desafio, pois, pelas observações e informes a seu respeito, talvez pudesse até ser mais viável partir em busca de outro sujeito. Ranzinza e inconformado com a sua situação, optou pelo isolamento, sendo a rispidez sua característica mais notável por aqueles que tentassem se relacionar com ele. Na verdade, foi por conta dessa diferença de comportamento em comparação aos outros

entrevistados que motivou conhecê-lo. A circunstância em que se viu Pedro pela primeira vez, ficou registrada:

Estava no Serviço Social e entrou um senhor, pedindo autorização para sair. A estagiária lhe diz que a filha não quer que ele saia, pois ele gosta de bebida. A estagiária autorizou e pediu que ele não traísse a confiança dela, porque, se acontecesse alguma coisa, a responsabilidade seria dela. Ele garantiu que não iria acontecer nada demais. Depois, Lúcia perguntou pelo filho dele. Pedro respondeu que era melhor mudar de assunto. Ela lhe entregou a autorização e ele saiu satisfeito. Fiquei sabendo que Pedro “foi um funcionário exemplar do DERT, mas era mulherengo e bebia”. Especulei se ele poderia conceder uma entrevista. Ela me respondeu que aparentemente ele era ignorante, “mas com jeito, eu conseguiria”. Lúcia comentou que ele “detona” a família (Diário de campo, 27/12/01).

Hoje, consegui me aproximar de Pedro. Há um certo tempo, estava querendo isto, uma vez que pude presenciá-lo no Serviço Social, pedindo autorização para sair e, quando a Lúcia perguntou pelo filho dele, ele pediu para mudar de conversa. Fiquei desejosa de conhecê-lo e poder conversar com ele. Daí em diante, sempre quando eu o via, cumprimentava-o e, hoje, passei em frente ao seu quarto, comentei que não o tinha mais visto. Fui me sentando e a conversa durou cerca de uma hora e meia. Ele discorreu sobre sua vida profissional, sobre as viagens que fez, reclamou do asilo. Combinamos para amanhã, mais uma tarde de conversa (Diário de campo, 24/01/02).

De fato, Pedro não era uma pessoa bem-humorada, o que contribui no afastamento dos outros. No entanto, foi possível vivenciar momentos de brincadeiras e vê-lo sorrindo, cenário este inacreditável quando se trata de Pedro. Não diferente dos outros, também necessitava uma escuta para seus desabafos, mesmo que fosse só para se lamentar.

Fabiana foi a última asilada entrevistada. Um rápido conhecimento sobre sua história instigou para que ela fosse convidada a participar da pesquisa. A causa da sua ida

para o asilo não estava vinculada a abandono ou pobreza, situações estas nada incomuns na vida da grande parte dos internos do asilo em foco. O estopim para sua institucionalização foi o seu problema de dependência alcoólica. Mesmo novata, teve facilidade de fazer amizades e participar das atividades oferecidas pela instituição. Acredita-se que o motivo desta rápida adaptação decorra do fato de Fabiana desejar se recuperar e poder voltar para junto dos filhos.

A relação entre pesquisadora e pesquisados foi desenvolvida em três momentos: preenchimento da ficha de identificação, entrevista e retorno da transcrição da entrevista, o que foi produtivo, visto que os depoentes, ao escutarem os seus relatos, lembravam-se de outros acontecimentos, retomando a interlocução e acrescentando informações relevantes para o estudo.

Encerrada a aplicação da ficha de identificação dos sujeitos, deu-se início a um momento mais denso, que foi o da coleta dos depoimentos orais, ou seja, solicitava-se aos informantes que discorressem livremente sobre suas vidas, tendo como guia um tema proposto; no caso desta pesquisa, o enfoque estava voltado para o relacionamento familiar e a vida no asilo. Tomando como base a orientação de GIGLIO & SIMSON (2001), o depoente era conduzido a falar abertamente, de modo que se sentisse à vontade, com vistas a uma relação de confiança. Ao deslocar seu testemunho a outros subtemas que se afastavam do ponto de interesse da pesquisa, era feita uma interrupção, reconduzindo o relato para o tema-guia.

Essa necessidade de estabelecer certos vínculos explica porque alguns entrevistadores preferem interrogar as testemunhas individualmente, tornando mais fácil a intimidade através de um diálogo. Não se falam as mesmas coisas numa conversa a dois ou a três [...] Essa relação de confiança exige do entrevistador uma grande disponibilidade e portanto parece indispensável ter um primeiro encontro com a testemunha, preparar o esquema da entrevista e voltar alguns dias depois para gravar (BONAZZI, 1996: 234).

Este talvez tenha sido o momento mais significativo, pois exigia uma série de procedimentos levantados por OLIVEIRA (1999): *saber esperar, ter paciência, evitar os*

limites da inconveniência, aprender a conviver com o tempo dos entrevistados, alimentar as conversas conforme a receptividade... (p.59).

É válido destacar que, em virtude desta pesquisa ser qualitativa, cujo objetivo esteve voltado para apreender o ponto de vista dos sujeitos, aspectos como gestos, o silêncio, os olhares, a fala, as atitudes foram imprescindíveis para captar informações não contidas no discurso dos entrevistados. Assim, considerável parte da análise pode ser feita no momento dos depoimentos orais. Isto não quer dizer que as fontes documentais, como relatórios, fichas de inscrição, prontuários e também o referencial teórico, tenham sido desprezados, concretizando o diálogo de fontes tão relevante na metodologia da história oral.

Coletar relatos orais implica tomar atitudes éticas e para isto houve a preocupação no sentido de solicitar aos sujeitos permissão para o uso do gravador, divulgação da entrevista, respeitando, acima de tudo, a liberdade do entrevistado. O gravador foi um grande facilitador na captação da fala dos sujeitos, cujo registro encontra-se disponível em CD-ROM no Centro de Memória da Unicamp, como também as transcrições em disquete.

Paralelo a isso, foram verificados todos os aspectos no momento da interlocução, como os gestos, as atitudes, o silêncio, linguagem não-verbal, mas provida de sentido. O **diário de campo** foi um instrumento imprescindível para o registro destas observações. Nele foram detalhadas as impressões diárias das idas ao asilo, tanto em relação ao contato com os sujeitos selecionados como da comunicação com os funcionários que lidavam mais diretamente com os internos, enfim, houve um cuidado em descrever de que modo ocorreu a receptividade, como também explicitar as comemorações que foram cultivadas na instituição.

A observação participante é um importante recurso nas idas ao campo, pois o que não pode ser verbalizado, mas captado por meio do comportamento ou de um silêncio que muito tem a dizer, são mensagens relevantes para a pesquisa. Daí a necessidade de se estar atento para estas indicações não verbais, ter sensibilidade para apreendê-las e incorporá-las à análise dos dados (PINTO, 2000).

Embora os entrevistados tivessem permitido a divulgação dos seus nomes, estes foram substituídos na intenção de preservar a identidade de cada um.

Fundamental, sim, é a caracterização socioeconômica do narrador e o delineamento do contexto em que se insere, pois se trata, para a Sociologia, de apreender relações sociais, de através delas conhecer a sociedade. O indivíduo é portador da ideologia de sua classe social, apresentando características comuns a outros do mesmo grupo. Interessa pois, a definição do grupo em que o indivíduo se insere e, em menor medida, sua identidade (LANG et al., 1998: 20).

É indispensável no tipo de pesquisa aqui escolhida caracterizar as categorias sociológicas, como gênero, idade, classe social e etnia (GIGLIO & VON SIMSON, 2001). Como assinala MOTTA (1999), cada uma dessas categorias compreende-se numa dimensão básica da vida social, mas nenhuma delas, analisada isoladamente, dá conta de sua complexidade:

Essas categorias relacionais mais determinantes , e analiticamente valiosas, referem-se quase todas ao biossocial: o sexo, a idade e a cor estão inscritos no corpo e na cultura como gênero, geração e etnia. Somente a classe, categoria sobredeterminante, refere-se apenas ao social, mas não deixa de ser um coletivo – teórico, político e da prática – que se corporifica em homens e mulheres de diferentes idades e raças. O elemento fundador de ordem biológica é, com frequência, destacado para justificar, ideologicamente, o poder e a dominação – o sexo ‘frágil e ‘burro’, a raça ‘preguiçosa e ‘feia’, a idade imatura ou da ‘esclerose’ - , não fosse a essência da ideologia ou naturalização do social (MOTTA, 1999: 193).

Tal como OLIVEIRA (1999), foi possível perceber que a presença de um pesquisador ou de um estranho para o grupo poderia trazer incômodos no dia-a-dia dos sujeitos. Em uma conversa com a assistente social, ela comentou que, dependendo dos horários e circunstâncias em que fossem realizados os encontros, como feriado, dia festivo, final de semana, dia do pagamento da aposentadoria, horário das refeições ou no momento em que vão dormir (às vezes, por volta das dezessete horas), os internos poderiam ter uma receptividade diferente e estar desmotivados para conceder as entrevistas e, segundo ela, esses fatores poderiam contribuir no conteúdo dos depoimentos (Diário de campo, 07/08/02).

Considerando essa observação, os encontros sempre foram combinados de forma a privilegiar a disponibilidade do entrevistado, sendo que a primeira conversa não focalizava o objetivo da pesquisa, pois seria difícil, se não impossível, exumar lembranças tão íntimas para um desconhecido. Entretanto, estas pessoas não se revelaram caladas ou constrangidas.

No caso dos asilados, estes foram solicitados a definir dia, horário e local, de acordo com a sua disponibilidade, sendo proposto o período de uma hora para cada sessão de entrevista, realizada, na maioria das vezes, nos quartos e, quando não, no corredor de modo que não estivesse alguém por perto a fim de evitar embaraços ou interrupções.

Depois de estabelecido um vínculo de confiança, ouvir e conhecer aquelas histórias permitiu compreender que é um equívoco reduzir o outro ao ponto de vista do pesquisador ou da ciência, quer dizer, é necessário considerar o outro sem predeterminar ou qualificar previamente e, sobretudo, pensar os sujeitos de pesquisa como indivíduos providos de percepções e emoções, evitando a pretensão de subestimá-los.

BONAZZI (1996) orienta no sentido de que, de modo geral, a seleção das testemunhas seja direcionada a pessoas de certa idade, mas que se pondere o cansaço do depoente, limitando o tempo das entrevistas e evitando perguntas por demais meticulosas no que concerne ao aspecto cronológico, uma vez que a testemunha pode se frustrar por não saber responder e suspender a entrevista. Também aponta para o cuidado que deve haver em respeitar o ritmo do entrevistado, de modo a esperá-lo quando este evita uma recordação dolorosa, não necessitando de questioná-lo novamente, porque as lembranças precisam às vezes de um período para voltar à tona. A mesma pergunta pode ser elaborada de maneiras diversas, sendo uma forma de romper as resistências.

Considerando a fotografia como um recurso que ativa a memória e que permite ao pesquisador formular perguntas pertinentes e no momento adequado, pretendeu-se utilizar esse instrumento metodológico, porém foi impossível, visto que os depoentes não possuíam nenhum álbum fotográfico.

Concluída a fase de entrevista com os internos, estes foram consultados sobre a possibilidade de que as suas famílias participassem da pesquisa a fim de saber como estas percebem a decisão da institucionalização. Nenhum fez objeção.

“Eu não sei do telefone dele, porque eu também não preciso. Mas no dia 22 ele vem aqui. Só não vem se o 22 cair no sábado ou no domingo” – Dionísia ao ser consultada sobre a entrevista com o seu filho (Diário de campo, 12/06/02).

“Vai ser muito difícil, porque ele só vem aqui no dia do pagamento da aposentadoria e de forma bem discreta. Uma vez, eu soube que ele estava no quarto da mãe e cheguei lá na hora em que ele estava guardando o dinheiro no bolso. Percebi que ele ficou muito desconsertado” – estagiária de Serviço Social numa conversa em que se discutia a fase de entrevista com os familiares e no caso, ela se relacionava ao filho de Dionísia (Diário de campo, 13/06/02).

“No domingo, a Carolina vem aqui e aí eu peço o telefone dela para você poder falar com ela. Não tem nenhum problema” – Marcos ao ser consultado sobre a entrevista com a sua filha (Diário de campo, 11/06/02).

“Pelo menos, a gente fica sabendo se aqueles bandidos morreram” – Pedro ao ser consultado sobre a entrevista com os seus filhos (Diário de campo, 12/06/02).

“Não tem nenhum problema, minha filha. Eu até já falei pra ela sobre você. É só você pedir o telefone pras meninas – Fabiana ao ser consultada sobre a entrevista com a sua filha (Diário de campo, 05/09/02).

“Ele tá vivo? ... Com ela, eu não quero conversa” – Pedro querendo saber se foi feito contato com o filho Felipe e referindo-se à filha Juliana (Diário de campo, 28/06/02).

Concedida a permissão, foi estabelecido um contato com os membros das famílias para explicação deste estudo e posteriormente foi feito o convite para que eles dessem seus depoimentos, focalizando a decisão pela institucionalização e as condições de contato com seus velhos pós-asilamento.

Não houve dificuldade na comunicação com aqueles que mantinham um bom relacionamento e um maior contato com os pais, como foi o caso da filha de Marcos, que, apesar de trabalhar durante 8h/dia e estudar à noite, esclareceu a pesquisa para a sua chefe e esta lhe concedeu uma hora nos finais das tardes para que as entrevistas fossem realizadas no local de trabalho, porém num espaço reservado, sem interrupções. Embora não tivesse muito tempo livre, Carolina se apresentou disposta para outros encontros.

Poder entrar em contato com a filha de Fabiana não foi difícil, pelo fato de ela visitar diariamente sua mãe. Logo ao encerrar os depoimentos com sua mãe, Tereza foi convidada a participar da pesquisa. Ela estava trabalhando neste período, provisoriamente como empregada doméstica e propôs que as entrevistas tivessem início quando ela se desligasse do emprego, pois assim teria mais tempo. Terminado esse período, Tereza foi consultada sobre a sua disponibilidade para marcar os encontros e também o local. Ela sugeriu que poderia ser no asilo, alegando que ia para lá todos os dias, e como morava muito distante, na região metropolitana de Fortaleza, iria ficar trabalhoso para a entrevistadora. Diante de sua sugestão, ela foi lembrada de que não teria inconveniente algum se a entrevista fosse realizada em sua casa. Todavia, ela preferiu relatar os depoimentos no asilo. Vale ressaltar que houve todo o cuidado em se escolher um lugar livre de interrupções, especialmente de Fabiana.

Por outro lado, contatar os que tinham pouco convívio com os pais foi um tanto difícil, principalmente por não haver sequer o número do telefone, a exemplo do filho de Dionísia. A solução encontrada foi esperar o dia do pagamento da aposentadoria e poder contar com a colaboração dos funcionários que ficaram em alerta para abordar Ronaldo e solicitar seu endereço e telefone.

De posse dos principais dados para se chegar até Ronaldo, um telefonema foi feito a fim de se marcar a entrevista. Ele indicou que poderia ser no asilo, mas recebeu uma contra-

proposta, isto é, foi consultado sobre a possibilidade do encontro ser na sua casa. Ele não fez objeção e assim aceitou, pois, por ser aposentado, quase não saía de casa.

Um fato que chamou atenção no dia do primeiro encontro com Ronaldo foi a maneira deste de não só aguardar a pesquisadora, mas como também de identificá-la. Sentado na calçada e observando os moradores informando a ela que rua era aquela, adiantou-se antes que a mesma localizasse o número de sua casa e se identificasse.

A princípio, ficou receoso e com algumas indagações. Queria saber se a pesquisa provinha do asilo, comentando que tinha ido visitar a mãe e o porteiro quase não o deixou entrar, justificando a necessidade da assistente social querer falar com ele. Esta situação fê-lo pensar que poderia ter acontecido algum problema com Dionísia.

Seu relato, além de se direcionar aos relacionamentos familiares, desenvolveu-se de forma a focar a sua desfavorável condição financeira e problemas de saúde.

No que remete à família de Pedro, os números dos telefones anotados no prontuário eram somente do trabalho de uma filha e de um filho. No entanto, Juliana havia se desligado do emprego, restando, assim, o contato com Felipe (diversas ligações foram feitas, mas ele sempre estava ausente). Depois de várias tentativas, foi possível encontrá-lo e poder explicar do que se tratava, sendo convidado para participar da entrevista.

Ele se manifestou muito solícito, desejando que o encontro acontecesse no asilo. O local escolhido foi confirmado, porque, mesmo com seu pai morando lá, não havia a possibilidade de que ele ou outra pessoa interrompesse, tendo em vista que era um espaço discreto e longe dos transeuntes. Vale lembrar que foi sugerido o seu local de trabalho na intenção de facilitar, mas Felipe preferiu o asilo. No entanto, ele não compareceu ao primeiro encontro. Neste mesmo dia, por meio de um telefonema, seu colega informou que Felipe iria entrar de férias e, dessa maneira, só depois de um mês é que aconteceu outro contato e, finalmente, o encontro foi realizado no asilo, conforme a escolha do entrevistado.

Foi um relato voltado à época em que o pai convivia com eles, e, mesmo sendo sucinto e breve, não houve má vontade. O filho de Pedro se prontificou a contribuir no que pudesse na pesquisa e sugeriu que a sua irmã fosse entrevistada, uma vez que ela era a

responsável pela institucionalização do pai e também ia mais vezes ao asilo do que ele e, assim, poderia prestar mais informações, ou até a sua mãe que, segundo ele, era uma pessoa maravilhosa, pois, apesar de tudo o que passou, não guarda ressentimento.

A sugestão foi aceita. Felipe revelou o endereço e o número do telefone da sua mãe, pois não sabia o da irmã e através de um telefonema para a casa de sua mãe, foi possível chegar até Juliana, que aceitou o convite e propôs que as entrevistas fossem realizadas em sua casa.

A pesquisa não vislumbrou interesse quantitativo, visto que nas Ciências Sociais o seu objeto é essencialmente qualitativo e, como ensina MINAYO (1995), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela está voltada para aspectos que não podem ser quantificados. Quer dizer, lida com o universo dos significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Conquanto a opção de se desenvolver este trabalho orientado pela pesquisa qualitativa e pautado pela história oral, é pertinente ressaltar aqui que uma abordagem não anula a outra. Ao contrário, somam-se, porque a realidade apreendida pelo conjunto dos dados quantitativos e qualitativos interage, dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.

Como reforça QUEIROZ (1988), não tem sentido nas Ciências Sociais preferir este ou aquele método, ou seja, o essencial é saber escolher a técnica apropriada ao tipo de problema, à especificidade do dado e ao momento preciso da investigação. *Os dois conjuntos de técnicas não são opostos ou mutuamente exclusivos; são procedimentos a serem empregados em determinados tipos de pesquisa, ou em determinados momentos da mesma* (QUEIROZ, 1988: 35).

Assim, tomando como base a pesquisa qualitativa, a ida ao trabalho de campo, além de se apresentar como uma preocupação com o problema investigado, representou também a possibilidade de se criar um conhecimento, tendo como referência a realidade do campo.

4.2. CAMPO DA PESQUISA

A investigação foi realizada em um asilo situado na cidade de Fortaleza - CE, caracterizado como associação civil, sem fins lucrativos, cujos recursos provêm das três esferas governamentais, além de um fundo composto a partir de 70% das aposentadorias dos internos, somadas aos donativos da comunidade.

Não fugindo do perfil histórico-social da maioria dos asilos mundiais, o local investigado nasceu como um serviço destinado a abrigar os pobres sem família, em estado de mendicância e também os provindos da zona rural, em razão grande seca de 1877. Quando foi fundado em 10 de agosto de 1905 era denominado Asilo de Mendicidade do Ceará, tendo à frente as Beneméritas Lojas Maçônicas¹, sob o lema Igualdade, Fraternidade, Amor e Caridade. Em razão dessa origem, não há nenhum aspecto religioso na vida do asilo, seja como fonte de renda, seja na rotina cotidiana dos internados.

A proposta básica da instituição é prestar assistência e amparo às pessoas de ambos os sexos, sem doença contagiosa nem mental a partir dos 60 anos de idade. Porém, é possível encontrar entre os internos pessoas abaixo dessa idade exigida, em virtude da sua situação de pobreza e desamparo. Atualmente são assistidos 240 velhos em situação de carência econômica, cabendo à instituição acolhê-los e supri-los das necessidades mais básicas - alimentação, medicação, vestuário, calçado, roupas de cama e de banho. Sem a ajuda da comunidade e de algumas empresas, a manutenção do asilo ficaria bastante comprometida, uma vez que as despesas são superiores às receitas. Entretanto, como a entidade dispõe de uma grande credibilidade junto à sociedade, foi possível a formação de parcerias com empresas e outros segmentos com retorno satisfatório. Exemplo disso é a renovação do seu pleito, perante o CEAS - CE (Conselho Estadual de Assistência Social do Ceará). Como titular, foi a instituição mais votada pela sociedade civil, ocupando o primeiro lugar para o mandato

¹ “ (...) A Maçonaria, instituição essencialmente filantrópica, filosófica e progressista, tem como objetivo a pesquisa da Verdade; o estudo da moral universal, o das ciências e das artes e o exercício da beneficência. Tem por princípios a liberdade absoluta de consciência e liberdade humana. Não exclui ninguém por suas crenças. Tem por divisa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. A base da estrutura organizacional maçônica é a Loja, que deve ser entendida como o local onde os maçons se reúnem”. BARATA, A. M. **Luzes e sombras: a ação da Maçonaria brasileira (1870 – 1910)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

2001/2003 e reeleita ao CMAS (Conselho Municipal de Assistência Social de Fortaleza) para o mandato 2002/2004².

A instituição congrega uma equipe interdisciplinar composta por 87 empregados, realizando os serviços assim distribuídos: médico (4h/dia); enfermagem (24/dia); fisioterapia (8h/dia); serviço social (8h/dia); nutrição (8h/dia); terapia ocupacional (8h/dia); farmácia (8h/dia); serviços gerais (24h/dia); serviço auxiliar e de apoio (8h/dia). É pertinente ressaltar que o trabalho voluntário é prestado por uma equipe formada por um farmacêutico, duas estagiárias de terapia ocupacional, uma vendedora do bazar e por um rapaz da comunidade que ajuda no banho dos acamados.

A rotina das atividades desenvolvidas na instituição se dá por meio da modalidade asilar, que é o atendimento integral aos seus 240 residentes pela equipe interdisciplinar que atua nas áreas de saúde, social, ocupação e lazer, como também por outra dos serviços básicos – alimentação, medicação, vestuário, calçado, roupa de cama e banho, higiene pessoal e ambiental, funeral, dentre outros.

O *projeto conviver* é aberto aos velhos da comunidade em conjunto com os internos e conduzido pela terapeuta ocupacional, oferecendo atividades laborativas, socializantes, práticas e cognitivas.

No intuito de estender os seus serviços à comunidade, como também possibilitar aos internos, integração e convívio com os de fora, é realizado em um domingo de cada mês com data preestabelecida, o *Forró Viva bem*, totalizando uma média de quinhentas pessoas por festividade.

Realizado na quadra do Colégio Liceu, que fica ao lado do asilo, o “Forró Viva bem” é organizado pelos próprios funcionários da instituição que angariam fundos através da venda de bolos, refrigerantes, churrasco e a “feira do cacareco”. A maioria dos participantes é da comunidade. É pouquíssimo o número de internos que prestigia a festa (Diário de campo, 13/01/02).

² Relatório/2001 da Instituição.

Com o objetivo de arrecadar renda para a instituição, também existe o Bazar, que se mantém funcionando por conta das doações de vestuário e calçados já usados e é coordenado pelo Serviço Social com o apoio de uma voluntária.

Tendo por motivo um número reduzido de funcionários, foi criado o *projeto do voluntário residente*, que conta com a colaboração dos velhos saudáveis para com os que estão acamados, de forma a facilitar o serviço de alimentação nos leitos e recepção aos visitantes.

Tem sido crescente a procura pelo internamento. Vários são os motivos que levam as pessoas a tomar esta decisão. Dentre eles, destaca-se a falta de recursos financeiros das famílias, seguida da iniciativa própria, pela inexistência de familiares e situação de abandono. É uma realidade constatada nas reuniões mensais com as famílias que pleiteiam uma vaga no asilo. Estas reuniões são dirigidas pela assistente social. Já no início, ela reforça a noção que jamais seria intento da instituição substituir a família, até mesmo porque seria impossível atender, individualmente, os problemas de cada um. Todos são vistos de uma maneira geral, pois não há estrutura para dispensar cuidados diferenciados, exceto com relação à dieta alimentar e à medicação. Desta forma, após o internamento, poderá a família encontrar o seu velho com o aspecto a desejar maiores cuidados, os quais a instituição não pode garantir 24h/dia.

De acordo com a assistente social, diariamente, há uma média de cinco pessoas procurando vagas e no momento a enfermaria está lotada, não oferecendo lugares para os mais dependentes – Reunião com as famílias (Diário de campo, 18/02/02).

Posteriormente, é explicado como se procede o internamento. Como não há vagas para todos, cada situação é analisada, priorizando-se, principalmente, a viabilidade da família em assistir o seu velho. Caso esta condição seja positiva, a vaga é repassada a outro, cuja vivência seja impossível no seio familiar. A decisão final cabe à médica da instituição, por se tratar de uma profissional apta a detectar se o velho não possui doença contagiosa ou mental, critérios estes anteriormente citados para admissão ao asilo.

Os tipos de internamento podem ser via convênio ou particular. O primeiro é o predominante, abrangendo a maioria dos residentes. São descontados 70% do valor da aposentadoria do velho que divide um quarto com quatro ou cinco pessoas. Aquele que dispõe de mais recursos poderá optar pelo apartamento individual grande ou pequeno, pagando de dois a cinco salários mínimos. Além desses custos, será necessário a família contratar dois cuidadores quando o interno é dependente.

Informadas as formas de pagamento, é solicitado que cada um se apresente, justificando o motivo pela procura do internamento. Geralmente, nestas reuniões, o velho é acompanhado por alguém da família. Porém, há casos em que os filhos vão sozinhos, sem antes consultar os pais. Entretanto, segundo o regulamento, não haverá internação, caso o velho se oponha.

É possível compreender nestes relatos a forma como foi conduzido o relacionamento familiar num ambiente de extrema carência financeira e afetiva. A bebida, muitas vezes, faz deste um universo sem sossego, carregado de traumas e adversidades (Reunião com as famílias. Diário de campo, 18/02/02).

Após ouvir a história de cada um, a assistente social encerra, citando a passagem da Bíblia do Livro Eclesiástico 3, a fim de provocar uma reflexão, na intenção dos familiares assumirem os seus velhos:

*1 Escutai, filhos, os conselhos de vosso pai;
e agi de tal modo que possais ser salvos;
2 pois o senhor glorifica o pai em seus filhos/
e confirma a autoridade da mãe sobre sua prole.
3 Quem honra seu pai expia os pecados
4 e acumula um tesouro quem glorifica sua mãe.
5 Quem honra seu pai encontrará alegria nos próprios filhos,*

*e no dia em que orar será atendido.
6 Quem glorifica seu pai terá longa vida,
Quem obedecer ao senhor dará satisfação à sua mãe
7 e, como a senhores, servirá a seus pais.
8 com atos e palavras honra teu pai a fim
de que sua benção venha sobre ti;
9 porque a benção de um pai consolida*

a casa dos filhos / mas a maldição de uma mãe arranca-lhe até os alicerces.

10 Não te glories da desonra de teu pai,

pois não é gloria para ti a desonra de teu pai;

11 a glória de um homem vem da honra de

seu pai/ e é opróbrio para os filhos a mãe na desonra.

12 Filho, ampara teu pai em sua velhice

e não o aflijas enquanto vive.

13 Mesmo se perder a razão, sê indulgente

e não o insultes porque estás em pleno vigor.

14 Tua esmola para com teu pai não será

esquecida: / em vez dos teus pecados,

ela será para ti uma casa nova

15 No dia de tua desgraça, lembrar-se-ão

de ti; / como geada ao sol, assim se

desfarão teus pecados.

16 É um blasfemo aquele que abandona seu pai,

é maldito do Senhor quem irrita sua mãe.

Para uma maior compreensão da população estudada, é relevante descrever seu perfil sócio-econômico de forma a demonstrar em que consiste a singularidade e a generalidade da instituição ora pesquisada. Convém ressaltar que os dados foram obtidos por meio do relatório da instituição do ano de 2001.

I - DISTRIBUIÇÃO DOS RESIDENTES QUANTO AO SEXO

SEXO	QUANTIDADE	%
FEMININO	118	49
MASCULINO	122	51
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

Diferente do que ocorreu nos anos anteriores, o mais recente levantamento aponta uma predominância de homens, embora com uma pequena margem de diferença, chegando quase a mesma quantidade entre ambos os sexos. Acredita-se que esse quadro vem passando

por mudanças em função do contingente de homens que se separam de suas famílias, muitas vezes tendo por motivo o alcoolismo.

Este quadro diverge da população do Estado do Ceará que concentra um número maior de mulheres. Segundo o censo demográfico do IBGE de 2000, estas totalizam 3.802.187 e, por sua vez, o universo masculino concentra 3.628.474.

A amostragem do asilo leva a refletir que o retorno do homem ao ambiente doméstico, por conta do advento da aposentadoria, pode representar dificuldades em termos de adaptação, pois, despreparado para as atividades domésticas, para as quais não foi criado e educado, e sentindo que não exerce mais poder em função de papéis como a subsistência da família, o homem, agora despojado de seu trabalho, vê-se desajustado dentro de casa, principalmente quando não se planejou para esta experiência. Este poderá ficar limitado a comer e a dormir, a não ser que desenvolva alguma atividade artística, intelectual, artesanal ou mesmo uma atividade remunerada (MAGALHÃES, 1987).

Apesar das transformações ocorridas em torno da inserção feminina no mercado de trabalho, as atividades domésticas continuam sendo culturalmente destinadas à mulher, o que facilita no seu ajustamento social, pois, mesmo quando trabalha fora e se aposenta, persiste o aspecto cultural relacionado à vida doméstica para qual ela é educada. Assim, com a volta do homem para a casa, antigo domínio exclusivo da esposa, ele poderá sofrer um forte impacto diante desta nova experiência, período em que muitas vezes coincide com a sua velhice, gerando uma crise de enfrentamento difícil que pode ter como consequência depressão, estresse, alcoolismo, conflitos conjugais e divórcio... Daí parte a premissa de que a proporção do universo masculino do asilo está se ampliando em função desses fatores mencionados.

Outra questão relevante que vale ressaltar no que concerne à discussão sobre gênero e velhice, pautada nas formas de como homens e mulheres vivenciam esta fase, é o pressuposto de que as mulheres são mais acolhidas em casa. DEBERT (1999) acentua que os vínculos afetivos entre filhos e mães são mais fortes e por isso os filhos têm mais disposição pra cuidar delas na velhice do que de seus pais.

Some-se ainda a isto, o fato de estar a mulher mais acostumada a passar por mudanças intensas em seu organismo e capacidade física, por conta da procriação, gravidez, amamentação e menstruação, e assim, usufrui de mecanismos que contribuem para superar melhor as mudanças peculiares da idade avançada¹.

II – DISTRIBUIÇÃO DOS RESIDENTES QUANTO AO GRAU DE INSTRUÇÃO

GRAU DE INSTRUÇÃO	QUANTIDADE	%
ALFABETIZADOS	113	47
ANALFABETOS	127	53
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

Menos da metade da população asilada é alfabetizada e cabe aqui explicar que, para compor esta categoria, já é suficiente que a pessoa saiba assinar o nome.

Um dado importante é que a desproporção de alfabetização entre os sexos está associada no Brasil, à classe social e ao gênero, ou seja, é resultante da organização social do começo do século XX. Os homens tiveram acesso a maiores oportunidades educacionais, situação esta hoje já superada, pois as mulheres jovens apresentam níveis educacionais superiores aos homens (CAMARANO et al., 1999, 2000, 2002).

Em conformidade com os últimos censos, a taxa de analfabetismo no Brasil vem decrescendo, mas ainda é alta, particularmente no Nordeste, que está abaixo da média brasileira de 5,6%. Quer dizer, somente 4,3% dos nordestinos têm média de estudo acima de dez anos (Jornal O Povo – Política, p.20, Fortaleza, 09.09.2002).

De acordo com o censo de 2000 do IBGE, em comparação com o total da população brasileira, os que estão acima dos 60 anos se encontram em desvantagem, pois, ao passo que o índice nacional de alfabetização é de 87,2%, o da população idosa é de 64,8%. Isto significa

¹ Ibid.

afirmar que há 5,1 milhões de velhos analfabetos. A média de estudo entre estes é de 3,4 anos. Esta é uma situação preocupante, principalmente quando se pensa que estas pessoas que não sabem ler e nem escrever estão inseridas numa sociedade no auge do desenvolvimento tecnológico.

Não é fácil para o velho se adaptar aos recursos que o mundo cibernético trouxe e impõe, como, por exemplo, a necessidade de se manusear caixas eletrônicas e se operacionalizar o tão temido computador. Outro aspecto também problemático repercute no âmbito da família, visto que, além da escola, o meio em que o jovem vive é muito importante no seu desenvolvimento educacional e, com base no último censo, o número de netos e bisnetos que moram com os avós aumentou, representando 4,2 milhões. Como ressalta a pesquisadora KAPPEL especialista em dados da educação, em entrevista a um jornal, existe um índice muito elevado de velhos com pouca ou nenhuma escolaridade, responsáveis por crianças e jovens em idade escolar. São 5,3 milhões ou 59% do total de velhos que têm menos de três anos de estudo chefiando os domicílios (JORNAL Cruzeiro do Sul, p.A7, Sorocaba-SP, 28.07.2002).

III- DISTRIBUIÇÃO DOS RESIDENTES QUANTO AO ESTADO CIVIL

ESTADO CIVIL	QUANTIDADE	%
SOLTEIROS	113	47
VIÚVOS	52	22
CASADOS	50	21
SEPARADOS	25	10
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

Este quadro mostra um maior índice de residentes solteiros que, somados ao contingente de viúvos e separados, totalizam 79% dos internos. Isto significa dizer que a

maioria está sozinha, tendo, pois, maior propensão a desenvolver doenças fisiológicas ou mentais, situação esta já comprovada em pesquisas. Exemplo disso é o estudo de três anos da médica Laura Fratiglioni, do Stockholm Gerontology Research Center, na Suécia, no qual constatou que as possibilidades de se desenvolver demências foram maiores em pessoas que viviam sozinhas ou que não tinham uma rede significativa de relações sociais (Jornal O Povo – Caderno Domingo Ciência e Saúde, Fortaleza-CE, 07/05/00).

Em conformidade com VERAS (1994), alguns estudos refletem que a companhia tem o seu aspecto positivo no sentido de prolongar a vida na idade avançada, considerando que as taxas de mortalidade são menores para homens e mulheres casados. Por outro lado, as taxas de mortalidade são mais elevadas para homens e mulheres divorciados, viúvos e solteiros.

Uma das causas de morte que acomete os velhos do asilo é a depressão profunda – Comentário da assistente social na reunião com as famílias (Diário de campo, 18/02/02).

IV- DISTRIBUIÇÃO DOS RESIDENTES QUANTO À FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	QUANTIDADE	%
40 A 50	04	02
51 A 60	21	09
61 A 70	67	28
71 A 80	79	33
81 A 90	49	20
ACIMA DE 90	20	08
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

Verifica-se a predominância de uma população envelhecida, principalmente no intervalo dos 71 aos 80 anos. Mostra-se uma velhice fortemente marcada pelo desgaste proveniente de uma vida de limitações e condições desfavoráveis, implicando uma população cada vez mais dependente dos serviços e assistência de terceiros. Dentre a população assistida, 89% encontram-se acima dos 61 anos de idade e 11% abaixo da idade regulamentar para o internamento.

Convém enfatizar que o asilo ora pesquisado encontra-se num dos estados mais pobres do Brasil e, em conseqüência da precariedade na estrutura socioeconômica, depara-se com uma velhice precoce, caracterizada pela decadência física, ocasionada pelas péssimas condições de vida, determinando o desgaste humano a partir dos 40 anos. O nordestino *com um desgaste vital acentuado, muitas vezes morre socialmente antes de sua finitude biológica, mesmo sem ter avançado na escala cronológica* (BARROSO, 1988, 1992).

V- DISTRIBUIÇÃO DOS RESIDENTES QUANTO À RELIGIÃO

RELIGIÃO	QUANTIDADE	%
CATÓLICA	225	94
OUTRAS RELIGIÕES	15	06
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

A maioria se diz católica e um fato observável neste aspecto da religião é uma certa conformidade dos velhos em aceitarem suas condições existenciais, pois muitos afirmam que o tipo de vida que levam é constituído de provações. A espiritualidade possibilita uma forma de superar as adversidades. Exemplo disto foi a afirmação de um senhor que, antes de ir para o asilo, vivia na Santa Casa de Misericórdia – *Minha filha, ninguém tá aqui por acaso. Quem planta colhe*”.

Na primeira sexta de cada mês, pelas manhãs, um padre celebra a missa. Embora a religião católica seja dominante, a instituição não faz nenhuma restrição quanto à realização de cultos de outras religiões quando pessoas da comunidade se propõem promovê-los.

A velhice é considerada uma fase em que o sentido da vida e da existência humana é mais bem compreendido, porque a espiritualidade se aguça de modo a fazer com que as pessoas busquem a Deus e as realidades religiosas, o que é positivo, pois *a velhice é um tempo revelador em que o pior e o melhor de nós sobressaem com nítido relevo* (Campanha da Fraternidade/2003, *Texto-base*, n.157). Assim sendo, a espiritualidade incide diretamente na qualidade de vida destas pessoas. Inclusive, já existem pesquisas, como no Centro de Estudos da Ciência e da Religião da Universidade de Colúmbia, que buscam explicar como as experiências espirituais afetam fisicamente a química e a estrutura do cérebro humano (KLINTOWITZ, 2001).

Convém citar pesquisa realizada pelo Instituto Vox Populi, encomendada pela REVISTA VEJA, sobre a religiosidade dos brasileiros. Chegou-se à conclusão de que classe social, idade e escolaridade têm pouco reflexo sobre algumas crenças. A convicção, por exemplo, de que há recompensa ou punição após a morte é compartilhada na mesma proporção, ou seja, 70% de cima a baixo da pirâmide social. Mas, quando se trata da vida eterna, quanto mais rico e mais escolarizado, mais o brasileiro acredita na vida após a morte.

Maior país católico do mundo, o Brasil concentra 125 milhões de fiéis (74%), de acordo com o censo de 2000 do IBGE. O recente recenseamento também mostra uma classificação dos estados mais e menos católicos. O Ceará está entre os primeiros, isto é, com uma porcentagem de 84,3% (ANTONIAZZI, 2002).

Entretanto, é preciso considerar o relativismo destes dados, pois, muitos que se declaram católicos nem freqüentam a Igreja. Foram apenas batizados no catolicismo e voltaram à Igreja para celebrar o casamento e o batizado dos filhos, além de se influenciarem por outras crenças.

VI - DISTRIBUIÇÃO DO RESIDENTE QUANTO À RESIDÊNCIA ANTERIOR

RESIDÊNCIA ANTERIOR	QUANTIDADE	%
COM A FAMÍLIA	106	44
COM OS CONHECIDOS	30	13
PELAS RUAS	04	02
SEM RESIDÊNCIA FIXA	05	02
SOZINHO	34	14
OUTROS	61	25
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

A maioria residia com os familiares, mas, por motivos que não permitiram conviverem mais juntos, recorreu-se ao asilo.

Situação ainda mais agravante é a daqueles desprovidos de componentes familiares, sem residência fixa, à mercê da ajuda de outros. Nessas condições, o asilo é melhor do que a rua.

Na categoria *outros* estão classificados aqueles geralmente transferidos de outras instituições, como a Unidade de Abrigo do Estado, que só admite os que não têm famílias, a Santa Casa de Misericórdia, a qual na impossibilidade de continuar com o velho ocupando leito, já recuperado de sua doença, o transfere para o asilo. Também estão relacionados nesta categoria os que moravam embaixo de viaduto, em fundo de quintal ou de favor em oficinas mecânicas. Segundo a assistente social, este tipo de moradia anterior não raro se faz presente.

VII- DISTRIBUIÇÃO DOS RESIDENTES QUANTO AO MOTIVO DO INTERNAMENTO

MOTIVO DO INTERNAMENTO	QUANTIDADE	%
IMPOSSIBILIDADE DE ASSISTÊNCIA	102	42
INICIATIVA PRÓPRIA	67	28
INEXISTÊNCIA DE FAMILIARES	35	15
ABANDONO	36	15
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

A primeira justificativa se explica pelo baixo poder aquisitivo do velho e da família. Em face da decadência da família ampliada e agravamento da pobreza, ao que se alia ainda a incapacidade de cuidar dos seus velhos, principalmente quando estes têm a saúde comprometida, os filhos, muitas vezes contrários a esta decisão mas sem outras opções, recorrem ao asilo. Estes representam 42% da população residente.

A Dra. Diana é uma pessoa assim que o resto da minha vida, eu só vou agradecer a Deus por ter colocado ela no meu caminho. Porque eu trabalhava num escritório de cobrança, mas ganhava tão pouco que o que eu ganhava, não dava nem pra eu pagar as minhas contas e nessa época, ele ganhava R\$ 124,00, aí ficou de eu dar esse dinheiro e levar uma alimentação pra ele, dar uma ajuda a mais, porque era pouco. E no dia que ela falou isso, eu fiquei tão preocupada que parece que ela ficou iluminada e sentiu, sabe. Ela sentiu que eu não ia ter condição. Eu aceitei, mas eu aceitei aquilo, mas como quem diz assim: Seja o que Deus quiser! Aí, ela me chamou e fez um negócio assim, um plano bom, razoável, que dava pra mim... (Juliana – Filha de Pedro).

É questão de raciocínio porque na casa da gente também faltam as coisas. Eu tô com dois papéis de luz aí, ainda não paguei; dois de água. Tô esperando ver um dinheiro aí que

e vou receber pra poder pagar e já tô com aviso de conta...
(Ronaldo – Filho de Dionísia).

Os conflitos na família e a consciência da impossibilidade de continuar vivendo a mercê dos poucos recursos dos filhos predispõem o próprio velho a tomar a iniciativa de procurar o asilo, pois, por se considerar um peso na família e por não suportar tanto desgaste, a decisão de internar-se, para ele, representa um alívio.

Os internados por motivo de inexistência de família são os indigentes, migrantes da zona agrícola ou de outros estados, ex-empregados domésticos, sobretudo, solteiros que não construíram família.

Os casos de abandono se relacionam aos que chegam na companhia de alguém da família (filhos, irmãos) e/ou responsável, mas, no ato da admissão, deixam falsas informações na ficha dos velhos, como o endereço, a fim de não serem localizados, isentando-se de toda a responsabilidade futura de amparar os seus velhos.

“Vim pra cá por causa de um sobrinho que me violentou a socos só porque eu fiz uma brincadeira com ele” - J.A.S., 71 anos (Diário de campo, 20/12/01).

“Só vou sair do L.T.M. quando morrer” - M.F. P., 56 anos. Não se relaciona bem com a mãe nem com o filho que ameaçou agredi-la (Diário de campo, 28/12/01).

VII- DISTRIBUIÇÃO DOS RESIDENTES QUANTO À NATURALIDADE (CAPITAL / OUTROS MUNICÍPIOS E OUTROS ESTADOS)

NATURALIDADE	QUANTIDADE	%
FORTALEZA	52	22
OUTROS MUNICÍPIOS E OUTROS ESTADOS	166	69
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

Em razão de uma vida extremamente sofrida no meio rural, sem contar com serviços médicos, assistência adequada e sem perspectiva de emprego, o velho vindo do meio rural sofre na zona urbana um grande choque cultural, pois não há na grande cidade caminhos para a absorção desse contingente de excluídos, restando, assim, o asilo como abrigo e proteção.

IX- DISTRIBUIÇÃO DOS RESIDENTES QUANTO ÀS CONDIÇÕES FÍSICAS E MENTAIS

CONDIÇÕES FÍSICAS E MENTAIS	QUANTIDADE	%
DEPENDENTES	108	45
HÍGIDOS	132	55
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

A ausência de autonomia para realização das atividades diárias (AVDs) compromete, consideravelmente, a qualidade do cotidiano dos velhos que necessitam da ajuda de terceiros, levando-se em consideração que o asilo não dispõe de funcionários para prestar cuidados a um só velho, durante 24 horas/dia e o número de voluntários realizando tal tarefa é reduzido.

X - DISTRIBUIÇÃO DOS RESIDENTES QUANTO À SITUAÇÃO PREVIDENCIÁRIA

SITUAÇÃO PREVIDENCIÁRIA	QUANTIDADE	%
APOSENTADOS OU PENSIONISTAS	201	84
NÃO APOSENTADOS	39	16
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

Relativamente à situação previdenciária, a maioria é constituída por pessoas que possuem algum tipo de benefício, aposentadoria ou pensão. Outros não possuem, seja porque não atingiram ainda a idade estipulada pelas normas, não são portadores de deficiência ou não têm a documentação conforme a exigência da lei.

Como os aposentados do asilo percebem apenas 30% de seus benefícios, levando em conta o tipo de convênio que encaminham à instituição 70% deles, o pouco que lhes resta é insignificante, ficando estes sempre dependentes da instituição, a qual lhes supre das necessidades mais básicas.

“A mãe compra o amor do filho. Ele só aparece aqui no dia do pagamento da aposentadoria e ela coloca toda aposentadoria nas mãos dele” – Comentário da assistente social (Diário de campo, 16/01/02).

XI - DISTRIBUIÇÃO DOS RESIDENTES QUANTO AO CONTATO COM A FAMÍLIA E / OU RESPONSÁVEL

CONTATO IDOSO / FAMÍLIA	QUANTIDADE	%
MANTÊM CONTATO	148	62
NÃO MANTÊM CONTATO	92	38
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

Os que mantêm contato com a família ou responsável recebem visitas semanais, mensais ou até mesmo trimestrais. Percebe-se é que, além da incapacidade financeira, a falta de afeto é ostensiva, uma vez que muitos filhos se ausentam, provocando tristeza e revolta, o que é observado nas verbalizações de muitos velhos.

É impressionante que o dia em que mais surgem as visitas, é justamente no dia do pagamento da aposentadoria (Diário de campo, 16/01/02).

Os demais aceitam mais facilmente o fato de não serem visitados ou lembrados por alguém. Isto não quer dizer que não sintam solidão; apenas há uma resignação maior. Dentre eles estão os abandonados por familiares, os mendigos, que, na maioria das vezes, são os solteiros e sem família.

XII - DISTRIBUIÇÃO DOS RESIDENTES QUANTO AO TEMPO DE RESIDÊNCIA

TEMPO DE RESIDÊNCIA	QUANTIDADE	%
MENOS DE 1 ANO	34	14
01 A 05 ANOS	87	36
06 A 10 ANOS	70	29
11 A 20 ANOS	33	14
21 A 30 ANOS	07	03
31 A 40 OU MAIS ANOS	09	04
TOTAL	240	100

Fonte: L.T.M.

Os residentes mais antigos (acima de 10 anos) estão mais adaptados à rotina da instituição. Com relação aos novatos, a “adaptação” não é tão fácil. As queixas são freqüentes, principalmente no que concerne ao relacionamento com os outros internos no respeito à alimentação. Todavia, a adaptação depende da forma como o velho encara o internamento e isto se prende à história de vida que pode levar ou não a aceitação do asilamento. No caso dos mendigos, por exemplo, o asilo é um paraíso, porque o referencial que eles têm é o mundo das ruas.

A gente tem de tudo: o café da manhã; a merenda das 9:30; tem o almoço, o cafezinho da tarde e às vezes tem pão, às vezes não tem. Esses biscoitos duros... eu não tenho dente! Eu gosto é de pãozinho mole e às vezes dão aqueles saquinho de pão sovado. É uma beleza (Dionísia).

O tempero da comida daqui, sabe o que é? É colorau. Aqui, toda semana entra uma banda de boi. Quem é que come carne de gado, aqui? Quando é feijoada, é só as péias. O osso daqui não tem tutano. O leite daqui é em pó. Tem dias que a gente vai pegar a merenda e é o bolão de leite. A janta é água branca (Pedro).

4.3. HISTÓRIA ORAL: REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

Esse estudo foi baseado em obras referentes à velhice de uma forma geral, recorrendo-se a autores como BEAUVOIR (1990), CAMARANO (2000), DEBERT (1999), NERI (1993), dentre outros. No que remete às questões específicas sobre a oralidade, a fundamentação teórica foi centrada em HALBWACHS (1990), POLLAK (1992), LOZANO (2000), QUEIROZ (1988, 1991), BOSI (1994) e VON SIMSON (2001).

A história dos velhos institucionalizados aqui pesquisados foi pautada a partir da ida destes para o asilo, enfocando seus relacionamentos no âmbito da família, antes e após o asilamento. Conhecer estas histórias foi possível por meio de depoimentos orais, em forma de entrevista semi-estruturada, aliados à coleta e análise de documentos.

A história oral, metodologia de pesquisa direcionada ao estudo do tempo contemporâneo e apoiada na voz de testemunhos, constituiu um suporte essencial na condução deste trabalho. Por ter um comprometimento com os excluídos da história oficial, a história oral possibilita criar opções de manifestação, permitindo um movimento de denúncia social das camadas marginalizadas da sociedade (PINTO: 2000). Desta forma, este estudo pretendeu compreender a história e cotidiano dos velhos institucionalizados e adentrar nas suas lembranças, contribuindo para a construção de identidade, entendendo o passado como uma necessidade humana; ele é constituído de sujeitos da ação que muito têm a dizer. Ignorar as suas vozes é ignorar a história.

A história oral desempenha papel importante no sentido de privilegiar a análise de grupos excluídos que não tiveram a oportunidade de expressar suas visões de mundo, seus anseios e aspirações na memória coletiva, colaborando na formação de uma consciência plena. Os depoimentos orais são fundamentais para se chegar àquilo que queremos saber dos sujeitos. Entretanto, é um exercício árduo, visto que exige muito mais do que uma relação de simpatia entre pesquisador e informante.

Embora, a história oral apresente como característica essencial, a oitiva dos excluídos, aos esquecidos da história oficial, seria ingenuidade afirmar que ela está tão-somente restrita a estes sujeitos, uma vez que as elites já têm contribuído para o desenvolvimento desta metodologia.

Como argumenta MEIHY¹, onde não há documentação, recorre-se à história oral. Para ele, este é o momento central no qual está inserido o documento principal, que é o depoimento, a partir do qual se ordenam as demais fontes constituintes ou não do discurso analítico.

Assim sendo, a escolha pelo depoimento oral se deu por buscar conhecer determinados aspectos e fases da vida dos sujeitos, não se pretendendo, entretanto, chegar a uma verdade absoluta, mas apreender versões referidas a indivíduos sociologicamente qualificados e inseridos em uma dada conjuntura (LANG et al., 1998).

HALBWACHS (1990), principal estudioso das relações entre memória e história coletiva, ao destacar a lembrança como a sobrevivência do passado, ressalta que a memória do indivíduo está intimamente ligada ao seu relacionamento com a família, com a classe social, a escola, a Igreja, a profissão, enfim, com os grupos de convívio desse indivíduo, instituições formadoras do sujeito no seu processo de socialização. Portanto, como sugeriu o autor, toda memória é coletiva, visto que o passado não é somente do indivíduo, mas de uma pessoa que está posta num determinado contexto, reafirmando sua identidade na dinâmica da história

Como discorre QUEIROZ (1988, 1991), o indivíduo não é mais único, pois é apenas uma unidade dentro da coletividade. Fundamental não é considerá-lo isoladamente nem de compreendê-lo em sua unicidade, mas captar por meio de suas atitudes o que se passa no interior do grupo de que participa. O indivíduo é também um fenômeno social, diz a autora. Aspectos relevantes da sociedade em que vive, posturas, valores e ideologias podem ser detectados através da sua história.

Embora para HALBWACHS o homem só consiga ter memória do seu passado como ser social, ele não desconsidera a presença do indivíduo como importante para o pensamento social. Cada um traz consigo uma maneira peculiar de inserção nos diferentes aspectos em que se vive. É nesse sentido que o autor defende a argumentação de que a memória individual provém da memória coletiva. Assim, a memória deve ser compreendida, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social.

Nesta perspectiva, PORTELLI (1997) compreende que trabalhar com a memória é lidar com algo que está em processo e este é único. Embora as histórias relatadas contenham

¹ www.intercom.org.br/revista/rbcc

situações semelhantes, preservam suas particularidades. Dessa forma, cada narrativa é singular.

O passado ressuscitado não é um processo de reviver ou de resgatar. É uma reconstrução da história que se vive com o permear da contemporaneidade, isto é, mergulhar no passado permite repensá-lo de forma crítica, possibilitando rever os conceitos, pois como assinala BOSI (1994), o passado atua no presente, mas não de maneira homogênea, porque as pessoas não são as mesmas, as percepções não são estáveis, vive-se outras experiências, outros valores são adquiridos nas diferentes relações, sejam elas na família, na comunidade ou no trabalho. *Embora os detalhes, os participantes e os símbolos num relato oral possam mudar, seu propósito como o da história escrita, é permitir que as pessoas dêem novas interpretações ao passado e ao presente* (CRUIKSHANK, 2000: 158).

É nesse sentido que HALBWACHS menciona a lembrança como reconstrução do passado, traçada com a influência de configurações do presente e racionalizadas em outros lugares, em outras situações. Como enfatiza BOSI (1994), novos significados mudam o conteúdo e o valor da situação de base evocada.

A memória é a representação seletiva de acontecimentos que passaram, mas não é imutável, pois é sempre a reconstrução atualizada sobre as experiências do passado. O passado não sobrevive tal como foi porque a lembrança dele é uma imagem construída pelos materiais que são colocados à disposição no conjunto de representações da consciência atual. O principal instrumento realizador da memória tem sido a linguagem verbal que, principalmente nas sociedades de tradição oral, garante a estabilidade coletiva (CASSIANO, 1988: 25).

POLLAK (1989, 1992) enfatiza que ao se destacar essa característica mutável da memória, seja individual ou coletiva, é preciso considerar também que, na maioria das memórias há marcos ou pontos relativamente invariáveis. Para o autor, no ato de rememorar, é como se *houvesse elementos irredutíveis em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças* (p.201). Parte de tais elementos torna a essência da pessoa, ainda que outros eventos possam mudar em função dos interlocutores ou em função do movimento da fala. Sobre essa discussão, BOSI (1994) sugere

que muitas das lembranças das pessoas ou mesmo as idéias não são originais, sendo inspiradas nas conversas com outros. Para a autora, é provável que os acontecimentos lembrados tendam a manter o sentido que tinham no momento vivido, quando a vida social ou individual estagnou ou reproduziu-se quase que só fisiologicamente.

Retomando o pensamento de POLLAK, ele explica que os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva são os fatos vivenciados pessoalmente e pela coletividade a que a pessoa julga pertencer. No que se refere aos acontecimentos vividos pelo grupo, o interessante é que, em alguns deles, nem sempre a pessoa participou, mas por marcar tanto uma comunidade, ocorre uma identificação com determinado passado; é o que POLLAK chama de *memória herdada*. É esta socialização histórica e política que insere o indivíduo no plano coletivo.

(...) A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si (POLLAK, 1992:204).

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, aos critérios de estabilidade, admissibilidade, credibilidade, e que se realiza do acordo direto com os outros. É oportuno lembrar que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas².

O homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores. A identidade, além de seus aspectos estritamente individuais, apresenta uma dimensão coletiva, que se refere à integração do homem como sujeito do processo de construção da História. A História, como processo, é compartilhamento de experiências, mesmo que inúmeras vezes sob a forma de conflitos. A memória, por sua vez, como um dos fatores presentes no resgate da história compartilhada, é esteio da identidade (NEVES, 2000:113).

² Ibid.

Trabalhar com a palavra do outro é complexo. Muito além de um bate-papo, a história oral é definida por uma considerável ala de pesquisadores como uma metodologia qualitativa de pesquisa utilizada por várias ciências, da qual a Sociologia se vale para captar o fato social. As fontes orais são um instrumento sociológico porque expressam valores e opiniões de base coletiva, produtos da socialização e não somente um produto essencialmente individual, como enfatiza QUEIROZ (1988, 1991).

Assim, ao se empregar na pesquisa a metodologia da história oral, foi assumido o conceito adotado por LOZANO (2000) , ou seja, *tal como uma encruzilhada de caminhos, a história oral é um ponto de contato e intercâmbio entre a história e as demais ciências sociais e do comportamento* (p.19). Ao trabalhar com a oralidade, esse método de pesquisa busca interpretar as visões e versões dos atores sociais, privilegiando a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias (POLLAK, 1996).

Ainda com base em LOZANO (1996), o objeto de estudo da história oral é formado por fenômenos e eventos que possibilitam, por meio da oralidade, oferecer interpretações qualitativas dos processos histórico-sociais. Desse modo, a história oral busca desenvolver sua análise no âmbito subjetivo da experiência humana, ao examinar a visão e versão que emanam da experiência dos atores sociais.

Ao se trabalhar com as reminiscências, freqüentemente as associações que a memória constrói remetem a aspectos do cotidiano. É interesse dessa pesquisa, ao lidar com o cotidiano do asilamento, perceber não só os processos de dominação, mas também as formas de resistência elaboradas pelos velhos internados no asilo. A definição de cotidiano, tomando como base a citação de LEULLIOT³ por CERTEAU (1994, 1996), é um referencial importante no sentido de vislumbrar elementos que estão fortemente imbricados no dia - a- dia de cada um:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou

³ Paul LEULLIOT, Prefácio em: Guy THUILLIER, Pour une histoire du quotidien au XIX siècle en Nivernais, Paris et La Haye, Mouton, 1977, p. XI – XII.

noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada (p.31).

Assim, o autor aponta a possibilidade das pessoas comuns reelaborarem o seu cotidiano ao seu modo, fazendo de cada momento, um meio para reagir, pois o dominado sempre reage, sendo a astúcia a grande aliada no seu cotidiano frente *aos combates ou jogos entre o forte e o fraco, e das 'ações' que o fraco pode empreender (p.97).*

Para dar conta dessas práticas, CERTEAU distingue os conceitos de estratégia e tática:

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações das forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito com algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e os objetos da pesquisa, etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização 'estratégica' procura em primeiro lugar distinguir de um 'ambiente' um 'próprio', isto é, o lugar do poder e do querer próprios.

Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio (...) Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia (...) (99-101).

Apegando-se às artes do fazer estes sujeitos utilizam-se das táticas, reinventando e reelaborando suas práticas *sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe supõe uma lei, ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte da intermediação ele tira daí, efeitos imprevistos*⁴.

⁴ Idem, p.93.

O relato de Dionísia acerca da sua vida no asilo é um exemplo do uso da tática como meio de sobrevivência, em que a astúcia de garantir uma remuneração com as lavagens de roupa no asilo lhe assegura uma forma de permanecer na instituição, apesar de não contar com a aposentadoria por ingressar aos 59 anos:

“(...) Aí, juntava era dinheiro, lavando roupa. Lavava as minhas nos domingos, pra na semana, lavar as de ganho. Eu tinha uma bolsinha e enchia essa bolsinha de dinheiro. Eu guardava, comprava banana, sabão, comprava papel higiênico, manteiga pro pão (...)”.

Resistindo às normas reguladoras da instituição, Pedro também se utiliza de suas táticas:

Fui ao asilo e me encontrei com Lúcia que tinha ido na sexta-feira com o grupo para Canindé. Todos pensavam que Pedro iria, pelo fato de ele ser religioso. Só que ele aproveitou o movimento das pessoas perto do portão que estava aberto e saiu para beber. No caminho, dentro do ônibus, é que Lúcia percebeu que ele não tinha ido. Os funcionários também pensavam que Pedro tinha ido ao passeio. Tanto é que o seu filho Felipe apareceu e foi informado na recepção de que o seu pai teria ido com o grupo. Quando a telefonista estava de saída por volta das 17 h, surpreendeu-se com Pedro, voltando sozinho, “às quedas” (Diário de campo, 31/07/02).

Como os relatos orais sobre o passado propiciam a percepção de si e dos outros, constituindo uma identidade que confere uma função social e pensando nos sujeitos desta pesquisa – velhos, considerados os guardiões da memória, a história oral veio a ser a metodologia apropriada para oferecer as respostas que esse estudo busca, ressaltando que não existe uma verdade única, sendo mais importante a análise que os indivíduos fazem de suas trajetórias e como essas diferentes interpretações são negociadas em cada grupo social (CASSIANO, 1988).

5. ENTRE ABAFOS E DESABAFOS: DISCUSSÃO

5.1 ARQUIVOS CONSTITUÍDOS A PARTIR DOS DEPOIMENTOS DOS VELHOS

De acordo com o objetivo desta pesquisa, no momento em que se realizou as entrevistas, foi dado destaque ao período em que a família decidiu pelo internamento, privilegiando, assim, perguntas voltadas para o relacionamento familiar antes e pós-asilamento. Os depoimentos foram lidos e relidos por diversas vezes com o intuito de relacionar as falas com a problematização do estudo.

Numa primeira fase, efetivou-se o trabalho de coleta dos depoimentos orais entre os asilados compostos por duas mulheres: Dionísia (76 anos) e Fabiana (72 anos) e dois homens – Osvaldo (serralheiro aposentado) e Pedro (tratorista aposentado) com as idades de 60 e 73 anos, respectivamente.

Foi organizado um fichamento temático por meio dos relatos em função das perguntas formuladas e também de aspectos que não foram levantados no roteiro, mas que eles trouxeram durante a entrevista. Dessa forma, foram identificadas as seguintes categorias que se seguem.

▪ RELACIONAMENTO FAMILIAR

O recurso aos depoimentos orais conferiu a este estudo a dimensão do processo de construção do relacionamento familiar, percebendo que a forma como foram conduzidos esses relacionamentos é determinante no convívio entre as gerações.

Na avaliação das mulheres, ao discorrerem sobre seus filhos, o relacionamento entre eles é bom e estes lhes dispensam atenção. Suas lembranças as direcionam ao tempo da infância dos filhos, um tempo de aprendizado:

Ensinei ele ler em casa (Dionísia).

Em 84 eles fizeram uma fatura de legume. Todo mundo ficava admirado como é que três crianças, podia se dizer, tinha um roçado daquele, tudo bem plantado (Fabiana).

Com relação aos homens, as percepções acerca dos filhos diferem. O discurso de Pedro em torno do que representa a família é o único que destoa dos demais. Ele não esconde o sentimento de revolta com relação aos filhos, mas, por outro lado, manifesta o desejo de ser ouvido pelo seu filho Felipe. Muitas vezes se esquivou de falar dos filhos quando as perguntas eram dirigidas para este assunto. Falava que lembrar era sofrer duas vezes, prevalecendo, assim, momentos de silêncio.

Fiz tudo pra eles aprenderem alguma coisa. Eles aprenderam? Tacaram no meu espinhaço, nas minhas costas! (Pedro).

Pedro muda quando fala dos filhos. Fica pensativo e foge do assunto (Diário de campo, 31/01/02).

Se o Felipe ficasse o tempo que você fica, ele estaria gastando tempo e dinheiro – Comentário de Pedro (Diário de campo, 21/08/02).

O silêncio que se instala não pode ser explicado como simples esquecimento, o qual é frequentemente associado a uma das peculiaridades da velhice, como se os mais novos não passassem por esse tipo de situação. Mas, como expõe ORLANDI (2002), há um sentido no silêncio: *Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é o mais importante nunca se diz, todos esses modos de existir dos sentidos e do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é fundante* (ORLANDI, 2002:14).

A autora compreende que a relação silêncio/linguagem é complexa e que o silêncio não se caracteriza como mero complemento de linguagem, pois ele tem significância própria. Daí poder considerá-lo fundador, posto seu caráter necessário e próprio, aquele que está contido nas palavras, significando o indizível. Da mesma forma que as palavras são múltiplas, os silêncios também os são. Porém ele *não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas*¹.

¹ Ibid, p.34.

Às vezes, o silêncio fala mais do que a própria fala. Não interpretável mas compreensível, o silêncio *é a historicidade inscrita no tecido textual que pode devolvê-lo, torná-lo apreensível, compreensível. Desse modo, o trabalho com o silêncio implica a consideração dessas suas características*².

Pedro permanecia calado ao ser perguntado sobre os filhos e Fabiana também não se alongava quando o assunto era o seu problema de dependência alcoólica.

Percebi que Pedro se esquivava de falar dos filhos e quando toca no assunto, fica com o pensamento longe (Diário de campo – 29/01/02).

De acordo com a autora ora citada, não se pode captar o sentido do silêncio só pela verbalização. Ele não está somente ‘entre’ as palavras. Ele as atravessa.

Como destaca POLLAK (1989, 1992), o longo silêncio sobre o passado, longe de ser um lapso de memória, traduz-se numa resistência, evitando-se trazer à tona lembranças dolorosas e conflitantes. Assim, o silêncio tem razões profundamente complexas e, para poder relatar sua história, uma pessoa necessita, primeiramente, de uma escuta, e depois, de creditar uma certa confiança nesta para que se sinta à vontade a ponto de narrar acontecimentos íntimos, comprometedores ou traumatizantes.

Há de se convir que é uma situação delicada estimular as pessoas a falar de experiências que remetem a tristezas e a lembranças dolorosas. São abafos repletos de significados, e mais do que compreensíveis, devem ser respeitados.

Marcos julga ter construído um ótimo relacionamento com os seus seis filhos e sente muito orgulho de ter como amigos:

Eu sou muito amigo dos meus filhos. De tudinho, eu gosto. Eu tenho orgulho de nunca ter teimado, discutir com filho meu..

² Ibid, p.60.

Ao deslocarem para o tempo da fase adulta dos filhos, elas trazem à tona a relação sogra-nora, refletida num ambiente de conflitos e divergências:

A minha nora nunca se uniu comigo... Uma vez, ela me fez arrumar as minhas coisas e me levou pra casa do meu irmão... Quando cheguei lá, a Francisca me olhou por cima dos ombros e me ofereceu uma xícara de café. Com dois dias, já tava brigando comigo. Reclamava até do jeito que eu andava. Dizia que eu andava toda torta... Ela é que era ruim pra mim... A mulher dele legítima, a Francisca, nunca me quis dentro de casa. Mas não é só ela, não. É mal de todas, não é só a minha, não (Dionísia).

(...) Primeiro, minha filha, tudo era comigo. Ela é desse pessoal que não liga muito pra limpeza de uma casa, a organização de uma casa. Eu não quero dizer que ela seja ruim, não, mas eu sempre tava ajeitando, lavava as vasilhas bem lavadinha, limpava a casa... Uma nora por boa que seja, não é como uma filha... (Fabiana).

Contudo, elas não deixam de reconhecer aspectos positivos nas noras:

(...) A Francisca (era ruim, mas fazia caridade) mandava o Luís, o meu neto mais velho dormir comigo... Todos os dias a Francisca mandava o café, o almoço e a janta" (Dionísia).

No dia que eu saí de lá, ela falou comigo, direitinho. Às vezes a gente liga, a gente conversa uma com a outra (Fabiana).

Dionísia, depois de asilada, teve a oportunidade de conhecer as outras mulheres com as quais o filho conviveu, achando que até poderia manter um bom relacionamento com a atual, embora descarte de vez a possibilidade delas morarem juntas:

Agora, com essa Clara, ela pergunta: 'a senhora acha bom, aqui?' – 'Eu acho' – 'Se a senhora não achar bom, eu lhe levo lá pra casa'. – 'Não, eu tô bem aqui'... Mas eu acho que ela se unia comigo.

Ao se reportarem à educação dos filhos, os homens atribuem as mães o cumprimento deste papel:

Agora, eu elogio demais ela. O que eles sabem hoje, eu posso dizer que eu não tenha feito nada, porque a mãe foi sempre a pioneira. Ela exigiu mais, obrigou mais. Quando precisava dos pais no colégio, a mãe é que sempre tomava de conta. Ela soube criar os filhos (Marcos).

Eu não criei eles assim total, pessoalmente. Eu vivia trabalhando em cima de uma pá mecânica. Só ia pra casa no fim do mês (Pedro).

Observa-se que fica claramente demarcada a atribuição dos papéis em função do gênero, isto é, à mulher cabe o cuidado da casa e a criação dos filhos. Já o homem é candidato natural para o mundo do trabalho, sendo, portanto, o provedor da família.

As falas dos homens em torno dos filhos retratam basicamente a vida profissional destes, denotando um sentimento de orgulho e satisfação pelo fato de terem conseguido uma colocação:

Minha filha que trabalha na UNIMED... A Catarina é a caçula... Ela trabalha na UNIFOR. Foi uma prima minha que arranhou pra ela. Eu nem sei qual é o setor dela, mas é um bom setor... Aos dois meninos, eu ensinei a minha profissão, uma profissão boa pra eles... são novos e eles estão ganhando. Aprenderam e me deram esse prazer... A Silvia é boa também. Tá num hospital, ganha bem... (Marcos).

O Vitória é Coronel da Marinha do Rio de Janeiro (Pedro).

A preferência e a afinidade por um dos filhos são assumidas, explicitamente ao longo de seus depoimentos, com exceção de Dionísia, que só tem um filho:

Eu converso mais com o Ednardo e a Tereza, com todos eu converso, mas sempre os dois mais velhos é que a gente tem mais um diálogo com eles (Fabiana).

A Carolina é a principal. Eu considero. Ela é uma dona de casa. Tudo o que eu quero, ela me arranja. Eu peço uma coisa e ela me dá. É muito boa. Dos seis que tem, de dois, eu quero mais bem. Tem a Carolina e o outro é o Alan. Eu gosto muito deles. Quero bem tudinho, mas igual eles dois não tem de jeito nenhum (Marcos).

O Felipe é um rapaz educado (Pedro).

Percebo que Pedro gosta muito do Felipe (Diário de campo, 26/08/02).

Nesta viagem ao tempo, emergem novamente as reminiscências voltadas para a infância, mas, desta vez, na figura dos netos, uma possibilidade para a construção e vivência das relações de amizade, afeto e brincadeiras entre eles:

Hoje, os meus netos já são casados e já têm filhos. O meu filho já é avô... Ela veio com ele pra me tomar a benção que eu pedi. Eu pedi a ela. Antes de eu morrer, eu quero ver esse menino. Ele trouxe mais ela. Tá grandão, alvinho, bonitinho... Tinha um deste tamanhinho, o Túlio, bem gordinho, bem bonitinho. Aí, eu pegava e botava no braço. A vó quer tanto bem! (Dionísia).

Quando eu ia falar qualquer coisa a ele dizia: 'Vó, eu já sei o que é, eu já sei. Não precisa me dizer, mais não'. Às vezes eu pedia pra ele fazer uma comprazinha pra mim em qualquer comerciazinho, uma fruta, uma coisa assim, né? Agora, ele queria dinheiro, minha filha. Ai de mim se eu não desse dinheiro a ele (risos) (Fabiana).

O Alan é casado e já tem três filhos...coisa linda as crianças! Os filhos dele gostam muito de mim. Quando vêm pra cá, eu tô dormindo e eles vão acordar. Eu fico muito contente. Eu sou louco por eles (Marcos).

Ele veio me buscar pro batizado do meu neto (Pedro).

O favoritismo com relação a um dos netos também se faz presente e a avó explica a sua preferência:

Eu era mais apegada com o João, porque eu comecei a lutar com ele com dois meses (Fabiana).

De acordo com BARROS (1987), o reconhecimento de predileção por determinados netos é também um meio de demonstrar seu papel de transmissão de conhecimentos, esclarecendo a ligação entre afeição e herança cultural. *O discurso da predileção elabora ao máximo a questão da emoção e da comunicação entre as duas gerações (p.119).*

Entretanto, esse relacionamento de cumplicidade entre avós e netos, que geralmente supõe uma comunicação igualitária, não impede que as atribuições dos avós sejam descumpridas, haja vista a posição destes no grupo doméstico, bem como a sua própria concepção do papel que exerce. O depoimento de Fabiana mostra que, na sua convivência com os netos, suas decisões são respeitadas, esclarecendo a demarcação dos papéis familiares e acentuando a hierarquia da família nessa relação específica:

Eu dizia pra eles: Enquanto sua mãe tiver em casa, é com ela, mas depois dela sair quem manda sou eu, o que vocês fizerem, eu castigo vocês. Quando nós tava no Ceará, não, porque tinha a outra avó, quem cuidava era a outra avó, mas agora que eu tô aqui, quem tá cuidando sou eu (Fabiana).

De acordo com BEAUVOIR (1990), o papel de avó traz novas possibilidades, além de se desenvolver, em casa e na família, papéis que lhe proporcionem encontrar uma atividade e manter a própria identidade. A autora comenta que os sentimentos mais calorosos e mais felizes são aqueles que eles nutrem pelos netos. Dá-se uma convivência diferente da época dos

filhos crianças, pois estão mais isentos do compromisso de educá-los, de impor normas. Dessa forma, os netos lhes demonstram mais afeto, encontrando um recurso contra a autoridade dos pais.

MORAGAS (1997) explica que esta relação é mais livre e flexível porque a sociedade ainda não atribuiu condutas específicas para o papel de avô, mesmo predominando alguns estigmas que restringem o ser avô a ser limitado. Porém, esta imagem, aos poucos, vem sendo superada porque mediante as novas realidades demográficas e novos estilos de vida, hoje já é expressiva a quantidade de avós cada vez mais jovens e saudáveis. No passado, quando havia avós, o estado de saúde era comprometido e a idade muito avançada, visto que os filhos se casavam mais tarde, e assim, a probabilidade de ser avô/avó era menor.

Em linhas gerais, nota-se que as relações entre avós e netos são construtivas e gratificantes, haja vista os resultados que as pesquisas revelam. Um dado importante acerca dos aspectos positivos da relação avós/netos, segundo o autor ora referido, é que estes benefícios foram reconhecidos institucionalmente nos projetos que promovem o contato entre velhos e crianças órfãs ou abandonadas pelos pais, agindo os ‘avós’ como pais substitutos em visitas constantes, com resultados muito satisfatórios para ambas as partes. Observa-se, então, que as relações têm mais relevância do que no passado e possuem uma profundidade que ninguém podia antecipar.

A crítica relativa à educação dada pelos pais é vista no depoimento de Dionísia sobre a maneira de tratamento dos netos, fazendo lembrar *o meu tempo*, uma forma de opor valores do passado a valores do presente:

Tudo é assim, é mãe, é pai. Porque não sabem ensinar os filhos. A mamãe ensinava mamãe, papai. Negócio de mãe. Mãe de quem? Pai, pai de quem? É papai. A mamãe ensinava assim, mas eles não (Dionísia).

PRETI (1991) considera que essa ‘defesa’ do passado e essa posição contestadora do presente, objetivando atingir os mais jovens, pode ser compreendida como um mecanismo compensatório que os velhos acham para superar estigmas a que estão sujeitos por parte dos jovens.

Essa tendência dos mais velhos de relembrar o passado, priorizando-o em relação ao presente e reforçando que o *seu tempo* é melhor do que a realidade hoje vivida, faz lembrar *O Sorriso Etrusco*, história narrada por SAMPEDRO (1996), cujo protagonista é um velho que encontra no seu neto, o sentido da sua vida, depositando nele toda a sua ternura. No entanto, no decorrer de toda a história, persiste o seu descontentamento com a forma da educação imposta pela sua nora, emergindo daí constantes questionamentos e reprovações para com as atitudes desta:

(...) Olhe, ninguém cuida melhor de uma criança do que a patroa. Ela mede o menino, pesa, leva-o ao melhor médico... E tem um livro cheio de figuras que explica tudo!

'Um livro!', pensa o velho com desprezo, enquanto a mulher sai do quarto. *'Se fosse preciso ter livros para isso, como teriam criado seus filhos todas as boas mães que não sabem ler? É claro, por isso elas o criam melhor e não os afastam antes do tempo!* (SAMPEDRO, 1996:26).

(...) Sozinho com Renato tomando café da manhã, enquanto Andréa tomava uma ducha, perguntou-lhe por que o menino não dormia com eles, como tinham dormido a vida toda. Renato sorriu, condescendente:

- Agora começam a ser educados mais cedo. Devem dormir sozinhos quando chegam a essa idade, pai. Para não terem complexos.

- Complexos? O que é isso? Alguma coisa contagiosa dos adultos? (Ibid, p.30).

Como enfatiza BARROS (1987), os avós contam sua história de vida a fim de mostrar as mudanças vivenciadas pela família, associadas às transformações mais gerais da sociedade. Essa história de vida é reconstruída sob a óptica do seu papel recente no grupo familiar.

O depoimento de Marcos coincide no que aponta BARROS acerca da disponibilidade dos pais para com as crianças, isto é, por conta do trabalho, eles não puderam viver plenamente o aspecto positivo da relação com os filhos na infância, mas, como avós, isso agora seria possível com os netos:

Domingo, quando vêm, ficam brincando comigo e na hora deles partirem... eu sou muito emotivo. Muitas vezes, chegam as lágrimas nos olhos. Eu tenho a impressão que não vou ver mais.

BARROS assinala que a linguagem das emoções, própria das descrições das relações com os netos, permite também uma revisão retrospectiva de sua trajetória pessoal e familiar. Essa reconstrução oferece dados para uma comparação entre seu estilo de vida e os de seus filhos e produz um modelo de relação, crítico em relação à sua própria experiência de vida, ao mesmo tempo em que reafirma.

*(...) – Parece que o senhor não teve filhos!”
‘Não, não os tive’, compreende o velho, percebendo que nunca viveu o que está vivendo. ‘Na aldeia, nós, os homens, não temos filhos. Temos recém-nascidos, para gabar deles no batismo..., mas depois desaparecem entre as mulheres... (SAMPEDRO, 1996:23).*

No que respeita à vida conjugal, uma mulher e um homem mencionam sobre seus ex-cônjuges mais abertamente, enquanto que os outros dois deixam escapar alguns indícios, e em especial, Pedro.

No tempo em que eu era casada que nós vivia junto, os bixim tudo eram pequeno, ele inventou a viagem pro Maranhão pra uma irmã lá, dizendo que era rica, mandou uma carta muito boa, dizendo que tinha condições. Pelo contrário, nós passamos dois meses lá e foi preciso dois irmãos meus, buscar a gente no Maranhão. Aí quando chegamos, ele foi pro interior, por lá passou no interior uns onze meses. Aí não queria perder o emprego dele e voltou pra Fortaleza e eu fiquei lá, mas depois ele tornou a trazer a família. Aí quando foi em 80, foi que eu disse que ia pro interior que meus filhos tinham muita vontade de trabalhar na roça porque nós temos um terreno lá no interior. O papai morreu, mas deixou a nossa herança. Ele disse que no mês que pudesse ir, ele ia, no mês que não pudesse, mandava alguma coisa, mas nunca mandou nada e fez foi arrumar outra. Outra que tinha três filhos de outro homem. Aí eu botei ele na Justiça. Ele disse que era pra eu arrumar um homem pra dar de comer aos filhos. Eu disse: ‘Não, o pai é você, não é outro homem, não’ (Fabiana).

A mãe, qualquer coisinha, era batendo. Todos os dias tinha um que apanhava. Muitas vezes sem fazer nada. Só ignorância dela que era demais. Eu me separei dela em 80 e fui morar na casa de um irmão meu (Marcos).

Dionísia falou que seu ex-marido a deixou por causa de ciúme (Diário de campo, 03/01/02).

Dionísia comentou que o ex-marido tinha ciúme de todos os homens. Contou que uma vez, na casa deles estavam umas pessoa e ela sorriu de algo. O marido lhe perguntou 'que sem-vergonhice era aquela e fez a cara do homem de espelho: tacou a mão na cara dele' (Diário de campo, 11/10/02).

Hoje, Pedro conversou mais sobre a ex-mulher. Disse-me que 'a quenga até que era bonita'. Quando eu quis me aprofundar mais, ele disse que não era bom lembrar o passado, pois sofria duas vezes –'Vamos deixar essa conversa pra lá! Ela me dava mais trabalho do que as filhas gêmeas' (Diário de campo, 28/06/02).

De uma forma geral, a velhice está associada à dependência, mas, no dia-a-dia de Fabiana em São Paulo, essa premissa é questionável. Ela era o grande suporte para que seu filho e sua nora pudessem trabalhar. Além de exercer as atividades domésticas, cuidava dos netos. As condições mínimas de sobrevivência obrigam a estas soluções para a criação dos filhos, pois os membros da família em idade ativa têm de concentrar seus esforços no trabalho (OLIVEIRA,1999):

(...) Eu sempre tava ajeitando, lavava as vasilhas bem lavadinha, limpava a casa... Eu cuidava, porque ela trabalhava à noite. Ela saia de quatro e meia, aí quando era à tardinha, eu dava a jantinha deles, ajeitava eles. Tinha deles que dormia mais cedo e tinha outros que só dormia mais tarde. Tinha uma televisãozinha, nós assistia televisão. Eu achava bom, eu achava bom (Fabiana).

Para OLIVEIRA (1999), que analisa o dia-a-dia das crianças cuidadas pelos avós, nas classes populares, em qualquer situação, a incumbência de educar os netos é na maioria das vezes bem acolhida pelos avós. Segundo o autor, os velhos se sentem menos 'pesados' dentro de casa.

Porém, a condição financeira é ponderada. Quando o filho de Fabiana avisa que ela vai ser avó novamente, esta se surpreende:

Quando o Bruno falou que eu ia ser vó de novo, eu disse: Bruno, pelo amor de Deus, Bruno! Vocês não pensam na vida de vocês, não, meu filho?!

A percepção de que a presença na casa dos filhos representa um incômodo é manifesta na maior parte das falas:

Um dia, fui lá pro quintal, fiquei de joelho, de mão posta e pedi a Deus que arranjasse um lugar, um hospital pra mim; que me levasse dali nem que fosse pro cemitério. Aí, ela chamou

o Ronaldo que tava deitado. Ele era auxiliar de enfermagem e quando chegava do hospital, ia logo dormir. “Olha aí, a tua mãe querendo morrer”. Ele perguntou o que tava acontecendo e eu disse eu tô pedindo um hospital pra morar eternamente, pra ir embora pro cemitério, pra não incomodar na casa de vocês (Dionísia).

Eles já chamaram pra morar com eles, mas eu não quero não, porque eu tenho a impressão que só vou atrapalhar a vida deles... Já morei com ela. Sai de lá, porque ela é casada, né? Casada de nova. Deixei ela livre, né? (Marcos).

Eu não tava vivendo às custas deles (Pedro).

Essa percepção de se sentir um peso para a família, na maioria das vezes, coincide no momento em que pais e filhos passam a experimentar uma inversão das relações. Esta nova situação requer uma preparação por parte da família de modo a evitar que os velhos pressuponham ser uma sobrecarga para os filhos, o que é uma aflição para eles, a confirmação desse julgamento (TEIXEIRA, 2000).

Marcos recorda o tempo que morou com o filho e retrata a dificuldade de se conviver com outras gerações:

O Olívio é mais calmo. Ele gosta mais é de música. Eu até brigava em casa por causa dessas músicas dele. Ele gravou um disco. Mas eram umas músicas que eu não dava valor, um tal de hip hop.

CORTELLA (1999) reforça o argumento de que muita coisa mudou e, hoje, nem sempre as pessoas aprenderam com essas mudanças, mas também há coisas que não mudaram e que precisariam mudar. No entanto, existe um dado concreto. Atualmente, mundos diferentes convivem, gerações convivem. E neste contexto subsiste um cenário definido: a dificuldade de se saber conviver com outras gerações. *Só queremos que eles saibam o que nós fizemos, e esse é o primeiro passo para não conseguirmos lidar com uma relação (p.74).*

Como enfatiza GOLDIM³, as relações familiares não se tornam diferentes com a perspectiva das pessoas viverem mais tempo; apenas tornam-se mais complicadas em função do número crescente de pessoas interagindo. Citando MORIN⁴, o autor compreende que o

³ <http://www.ufrgs.br/HCPA/gppg/famili.htm>

⁴ MORIN, E. Idéias contemporâneas. São Paulo: Ática, 1989: 33 - 40.

acréscimo no número de interações proporciona maior probabilidade de relações caóticas. A maneira de organizar estas relações, com fins a uma nova ordem, é realizada geralmente, pela limitação do número de participantes, suprimindo os mais vulneráveis, as crianças ou os velhos.

No que remete ao contato entre pais e filhos depois do processo de admissão, excluindo Pedro, os demais confirmam que os filhos os visitam com uma certa freqüência, demonstrando permanecer um vínculo afetivo entre eles:

O meu filho vem aqui, uma vez por mês, senta aí na minha cama e eu aqui, nesta cadeira. Ele chega, toma a benção, pergunta se eu tô boa. Eu digo tô. – Você também tá? – Tô. – A senhora acha ruim de eu vir aqui? – Que nada, meu filho, eu acho é bom. Eu tenho o maior prazer de lhe ver, porque eu sei que tá bom, tá vivo, não aconteceu nada... Quando ele sai daqui eu digo: - não vá beber, não! - Não, eu não tô bebendo, não. Eu tô tomando é remédio. Agora, ele diz assim pra me enganar, né? Quem bebe, eu acho que não deixa não... Ele que corta as minhas unhas com unheiro. Quer cortar as unhinhas? Deixa tudo limpinha, bem cortadinha (Dionísia).

Depois que eu estou aqui, nenhum deixou de comparecer, até os que moram no interior. Sempre, eles vêm aqui. Passam a tarde de domingo, aqui, comigo (Marcos).

Quase todos os dias, eles vêm. Quando não é um, é outro. O Ednardo disse que até hoje vinha e trazia a menina que ajeitava as minhas unhas lá. Podia até vir e trazer a Mariana, que o nome dela é Mariana. Eu disse: Meu filho, se não der pra vir, minhas unhas não tão feias não. Pode deixar que quando for mais depois, ela vem – Você é quem sabe (Fabiana).

No seu relato, Pedro demonstra uma relação de desentendimento e distância com os filhos, reagindo com desdém à ausência destes:

Tá com um mês e pouco que a Juliana veio e disse: - Eu tô triste com o senhor. - Por que? Que tristeza tão miserável é essa sua? - É que uma pessoa daqui de dentro me telefonou e disse que o senhor tava bêbado. - Quem foi esta rapariga? Pra que eu falei isso? Ela tirou logo o time. - Juliana, se é pra você vir pra cá mentir, tenha vergonha e não pise mais aqui e acabou-se, foi embora. Ninguém vê eu entrar bêbado, aqui! Quando eu recebo a mixaria, aí eu vou tomar uma cerveja... Uma cerveja não embriaga ninguém, não. Agora, vem mentir desse jeito. Eu ganhei um óculos que o meu filho trouxe do Rio de Janeiro, um óculos véio vagabundo. A Juliana carregou. Ganhei um trancelim, a Juliana carregou. Ele também trouxe uma US TOP pra mim, a Juliana carregou. Um cara desse que nem eu, não tem uma sorte desgramada? É que nem diz o ditado: 'A sorte é cega e ninguém vê'. O Felipe nunca mais pisou aqui nem a Juliana também. Ninguém veio mais. Eu tô bem. Tô com saúde. Pra me fazer raiva, é melhor não vir. Pra vir mentir, fique pra lá e eu fico pra cá (Pedro).

Entretanto, Pedro sinaliza que gostaria de ser escutado pelo filho:

Se o Felipe viesse aqui escutar essas histórias que eu conto para você, seria uma glória (Comentário de Pedro – Diário de campo, 01/02/02).

Fabiana tem quatro filhos e Marcos, tem seis. Mas ambos mencionam que uma das filhas de cada um os visita com maior constância, não deixando de justificar a ausência dos demais. Estas visitas esporádicas são explicadas em função do trabalho que sobrecarregam os outros filhos:

Quase todos os dias, eles vêm. Quando não é um, é outro... Porque eles trabalham numa noite e outra não. Todos os dois (Fabiana).

Quem vem mais vezes aqui, é ela... Eles trabalham viajando muito, mas quando eles vêm, a primeira coisa que eles fazem é vir aqui. Eles chegam ligam logo pra Carolina e ela telefona pra mim: - Amanhã de manhã, eles batem aí. Passam o dia comigo, conversando (Marcos).

Como Fabiana está morando há pouco tempo no asilo, seu depoimento em torno do processo de institucionalização se prende a mais detalhes, como, por exemplo, à primeira visita da filha:

A Tereza disse: - Mãe, nessa noite, eu não dormi, não. Passei a noite tão perturbada, imaginando: meu Deus, por que eu levei a mamãe pr'acolá? Sei lá como vai ser a vida dela, lá! Mas depois que eu vim aqui que eu vi a senhora, eu tô muito satisfeita. Até eu me sinto bem quando tô aqui'. Ontem ela veio, ficou aí na quadra mais nós... (Fabiana).

Sempre contando com o apoio da família, Fabiana recebe todos os dias a visita da filha, mesmo desempregada e morando afastada. Apesar do contato entre velhos e membros familiares, BEAUVOIR (1990) diz que, na maioria das vezes, o acesso ao asilo é difícil. Sendo assim, os parentes e amigos só podem aparecer lá aos sábados e domingos, considerando ainda que o tempo exigido pelo deslocamento os desencoraja. Dessa forma, a autora apreende que é necessária uma verdadeira afeição a ponto de se cancelar o pouco do lazer ou das ocupações que se tem ou, então, o velho fica abandonado.

Vale lembrar que, pelas normas da instituição, as visitas devem ser realizadas no período vespertino. Mas se algum membro familiar não tiver condições de cumprir o horário

estabelecido, isto não vem a ser um empecilho, uma vez que administração e família podem firmar outras opções, até porque aquela considera fundamental a preservação dos vínculos. Este procedimento diverge do que GOFFMAN (1987) afirma sobre a primeira *mutilação do eu*, ou seja, a barreira que as instituições totais põem entre o interno e o mundo externo.

A comunicação entre Dionísia e seu único filho se dá, precisamente, uma vez por mês, dia este que coincide com o pagamento da aposentadoria. Este fato é alvo de comentários por parte dos funcionários, até porque Dionísia mora lá, há mais de quinze anos e, sendo assim, verificou-se que esta é uma situação corriqueira:

Estive no Serviço Social e comentei que estava entrevistando Dionísia e que ela fala com muita estima do seu filho. Tanto a assistente social como a estagiária são da opinião de que “ela compra o amor dele, pois ele só aparece no dia do pagamento da aposentadoria e ela coloca nas mãos dele” (Diário de campo, 16/01/02).

Hoje, fui perguntar à funcionária responsável pelo pagamento da aposentadoria se ela sabia o número do telefone do filho de Dionísia e ela me respondeu que não dispunha. Sugeriu que eu ligasse para ela no dia 21, pois me confirmaria o dia certo do pagamento e neste dia com certeza, o filho de Dionísia estaria lá e assim, eu o viria (Diário de campo, 12/09/02).

Um funcionário dos serviços gerais falou-me que conhece o filho de Dionísia, “um homem forte que só aparece lá pra buscar o troquinho dela”. Disse-me também que acha isso ridículo, mas não é o único caso existente no asilo (Diário de campo, 12/09/02).

A assistente social comentou que desde que Dionísia passou a morar no asilo, ela ajuda o filho, financeiramente, mesmo antes de se aposentar, através da lavagem de roupa dos internos (Diário de campo, 09/10/02).

Dionísia, quando fala do seu filho, comenta sobre sua dificuldade financeira e confirma que o ajuda:

Recebo os R\$60,00, ajudo o meu filho e às vezes dou pra ele também, porque ele também ganha, mas não dá pra nada, porque tem que repartir pra mulher, né? Ele tá aposentado, mas tem que dividir com a mulher porque ele veve com outra. Tem que repartir meio a meio com ela. A outra também trabalhava pra ajudar a ele, mas agora só veve doente, essa Clara.

A felicidade é que ele não paga aluguel. A casa dele é própria. A outra casa ficou com a mulher legítima, mas ele não faz conta. Deixou tudo com ela... Mora com a Clara que tem um

filho rapaz e ele se chama Érico. Às vezes, ele vem com o meu filho, mais alto que o meu filho! Já tá com 19 anos, mas não arruma emprego. Assim ele ajudava o meu filho, não era, nas compras? Por isso sai tudo do bolso dele. Não tem dinheiro que chegue!

Encontrei Dionísia no quarto disposta a conversar. Repetiu as histórias que ela já havia me contado, principalmente sobre o filho que passa lá no dia 22 (dia do pagamento da aposentadoria) e que dá essa ajuda a ele porque tudo sai do bolso dele e é ela que quer ajudar (Diário de campo, 12/06/02).

O exemplo de Dionísia reforça que a renda do velho é uma garantia no sustento da família. Mesmo sem morar com o filho, ela tem contribuído mensalmente para melhorar sua condição de vida.

A equipe administrativa compreende que não pode interferir nesta questão, visto que Dionísia é lúcida, diferente de outros internos dependentes, os quais requerem mais gastos. Neste caso, é possível uma intervenção no sentido de não repassar os 30% da aposentadoria para estes velhos, pois a instituição utiliza na compra de medicamentos.

Convém mencionar o trabalho de GIGLIO & LEÓN (1998), no qual se pretendeu descrever como o pessoal da equipe multidisciplinar de uma unidade psiquiátrica percebia o paciente idoso. Constatou-se uma falta de interesse da família em acompanhar o internado, como também uma resistência daquela quando os pacientes recebiam alta. Essa rejeição causou um sentimento de pena para com o paciente.

Embora sejam preponderantes as queixas com relação à ausência da família, apenas um entrevistado no referido estudo sugeriu a necessidade de se fomentar um trabalho junto à família, procedimento este já instalado em todos os serviços de atendimento à população idosa no mundo, segundo os autores.

A compaixão surgiu nas entrevistas de forma a levar os profissionais a refletir sobre a própria velhice e ao tratamento dispensado nas instituições, visto muitas vezes como inapropriado e até desumano.

A despeito da chegada de um novo paciente, o pessoal da Enfermaria levanta dúvidas sobre a legitimidade da internação, pois a experiência tem demonstrado a freqüente situação

de abandono por parte da família, a qual vislumbra na institucionalização uma forma de se isentar das tarefas que o cuidado exige.

Também ficam explícitos o carinho e o cuidado que Dionísia cultivava pelo filho. Mesmo reconhecendo que Ronaldo não tenha um padrão de conduta adequado, ao dizer que “*ele gosta de beber e é muito mulheril*”, ela jamais faz alusões depreciativas ao seu respeito. Ao contrário, atribui os erros a terceiros:

Esses homens é assim, né? Deixa a mulher pra ficar com outra... Ele agora já teve com outra, porque não deu certo com ela. Ele disse que é porque ela tem um filho de 18 anos muito ignorante e por isso ele deixou. Eu acho que ele chegava meio ruim dos paus, não sei se chegava com algum abuso. Quando ele chega bêbado, ele vai se deitar. Não faz zoada dentro de casa, não. A mulher ficava chamando ele de todo nome (a legítima)... Eu não quero que ele viva só, né. É muito perigoso... Quem bebe, eu acho que não deixa não. Mas ele não chega brigando, não Quem brigava era a Francisca: ‘sem-vergonha, já chegou bêbado’. Ai vai se deitar.

Dionísia fica satisfeita em receber a visita do filho, pois só assim se convence de que ele está bem. Ao longo da pesquisa, foi observado que o seu anseio aumenta ao se aproximar o dia em que ele vai estar com ela; e certamente pelo fato de ele já ter sido ameaçado de morte. Dionísia repetiu essa história por diversas vezes nos seus relatos:

Ele já foi sofrido de morte, minha filha. Botaram ele num carro e pararam pra matar o meu filho. Já pensou! Ele começou a chorar. Eu nunca esqueci disso e quando vejo entrar, eu fico satisfeita que tá bom, não aconteceu nada. Ave-Maria que tivesse acontecido alguma coisa. Você pensa que eu tava aqui viva? Eu só tenho ele. Foi criado com estimação.

Estive com Dionísia e ela voltou a falar do risco de vida por que o filho dela passou, todas aquelas histórias que ela já contou pela enésima vez (Diário da campo, 27/06/02).

Numa de suas falas, percebe-se a necessidade de mostrar ao filho que está bem:

Eu nem sabia que tinha essa casa aqui. Aqui, é um espetáculo! Eu digo: não tem canto melhor do que esse quando ele chega. Ele volta satisfeito de eu dizer que tô bem.

▪ A DECISÃO DOS FILHOS

Diante do que foi explorado nas entrevistas a respeito da decisão pela institucionalização por parte dos filhos, o que se percebe em linhas gerais é uma certa conformidade e aceitação dos velhos em relação à família mantê-los no asilo. Apenas Pedro diverge dos demais depoentes, deixando explícita sua revolta pelo procedimento dos filhos:

Eu gosto muito daqui (Dionísia).

Tenho me dado muito bem... (Marcos).

Eles querem que eu vá, eu vou. Eu não tô arrependida de ter vindo, não (Fabiana).

O Felipe e a Juliana foi quem me trouxeram pra cá enganado e as minhas coisas ficaram lá... Eu já sei que eles me botaram foi pra morrer aqui dentro. Ninguém me disse, mas eu sei. Eu juro pelos pés da Santa Cruz. Mas eu tenho fé nesta cruz que eles não vão ver isso (Pedro).

Com exceção do depoimento de Pedro, as explicações em torno do motivo do internamento tendem a justificar o procedimento dos filhos:

Eu me sentia envergonhada de ficar lá. Só que meu filho não tem culpa (Dionísia).

Minha filha que trabalha na UNIMED é que conseguiu uma vaga, aqui pra mim... Essa idéia da Carolina foi tudo. Eu quero um bem a ela! Ainda mais com essa (Marcos).

Eles fizeram certo... O Ednardo, mesmo que é o mais velho dos homens, diz: A gente perguntou se a senhora queria ir pra lá, ninguém forçou a senhora ir, a gente falou e a senhora concordou pra passar uma temporada (Fabiana).

▪ ASILO

A concepção dos velhos quanto ao asilo se assemelha a uma parte dos pesquisados de PAVARINI (1996), já citada neste trabalho. De uma forma geral, consideram a instituição como 'asilo saúde', um local onde se tem assistência médica, além da garantia de suas necessidades básicas no dia-a-dia:

Eu não tenho despesa com nada... Aqui, eu tenho tudo em mão. Eu quero um médico, tem; um enfermeiro, tem. Aqui, eu tenho tudo o que eu não tinha. Tem almoço, tem janta, tem café, tem tudo (Marcos).

Eu pago o que eu como aqui, eu pago tudo: eu pago o almoço, janta, a merenda (Pedro).

Eu não como mais porque não quero, mas comida bastante, tem (Fabiana).

Ao discorrerem sobre suas vidas no asilo, todos fazem um paralelo como viviam antes da institucionalização, avaliando assim o momento presente:

Fui trabalhar na casa de uma senhora em Maranguape e com um tempo, eu já não tava mais me dando com ela e também fiquei envergonhada de ficar por lá. Pedi pra ela ligar pro trabalho do meu filho, Ronaldo. Quando ele atendeu, disse que era a mãe dele que tava falando. Pedi pra que ele fosse me buscar; ele falou que eu sabia como era a Francisca. Mas como era o meu único filho, eu só podia ir atrás dele. Eu não tinha mais ninguém... (Dionísia).

Eu esqueci até minha casa. Eu morava sozinho, não tinha quem fizesse um café. Jantava quando comprava em restaurante, uma quentinha, alguma coisa. Pra lavar roupa tinha que arranjar uma pessoa pra lavar... Era triste a minha passagem... antes de vir pra cá era triste, porque eu vivia sozinho na casa e não tinha com quem conversar. Aqui, não. Eu tenho amigos, aqui. Desde os doutores aos empregados. Devido à vida que eu vivia, eu tô num mar de rosa (Marcos).

No tempo em que eu mandava no meu dinheiro, eu comprava o que eu gostava – Comentário de Pedro (Diário de campo, 21/08/02).

Tal como no Brasil, na França, há grande confusão entre o asilo e o hospital. Segundo BEAUVOIR (1990), na maioria dos asilos, acolhem-se os doentes de todas as idades. Inversamente: outra situação é o caso de velhos internados em hospital, sem que os parentes voltem e lhe levem de volta ou ausência destes. Fato semelhante é descrito neste trabalho. Como são velhos e sozinhos, o hospital fica amparando até que se tome uma solução, como encaminhá-los para o asilo.

Com relação ao processo de adaptação, GOFFMAN (1987) acha que o mesmo interno poderá usar diferentes táticas de adaptação em diversas fases de sua carreira moral e pode variar entre diferentes táticas ao mesmo tempo. O comportamento de Pedro se ajusta às táticas de *afastamento* e de *intransigência*, definidas pelo autor. Na primeira, o interno se abstém de participar de acontecimentos de interação e, na segunda, há uma rejeição constante da instituição:

O meu tempo de vida tranqüila já passou. Aqui é um lugar bom pra morrer – Comentário de Pedro (Diário de campo, 26/08/02).

Eu não me acostumo com nada daqui. A gente não faz nada. Só comer e dormir. Fazer o quê? (Pedro).

Eu não troco uma jumenta preta por essa Dra. Rosa – Comentário de Pedro (Diário de campo, 28/08/02).

Uma terceira tática padronizada no mundo da instituição, que é a *colonização*, pode ser exemplificada pelo comportamento de Fabiana e Marcos no enfrentamento à institucionalização: *a experiência do mundo externo é usada como ponto de referência para demonstrar como a vida no interior da instituição é desejável, e a usual tensão entre os dois mundos se reduz de maneira notável* (GOFFMAN, 1987:60). A forma como relatam conseguir uma satisfação com a mais recente morada leva a acreditar que o estilo de vida anterior à institucionalização é determinante no processo de adaptação:

Lá fora não ia ter condição pra mim, assim de me libertar, de me libertar. Você sabe que a gente fica em casa só pensando naquilo – Ah se eu for ali tomar um gole. Aquilo parece que distrai a gente, mas é o contrário, minha filha, faz é piorar (Fabiana).

Tenho me dado muito bem, porque não era uma coisa que eu esperava de jeito nenhum. Eu morava num quarto, pagava aluguel, lavagem de roupa e tudo... Aqui é bom demais. Graças a Deus, eu tô muito bem (Marcos).

Já no quarto modo de adaptação ao ambiente da instituição total, o da *conversão*, o interno aceita a interpretação oficial, representando o papel do interno perfeito, sempre com entusiasmo e à disposição da equipe administrativa. Esta é uma tática mais disciplinada do que a tática da *colonização*.

Fazer por onde, eu não faço, porque eu gosto de todo mundo daqui, trato todo mundo bem, como se fosse minha casa. Eu trato a Dra. Valéria como se fosse a minha mãe. Eu respeito, eu tenho o maior carinho do mundo por ela (Marcos).

SALGADO (1980) reconhece que há velhos apreciando viver no asilo, porém, esses fazem parte de uma minoria, visto que o referencial de vida anterior caracteriza-se por não apresentar outras opções. O autor é da opinião de que a institucionalização não propicia a integridade dos internos, reprovando a inadequação deste atendimento:

O asilamento em instituições desconhece as propostas formuladas por todas as disciplinas científicas para o tratamento dos problemas humanos: mantém a errônea

concepção da divisão do tempo de vida em segmentos, diferenciados por um avanço da idade cronológica; ignora a natureza biopsicológica contínua, que prevalece no ciclo de vida de todos os homens. A segregação característica do asilamento, mesmo cercada da excelência de cuidados e serviços, não compensa a falta de vida exterior. A vida institucional não é característica de nossa cultura, pois violenta todas as conquistas do processo de vida e traumatiza a existência (SALGADO, 1980:108).

SALGADO conclui que o modelo asilar difundido há muito tempo não atende à questão social da população idosa dependente e muito menos independente. Assim, sugere que se redimensione um programa que privilegie a manutenção destes em seu próprio domicílio, ponderando, evidentemente, as condições biopsíquicas.

A esse respeito, MORAGAS (1987) assim se posiciona:

A experiência demonstrou que nenhuma organização pode proporcionar maior qualidade de vida ao doente do que um membro adequado da família. Considerando-se as tendências demográficas do crescimento quantitativo da população idosa e da incapacidade econômica e social das organizações públicas para resolver os crescentes problemas gerontológicos, parece lógico aumentar a ajuda familiar. Tanto econômica como socialmente, é mais efetivo para os cidadãos e para o Estado aumentar a ajuda familiar, do que estabelecer unidades assistenciais burocráticas (MORAGAS, 1987:137).

BEAUVOIR (1990) é pessimista quanto à vida em asilo. Na sua compreensão, na maior parte dos países, o asilo é absolutamente desumano – nada mais que do um lugar para aguardar a morte. Não muito diferente de outros autores, vê o asilo como o único recurso para abrigar velhos física e economicamente dependentes. Para a autora, há quatro motivos que levam os velhos a pleitear uma vaga. Primeiro, as péssimas condições financeiras. Em seguida, a impossibilidade de encontrar uma moradia ou a fadiga que representa sustentá-la. Em terceiro lugar, vêm as questões familiares: os filhos não assumem seus velhos. Por último, as necessidades de assistência médica.

No que se refere à perspectiva de ir embora do asilo, Fabiana e Pedro vislumbram este desejo. Ela conta com o apoio dos filhos, ao passo que ele credita essa possibilidade à sua aposentadoria, como também ao trabalho que ainda pode realizar.

Eu pretendo voltar. Não sei quando é não, mas eu pretendo. Quando eu ver que eu tiver condições de voltar pra companhia dos meus filhos, eu vou morar com eles; com a Tereza que é a filha mulher, né? Eu não tô pensando de ficar morando aqui, a vida toda, não (Fabiana).

Se eu sair daqui e receber a minha aposentadoria, dá pra mode de eu viver. Eu tenho certeza que dá. Eu não fumo, eu cheguei a beber dois litros de cachaça por dia, fumava duas carteiras de cigarro. Eu já disse: Eu vou fazer com a bebida o que eu fiz com o cigarro... (Pedro).

Mesmo que alguns dos papéis possam ser assumidos novamente pelo interno, se e quando ele retornar para o mundo externo, há perdas irrecuperáveis e dolorosas (GOFFMAN, 1987). A esta perda permanente o autor chama *morte civil*. Pode ser, por exemplo, que estes avós não acompanhem o desenvolvimento dos netos. Nesse sentido, os internos percebem que perdem alguns dos papéis, em razão da barreira que os separa do mundo externo.

A associação do asilo como um local destinado a abrigar velhos abandonados e sem família é apontada no discurso de Fabiana. Considerando que a família deve exercer o papel de assumi-la, ela também se apóia na opinião dos filhos como forma de reforçar a aversão entre asilo e família:

Se eu vou ficar morando como muitos tem, né, 30 anos, 31 anos, outros 18, outros 20 outros 10... Eu tenho família, Adriana. Você acha que eu não tô certa?!...O Ednardo, mesmo que é o mais velho dos homens, diz: 'Não, a mamãe não vai ficar morando aqui, a vida toda, não que mamãe tem filho, a mamãe tem filho'...Eles acham que hoje é obrigação é deles, cuidar de mim.

O asilo também não deixa de ser visto como um lugar para amparar doentes e inválidos, incompatível para se manter pessoas sadias. Esta concepção é percebida quando Dionísia lembra da reação do administrador quando da sua ida para o asilo:

Quando eu cheguei aqui, o Diretor era o Seu Bruno e ele quando me viu, não acreditou, pois aqui não é lugar pra uma mulher nova como eu: robusta, forte, gorda. Eu ia completar 59 anos. Ele disse que não tinha lugar pra mim. Só tinha pra velhinho acabado, deficiente, aleijado, cego, doente, que não tinha casa. Então, eu disse que precisava ficar porque eu não tinha casa, morava com a minha nora e não queria perturbar. Falei assim, porque a minha

nora tava perto e quem tem vergonha não faz vergonha os outros. Ai ele disse que não seja por isso – ‘Vai embora e pode deixar a velha aqui’. Ah! Quer dizer que eu já fiquei velha?!

Nem Dionísia nem Marcos fazem projetos para mudar de lugar, sentindo-se satisfeitos com o asilo:

Eu gosto muito daqui e só vou sair daqui pro cemitério... Mas eu tô bem aqui. Nem me lembro de lá (Dionísia).

Eu só saio daqui obrigado. Fazer por onde, eu não faço, porque eu gosto de todo mundo daqui, trato todo mundo bem, como se fosse minha casa (Marcos).

Embora Marcos comente que está adaptado ao ambiente do asilo, comparando com sua própria casa, não almejando sair de lá, em um outro momento, manifesta a vontade de morar com um dos filhos:

Se não fosse o barulho, eu ia morar com o Olívio. É bem pertinho do terminal de lá. Tem muita confusão.

De fato, apenas Fabiana tem mais condições de sair do asilo, uma vez que conta com o aparato dos filhos e diz que está passando uma temporada. JORDÃO NETTO (1988) compreende que o processo de institucionalização é um rompimento doloroso, além de não ser comum que o interno tenha uma permanência provisória no asilo:

Trata-se, em maior ou menor grau, de uma ruptura, de um desligamento, que dificilmente se faz sem traumas ou sem profundos sentimentos de culpa. Todos tentam negar ou dissimular, mas no fundo todos sabem que se trata de um adeus, de uma viagem sem retorno, pois são raros os casos de internação temporária (JORDÃO NETTO, 1988:19).

No tocante ao dia-a-dia dos entrevistados, percebe-se que aqueles que estão morando no asilo há mais tempo, como é o caso de Dionísia e Pedro, não privilegiam as atividades oferecidas pela instituição.

Com relação à Dionísia, o que se pode observar ao longo da pesquisa é que na sua rotina diária ela prefere ficar só, faz as refeições sem companhia e passa a maior parte do

tempo na sua cadeira, isoladamente. Também foi verificado que ela não gosta de fugir dessa rotina. Sempre muito zelosa, arruma sua mala com frequência, além de lavar as próprias roupas. Se por acaso esse ritual é ameaçado, ela fica extremamente incomodada.

Encontrei Dionísia no refeitório esperando o café. Fui até lá, perguntei se tinha assistido à missa na sexta-feira. Respondeu que não, pois foi lavar roupa. Depois que ela tomou o café, iniciei a entrevista, mas fiquei muito frustrada porque ela interrompeu com mais ou menos meia hora, justificando que iria retirar uns panos do varal. O tempo estava nublado. Saiu e nem quis ouvir a gravação (Diário de campo, 07/01/02).

Encontrei Dionísia lavando roupa, mas sei como é perfeccionista com suas coisas, combinei de passar no seu quarto quando ela estivesse desocupada, num outro dia (Diário de campo, 11/06/02).

Pedro faz questão de viver isolado, encerrado em si mesmo. Não conversa nem com os companheiros de quarto e, de acordo com ele, o melhor lugar que existe lá é a capelinha, onde todos os dias reza o terço.

Sua fala vai ao encontro da pesquisa de DEBERT (1999), realizada também num asilo. A autora aponta que os residentes, por unanimidade, afirmam ser o asilo um ambiente de fofoca, brigas, um local em que residem pessoas grosseiras, mal-educadas e agressivas.

Se for pra conversar com esse povo daqui de dentro, é melhor ficar calado. Aqui só dá o que não presta. Eu vejo muita papelada feia aqui. É só o que se vê aqui. É velho andando nu. A gente vê muita esculhambação. Você conhece alguma repartição que permite o sujeito andar nu? É certa uma repartição dessa? Toda vez que eu vou pra capelinha tem uma mulher que nem calça tem. Tem outra que vai rezar com o rádio aberto. Não pode ser católica, pode? Se você for falar a verdade pra uma diretora desta, você tá mentindo, se mentir, tá falando a verdade. Aqui tudo é o contrário... Se contar alguma coisa aqui pra eles, eles vão dizer lá em cima (Pedro).

Aqui não se tem respeito nem na hora das refeições. É cada palavrão que a gente escuta! Teve um que foi pedir um troço pra diretora e ele falou que não tinha, ele respondeu que ela não dava porque era fresca. Uma repartição dessa tem respeito – Comentário de Pedro (Diário de campo, 21/08/02).

Por outro lado, Fabiana e Marcos, com menos tempo morando no asilo com relação aos outros dois referidos há pouco, procuram usufruir dos serviços prestados pela equipe

profissional, como as atividades da terapia ocupacional, fisioterapia, passeios, além de cultivar amizades com outros internos e elogiar o atendimento dos funcionários:

Eu tô achando que a gente tá muito bem, minha filha, muito bem tratada, o pessoal é muito dedicado com a gente. Eu não tenho o que dizer daqui. Eu pensei que aqui fosse mais diferente, a gente não tivesse o atendimento que tem... (Fabiana).

Eu tenho amigos, aqui. Desde os doutores aos empregados. A Dra. Cecília me convida pra ir pros cantos, eu vou. Sempre, o primeiro convite é o meu. Eu agradeço e acho muito bom. Elas me chamam pra ir pros passeios. Eu acho bom demais... Na terapia ocupacional, o professor manda a gente fazer um desenho, dão tinta, pincel, a folha. Eu me lembrava da minha profissão, porque desenhava casa. De manhã, eu faço fisioterapia... (Marcos).

Apesar do pouco tempo que Fabiana está institucionalizada, ela já construiu várias amizades, possui parentes que trabalham e moram lá, o que facilitou a sua rede de relações. Ultimamente, está colaborando no Bazar e já foi chamada para representar a instituição em eventos comemorativos.

Fabiana foi solicitada a comparecer à terapia ocupacional, mas disse que não iria, pois estava gripada e cansada. A colega do primeiro quarto onde ela morou foi até lá, contente pelo fato de uma interna ter ido embora do quarto, comunicando que Fabiana poderia voltar, pois a diretora já tinha autorizado. Fabiana gostou da notícia, explicando que havia uma companheira que lhe sobrecarregava – “Até o café dela, eu vou buscar”. Comentou que quem não ia gostar da notícia era ela (Diário de campo, 09/10/02).

Marcos participa das atividades da terapia ocupacional, faz fisioterapia e também frequenta um curso de computação, oferecido uma vez por semana por um colégio da rede privada, onde as crianças são os próprios instrutores. Quando não está envolvido nessas atividades, passa a maior parte do tempo sentado no corredor, taciturno e fumando.

É interessante ressaltar que o conceito de liberdade é posto de maneira oposta por dois depoentes, quando se trata da institucionalização. Para Fabiana, que julga ter tido uma vida sem entretenimento, agora desfruta da oportunidade de sair:

(...) Não pensei que a gente tivesse a liberdade que tem que a gente pode sair, né? Passeia, tem forró, tem divertimento, tudo é uma coisa boa por causa da gente, né? Quando eu era nova, não tinha essas coisas. Eu não tinha essa liberdade.

A liberdade passa a ser um valor essencial para resignificar o momento atual, uma vez que nas outras etapas da vida a educação exercida pelos pais e também pelos maridos impediam essa sensação de liberdade.

A velhice feminina é identificada como um momento de liberdade, pois agora, sem o controle marital, as mulheres podem sair à vontade. A esse respeito, MOTTA (2000) registra um sentido marginal nessa liberdade geracional: *podem sair, porque já não se importam tanto: já não são bonitas (velho = gasto, feio), não irão atrair os homens, nem os de sua idade; já não reproduzem, não há muito o que preservar* (p.233).

Conforme a autora, pesquisas recentes demonstram que um considerável número de mulheres, independentemente da classe social, avalia a fase da velhice como o momento mais sossegado, feliz e livre que já tiveram.

Numa das conversas com a filha, Fabiana expressa sua felicidade:

É minha filha, agora eu tô sabendo o que é ser feliz porque pra trás eu nunca tinha sabido o que era felicidade.

Por sua vez, Pedro fala justamente o contrário, pois, por conta do período em que trabalhava, passava a maior parte do tempo fora de casa, viajando, livre como ele sempre diz. Hoje, no asilo, privado de sua liberdade, sem consentimento da filha para sair, associa o asilo a uma prisão, o que faz aumentar a revolta em relação aos filhos, chamando-os de Judas e bandidos:

As doutoras não deixam eu sair. Ai eu vou perguntar: 'Não, é ordem dos seus filhos'. Será possível que eu criei um magote de filho d'uma égua mode deles quererem mandar na minha vida e não deixar nem eu sair daqui. Que repartição vagabunda é essa?

Conversando com Lúcia, falei que não entendia por que Pedro que é lúcido e nunca se adaptou ao asilo, ainda estava lá. Ela disse que é uma norma da instituição e não concorda. Explicou que, quando a família institucionaliza, só a própria é quem decide sobre saídas esporádicas como também definitiva. Vê isso como uma prisão, além de achar que o asilo produz dependência (Diário de campo, 31/07/02).

Conforme FOUCAULT (1987), a instituição-prisão, mecanismo disciplinar criado no final do século XVIII com o fim de tornar os indivíduos dóceis e úteis, trouxe um grande

inconveniente – a privação de liberdade. Citando Baltard⁵, ao definir como *instituições completas e austeras*, FOUCAULT supõe ser a prisão, um aparelho disciplinar exaustivo: deve tomar a seu cargo todos os aspectos da vida dos indivíduos e de maneira ininterrupta. Quer dizer, ela oferece um poder quase total sobre os internos, o qual se consolida por meio de mecanismos de repressão e de castigo, impondo uma nova forma ao indivíduo pervertido. Mesmo reconhecendo os inconvenientes que a prisão apresenta, o autor se convence de que ela *é uma detestável solução, de que não se pode abrir mão* (FOUCAULT, 1987: 196).

Apesar das sociedades ocidentais passarem por um processo efervescente de modernização, o tema sexualidade ainda é visto com preconceito, sobretudo quando os protagonistas já passaram a barreira dos 60 anos⁶.

Vivenciar o cotidiano do Lar Torres de Melo foi uma prova de que há sexualidade na velhice. Está *à flor da pele*. Durante esse período de trabalho em campo conheceu-se várias histórias que desmistificam a assexualidade nesta fase da vida.

Dentre os velhos entrevistados, somente Fabiana aborda o assunto, mas com repulsa e vergonha:

Esse meu primo que trabalha aqui, ele parece que tem vontade de namorar comigo. Ele ficou viúvo, mas eu não quero não. Gosto dele, quero bem a ele, mas como primo. Ele disse que se eu quisesse arrumar um paquera aqui, não fosse arrumar não que ele queria. Eu disse: ‘Tá certo, Antônio’. Antônio, o nome dele. Converso com ele e tudo, nós tem essa intimidade de primo, de amigo, mas esse negócio de namorar... só se eu mudar, porque se eu não mudar, não vai não. Eu só quero o amor dos meus filhos e acabou-se.

Na sua percepção, envolver-se afetivamente com um homem, só é possível se ela mudar. Para acontecer esta mudança, seria preciso Fabiana desconstruir o seu comportamento sexual, condicionado a culpa, vergonha e repressão, processo este iniciado desde a infância, fruto de uma educação repressiva. Os pais desta geração tinham como orientação sexual, valores rígidos, atualmente considerados como ultrapassados. Prevalecia a idéia de sexo como algo sujo, imoral e pecaminoso. Daí, as diversas histórias contados pelos mais velhos, como a

⁵ BALTARD, L. *Architectographie des prisons, 1829*.

⁶ <http://www.saude.sapo.pt/gkBp/266623.html>

prática no escuro e de camisola, sem nunca sequer, ter beijado na boca e nem ver o parceiro despido. Era impensável *fazer amor*. Assim, muitos velhos acabam vivendo sua sexualidade com sentimento de culpa.

Nesta fase, percebe-se uma pressão social para que a vida sexual seja abandonada. Socialmente, os velhos são tidos como puritanos por não mais praticarem sexo e os que fazem são vistos como sem-vergonhas ou a mulher é considerada assanhada e o homem, tarado.

Os tabus são generalizados de uma forma, que os próprios velhos os incorporam a ponto de atribuir ao sexo a mera função reprodutora, além de se isolarem. É preciso considerar a vida sexual no seu sentido mais amplo. Ao se levar em conta, por exemplo, o fator sensual, que supera o genital, o mito da velhice assexuada é totalmente derrubado, constatação esta, assumida pela moderna fisiologia e pela psicologia (MORAGAS, 1997).

Há que se suscitar que o sexo não se manifesta tão-somente pelo ato em si, mas também pelos gestos, posturas, voz, olhar, toque... O importante é a satisfação do casal, pois, enquanto há vida, há desejo.

Convém recordar a experiência relatada em um Congresso de sexologia nos Estados Unidos para ter uma noção da dimensão do preconceito. Ocorreu que os diretores de um asilo, sensibilizados com as reclamações claramente psicossomáticas de seus internos, 'autorizaram' o relacionamento entre eles. Concederam que casais se formassem, acomodando-se de acordo com suas conveniências. Passadas algumas semanas, grande parte deles havia se juntado e mudado para o mesmo quarto. Foi verificada uma evidente transformação em suas vidas. Ficaram animados, sorridentes, quando antes a tristeza e a solidão predominavam. Inclusive, as queixas relacionadas a dores reumáticas desapareceram. A reação dos filhos e netos foi de indignação, gerando a retirada dos familiares do asilo⁷. KASTENBAUM (1979) afirma que a dificuldade em se manter uma vida privada num ambiente institucional ainda cria outra barreira à intimidade amorosa.

Passei no quarto de Leonora e soube que ela e Humberto alugaram um quartinho próximo ao asilo para eles ficarem mais 'sossegados' (Diário de campo, 25/01/02).

⁷ <http://sosdoutor.com.br/sossexualidade.html>

Fabiana conta com apoio da filha para ressignificar a sua sexualidade:

Eu ia ficar muito feliz, de ver a minha mãe... sabendo que ela tava sendo amada por uma pessoa porque ela nunca foi amada pelo um homem, pronto, no caso o meu pai. Ela nunca foi amada, o meu pai nunca amou a minha mãe, o meu pai nunca soube dar o carinho que ela precisa.

Um dos aspectos positivos na relação entre mãe e filha é a cumplicidade. Fabiana tem uma abertura para conversar sobre o paquera, mas resistente, se convence da suposta incompatibilidade entre vida sexual e idade:

Quando ela chegou aqui, o Antônio (primo) tava trabalhando aqui e coincidiu deles se encontrarem. Ai ele tá viúvo, ela é também separada, divorciada... ele tem uma dedicação, uma preocupação com ela: 'Se você for arranjar um namorado aqui dentro, você não queira outra pessoa'. Essa coisa deles dois é desde dela moça, só que nunca tiveram um namoro. Quer dizer, Adriana, que isso tá dando vida a ela. Ela diz que não, que não sei o que, mas eu sinto que isso tá dando vida a ela. Comigo ela já se abre mais, mas com os meninos, ela fica: 'Eu lá quero isso... depois da idade que eu tenho'. Eu digo: 'Mãe, pra ser feliz, não existe esse negócio de idade'. Eu acho isso uma besteira, um absurdo a pessoa dizer: 'Não, porque eu já tenho setenta anos não quero mais...'. Não existe, não (Tereza - filha de Fabiana).

Por outro lado, há reprovação dos filhos homens:

O meu irmão mais velho ele diz: 'Ah, por isso que quando eu chego lá, ele tá todo saliente, lá perto dela'. O outro meu irmão acha um absurdo. O de São Paulo, ainda não tá sabendo, não. Pois eu dou a maior força, o maior apoio à minha mãe. Eu acho que ela topa, acho que ela topa sim. Ela na minha frente... na frente dos meninos, não, ela é mais assim, mas na minha frente ela abraça ele, sabe, dá um cheiro no rosto dele (Tereza - filha de Fabiana).

Mesmo com a objeção dos irmãos, Tereza almeja o namoro da mãe e se alegra com as atitudes carinhosas de Antônio. No seu ponto de vista, seria uma possibilidade de Fabiana ser feliz e reconstruir sua vida.

A mãe é uma pessoa jovem, tá entendendo, sabe? Tem o direito de reconstruir a vida dela, se ela arranjar uma pessoa, ela tem o direito, se ela tiver oportunidade de ficar com o Antônio, eu dou todo o meu apoio, dou a maior força pra eles dois ficarem. Eu quero ver ela bem, eu quero ver ela feliz, não importa, não importa, sabe... Na minha frente, ela se libera mais com ele. Ele diz: 'Olhe, você tome cuidado, não fique paquerando outra pessoa, não'. Ai ela diz: 'Você sabe que eu não vou lhe trair, meu amor'. Ela diz assim: 'O Antônio todo dia, antes de ir embora, vem aqui'. Ah, ela gosta de um negócio de um fuminho, de mascar. Ai ele vai lá deixar pra ela. Quer dizer... mulher, isso dá vida. Ela nunca teve isso de um homem! (Tereza - filha de Fabiana).

Encontrar uma companhia vem a ser uma alternativa para melhorar a vida. Felipe, filho de Pedro, sugere ao pai que procure se envolver com uma mulher no asilo:

Eu já cheguei a ter a propor a ele, uma vez: 'Pai, arranja uma mulher aí, vai ser até melhor pro senhor'. Mas nem isso, ele quis.

▪ **TRABALHO**

Uma temática muito presente em todos os depoimentos e não vislumbrada na parte teórica, possivelmente por conta do objetivo geral da pesquisa, foi a importância do trabalho na vida de cada um, representando, assim, a marca de um tempo que lhes conferia auto-estima e significação.

O mundo contemporâneo tem se caracterizado como a era do trabalho, cujo mercado, movido por uma crescente tecnologia, vem exigindo que o profissional seja mais qualificado e produtivo. Diante desse panorama, como pensar o papel do velho que, em geral, teve uma escolaridade baixa e quase nenhuma especialização? Ainda há espaços para que este possa desempenhar suas atividades?

De acordo com MORAGAS (1997), o significado do trabalho está ligado a um *papel ativo: produtivo, gerador de renda, exigências físicas, psíquicas e sociais, ritmo intenso, obrigação, carga e responsabilidade*. Por sua vez, velhice associa-se a um *papel passivo: não produtiva, recebedora de pensão, pouca aptidão física, ritmo vital lento, isenção de obrigações e de responsabilidades* (p.140).

Como se vê, trabalho e velhice são entendidos como realidades contraditórias na sociedade industrial, facilitando, pois, esta dicotomia, na reprodução de estereótipos e preconceitos que constroem uma imagem, vinculando os trabalhadores mais velhos a pessoas obsoletas, improdutivas, resistentes à mudança e desmotivadas. Os estudos demonstraram que várias crenças voltadas para a perda de capacidades cognitivas, motivacionais e sociais oriundas do envelhecimento são mitos que só vêm contribuir no aumento da discriminação do velho no contexto do trabalho (NERI, 2002).

Entende MORAGAS (1997) que a diminuição da força e da resistência muscular, embora seja uma limitação, é compensada por estratégias de ordem física e cognitiva que os velhos elaboram através de sua vida de trabalho.

Os homens associam a ruptura do trabalho à chegada da velhice. A época em que construíam edifícios e estradas é recordada com emoção e orgulho. Opor essa fase aos tempos presentes lhes traz saudade, havendo uma relutância em aceitar a idéia equivocada de que velhice e trabalho são inconciliáveis.

Nas suas falas, os homens desmistificam a incompatibilidade entre trabalho e velhice. Marcos constrói uma situação de expectativa. Mesmo aposentado, como enfatiza, nunca deixou de trabalhar e está confiante na noção de que contribuirá na edificação de mais um prédio. Na concepção de Pedro, o fato de estar com a cabeça branca não o impede de erguer paredes:

Eu me aposentei em 82 e até hoje ainda trabalho. O Dr. Roberto com quem eu trabalhei, já veio duas vezes, aqui me buscar. Ele quer construir um edifício e quer botar muito operário. Ele quer me botar pra tomar de conta deles. Do que eu fiz na vida, tenho saudade da minha profissão (Marcos).

Eu sei trabalhar, eu sei levantar qualquer parede, tendo massa e tijolo, eu sei pegar numa tinta. Eu só tô com a cabeça branca (Pedro).

O vínculo simbólico com o trabalho conserva-se por meio da identidade de trabalhador, pois não se interrompem os modelos de identificação preservados pela memória⁸, bastando para isso lembrar a revelação de Marcos ao falar sobre o seu tempo de trabalho: *O que mais me lembro é da minha profissão.*

No caso das mulheres, estas negam a falsa idéia de que os mais velhos não têm nada a oferecer:

(...) Chegou uma paciente bem magrinha e a D. Maria, uma senhora que fazia crochê (ela já morreu) perguntou se eu queria cuidar dela pra aumentar o meu capital. Eu já tinha juntado 30 mil réis. Não sei, D. Maria, eu nunca cuidei de idosos – Não, mas não dá trabalho não. É

⁸ www.comciencia.br

só pra vestir a calcinha – Eu não sei vestir calcinha de ninguém, não. Eu sei vestir a minha (risos). – Não, ela toma banho sozinha. É só mesmo pra senhora segurar por detrás. Ela mesma veste a calcinha – Sendo assim, eu vou experimentar. Minha filha, eu ganhava era dinheiro! (Dionísia).

Tudo o que eu podia fazer, eu fazia, só não serviço fino que eu nunca trabalhei em serviço fino, bordado... Costurar, eu costurei muito... (Fabiana).

Como argumenta NERI (2002), produtividade e emprego formal estão associados de maneira equivocada, uma vez que se encontra produtividade em trabalhos não remunerados, porém de inquestionável valor econômico. Alexandre Kalache, coordenador do Programa de Envelhecimento da OMS (Organização Mundial da Saúde), denomina esse tipo de trabalhador de *idosos invisíveis*, por ser complexo quantificar a contribuição que oferecem à sociedade. E, já que não é quantificada, essas pessoas são esquecidas (CASTELLÓN, 2002).

A mulher com o seu trabalho doméstico *possibilita o trabalho de todos, sem que esta função seja reconhecida social e economicamente* (MORAGAS, 1997:156). Exemplo disto, destaca-se aqui nesta pesquisa – o cuidado das crianças para que os pais possam trabalhar, além dos afazeres domésticos. É interessante ressaltar que esse trabalho não remunerado e não contabilizado no PNB do Brasil, não impede que seja reconhecido como uma estrutura básica para o conjunto da população.

Há que se admitir, sobretudo, que a necessidade de se continuar trabalhando, justifica-se especialmente pelo fator econômico. *Por esse motivo, principalmente por necessidade, vimos que muitos aposentados procuram encontrar um novo trabalho remunerado; apenas uma minoria o consegue...* (BEAUVOIR, 1990:329). Aqui, cabe o exemplo de Dionísia. Porque ela não dispunha de renda alguma ao ser admitida no asilo, a solução encontrada foi continuar fazendo o que fazia lá fora, ou seja trabalhava lavando roupas e, além de ter essa garantia havia, ainda outra forma de ganhar dinheiro – cuidava dos velhos dependentes.

O rompimento com o trabalho produtivo é percebido como uma mudança brusca na vida dos sujeitos. Por ser associada à autonomia, ao acesso de bens e de ser também vinculado à idéia de ser útil e capaz, esta categoria legitima a inserção do indivíduo na sociedade,

representando a ausência dessa força trabalhista, muitas vezes, na redução dos relacionamentos e diminuição da auto-estima.

▪ APOSENTADORIA

De uma forma geral, as discussões refletem uma falta de consciência no sentido de se reconhecer como um cidadão, detentor de direitos e com os deveres já cumpridos, ao que se soma ainda o desconhecimento das leis.

Para Dionísia, a aposentadoria é vista como um descanso. Liberada do trabalho, vê por terminada a sua responsabilidade, instalando-se a cessação da sua luta como trabalhadora:

As pessoas sentiram foi falta porque eu deixei de lavar. Não é porque eu tô aposentada. Porque eu tô cansada, fiz muita coisa. Não foi por preguiça.

Marcos se reporta à sua aposentadoria como um período de recompensa, porém, observa-se na sua fala, uma certa nostalgia. O tempo da construção de edifícios propiciava-lhe um papel que o representava socialmente e, mesmo afastado do trabalho, vislumbra um retorno a esta época em que era reconhecido profissionalmente:

Do que eu fiz na vida, tenho saudade da minha profissão. Eu fui muito elogiado. Depois eu me aposentei, fui atrás do Fundo de Garantia e recebi tudinho. A Caixa Econômica pagou tudo. Eu peguei esse dinheiro, fui pra Redenção, lá onde eu comprei um terreno muito bom, grande o terreno. Fiz a casa. Pra cada um dos filhos, eu fiz o alicerce.

A privação econômica decorrente da aposentadoria acarreta uma reação negativa. Pedro não se convence de que realmente recebe o que lhe é de direito, visto que trabalhou numa repartição pública estadual de grande porte e, inconformado, faz comparações de sua aposentadoria com as de outros asilados, questionando se a instituição é lícita. Tal como Marcos, manifesta a vontade voltar a trabalhar:

Eu sou aposentado pelo DERT que é a Superintendência de Obras do Estado do Ceará. É um departamento criado pelo DNER e eu acho que não dá só um salário. Eu tenho uma dívida. Tem um negócio no meio. Aqui é só pra tomar a aposentadoria. Eu digo isto do besta ao sabido... Eu sei trabalhar, eu sei levantar qualquer parede, tendo massa e tijolo, eu sei pegar numa tinta.

BEAUVOIR (1990) comenta que a aposentadoria causa uma radical descontinuidade e uma brusca ruptura com o passado, podendo ser encarado como um tempo para o descanso ou como uma marginalização.

Mas, quando se indaga aos velhos – prossegue a autora – se eles desejam continuar trabalhando ou preferem aposentar-se, o que há de desolador em suas respostas é que as razões são sempre negativas. Se querem continuar, é por medo da pobreza; se escolhem cessar, é para preservar a saúde. Nenhum dos dois modos de vida é visto como uma fonte positiva de satisfação.

Se de um lado, alguns a vivem como um tempo de 'liberdade, de 'desengajamento profissional', de 'possibilidade de realizações', de 'fazer aquilo que não teve tempo de fazer' durante a vida ativa, de 'aproveitar a vida', de 'não ter mais patrão', 'horários obrigatórios' etc., de outro, outros consideram como um 'tempo de nostalgia', de 'enfado etc (RODRIGUES, 2000:28).

De acordo com, GIGLIO & LEÓN (1998), para uma expressiva parcela dos aposentados brasileiros, a aposentadoria significa uma vida mais limitada, haja vista que 72% recebem um salário mínimo mensal, insuficiente para suprir as necessidades básicas. Portanto, precisam continuar trabalhando a fim de se manterem. O agravante é que, quando retornam ao trabalho, o salário é inferior ao de um não-aposentado na mesma função. Citando FARATH (1990)⁹, os autores informam que, geralmente, essa volta se dá pelo trabalho autônomo, em decorrência da discriminação no mercado formal.

⁹ FARATH, L. M. G. A. **Envelhecimento e inserção no mercado de trabalho**. São Paulo: Perspectiva, 1990. 4(3/4): 104-110

5.2. ARQUIVOS CONSTITUÍDOS A PARTIR DOS DEPOIMENTOS DOS FILHOS

Esta segunda fase da pesquisa junto aos filhos dos asilados proporcionou uma compreensão bem melhor do que foi e do que está sendo a dinâmica familiar dos sujeitos entrevistados. Os abafos e os desabafos são frutos de uma vivência de conflitos, mas também de afeto.

Buscou-se entrevistar aqueles filhos que preferencialmente, tivessem uma influência maior na institucionalização, embora se pretendesse entrevistar os demais membros da família, como foi explicado.

Neste grupo, incluem-se três mulheres: Carolina (31 anos) – auxiliar administrativa; Juliana (40 anos) – desempregada; e Tereza (37 anos) – desempregada, filhas de Marcos, Pedro e Fabiana, respectivamente. Os homens são: Felipe (42 anos) – cabo da Aeronáutica e Ronaldo (53 anos) – auxiliar de enfermagem, aposentado, um filho de Pedro e outro de Dionísia.

Do mesmo modo como foi organizado o fichamento temático do primeiro grupo, o dos filhos passou pelos mesmos procedimentos, mas é evidente que alguns temas se diferenciaram, considerando que estes surgiram das perguntas feitas e das questões que os próprios sujeitos acrescentaram.

▪ **RELACIONAMENTO FAMILIAR**

Considerando a família como um espaço privilegiado para a formação das pessoas, o lugar natural para a construção dos vínculos afetivos, pode-se afirmar que esses valores refletem sobremaneira na relação familiar. Esta situação foi fortemente constatada nos relatos que se seguem:

Comigo ela sempre foi muito boa, nunca me bateu, ela nunca me bateu. Eu me lembro até uma certa parte, né? Quando eu era criança, ela já tava com essa perturbação, ela ficava muito na janela. A gente morava no Siqueira numa casinha humilde e só vivia pra família – papai, vovó que morava com a gente e nesse tempo ela começou a se agitar, se agitava demais, eu era criança e eu via aquelas coisas, mas ela me ensinava, ela me ensinou. A cartilha todinha quem me ensinou foi ela. Quando eu fui pro Roberto, eu já sabia fazer as quatro operações de conta porque foi ela quem me ensinou (Ronaldo - filho de Dionísia).

Nas festas de Natal, eu lembro que lá em casa, coisa simples de gente humilde, mas nunca ele deixou de dar um brinquedo pro filho. Eu lembro que, eu com 13 anos, eu ainda ganhava boneca dele. Fazia questão. A minha fantasia de papai Noel, eu vim perder, adolescente, porque ele sempre alimentou essa fantasia de colocar debaixo da cama... Ele sempre foi uma pessoa muito ligada aos os filhos, apegado demais, muito responsável, sempre se preocupou com tudo o que a gente fazia, com o ambiente que a gente tava vivendo, sempre educou muito bem os filhos. Eu nunca vi o meu pai com um gesto de racismo nem de violência nem de falta de educação nem com falta de pudor, ele sempre foi um homem muito sério. Ele tinha aquele momento de muita descontração. Ele acordava a gente e dizia: "Um bora, menino, acordando pra tossir. Levanta senão o sangue vai coalhar. Tudo dele é com um certo humor. A convivência com ele, sempre foi muito boa (Carolina - filha de Marcos).

Você já conversou com meu pai, né? Você vê que ele é um cara muito individual. Ele é muito anti-social, ele não se adapta assim, com as outras pessoas e... também tem o vício dele. Ele é alcoólatra. Ele não se controla. É uma situação... Ele morava com umas pessoas que não eram da família (Felipe - filho de Pedro).

Minha mãe sofreu muito, nós sofremos muito: necessidade, minha mãe apanhou muito, ele era muito violento... E eu acho que apesar de tudo que o meu pai fez a gente passar, antes dele beber ele era uma pessoa boa, ele era um homem bom. Olha, ele queria que a gente estudasse... Foi pouco o tempo, mas eu me lembro que de noite, era como se fosse um ritual, a gente dando a benção pra ele... eu, o Felipe. A gente teve pouco tempo... ele viajava, mas quando ele tava presente era assim, de noite a gente tinha aquele ritual de dar a benção. A benção, mãe. Era um atrás do outro e eu me lembro uma vez quando ele chegava de viagem, era fatura em casa, ele queria que a gente estudasse, perguntava pra minha mãe se agente tava estudando. Era aquele pai que queria ver os filhos bem... O meu pai era um homem bom... Esse ritual de família, até hoje eu tenho comigo. Talvez não tenha na Noélia, nem no Ernesto, porque eles não pegaram essa ... Por isso que às vezes eu penso assim: a Noélia quando chegou, já estava no auge, o Ernesto também quando chegou, tava no auge. Então, pra eles é como se o meu pai não existisse. Eu ainda peguei uma pontinha do que foi família, uma pontinha do que foi o meu pai lúcido, eu ainda peguei. Mas eles não (Juliana - filha de Pedro).

Pra mim, a pessoa mais importante aqui nesse mundo é a minha mãe, segundo, o meu filho. A minha mãe é tudo na minha vida, ave-Maria. Por ela eu sou capaz de... O meu pai era o tipo do homem que quando chegava em casa, ele dizia desse jeito: Tai: feijão, arroz e o óleo. Ai ela dizia: - Mas tem que comprar... - Mistura é o óleo. Era aquilo... grosseirão, sabe? E ela é mais doce. A gente sente que a minha mãe é uma pessoa doce, ela é uma pessoa amável, ela é uma pessoa carinhosa, né? (Tereza - filha de Fabiana).

Como se percebe, há uma retrospectiva do tempo da infância demonstrando que ficaram lembranças inesquecíveis, relevantes, a despeito da criação que receberam. Cada entrevista evidencia a qualidade do relacionamento entre pais e filhos ao longo do tempo de formação e crescimento deles. E, ao que tudo indica, a afetividade é um dos aspectos

favorável à manutenção do vínculo filial. Isso pode ser visto, preponderantemente nos relatos de Carolina e Tereza:

Ele sempre foi uma pessoa muito ligada aos os filhos, apegado demais, muito responsável, sempre se preocupou com tudo o que a gente fazia, com o ambiente que a gente tava vivendo, sempre educou muito bem os filhos. Eu nunca vi o meu pai com um gesto de racismo nem de violência nem de falta de educação nem com falta de pudor, ele sempre foi um homem muito sério (Carolina - filha de Marcos).

O defeito da minha mãe é só a bebida, mesmo, só a bebida, mesmo. A bebida dominava ela, dominava, mas se não fosse isso, é uma pessoa maravilhosa, muito amiga, muito amiga, sabe, foi, foi não, é uma boa mãe, ela é uma ótima mãe... No dia do aniversário dela, no dia dezoito de junho nós fizemos uma loucura... fizemos uma surpresa pra ela... fizemos uma loucura de amor. A coisa mais linda, debaixo da chuva, mulher! Chovendo e a loucura de amor. Se tu visse! Tanta chuva e todo mundo debaixo de guarda-chuva. Convidemos um monte de amigas dela, pessoas, sabe, mais próximas da gente. Foi tão bonito, uma surpresa que ela não esperava aquilo ali. Mas foi muito legal... porque a gente faz tudo, qualquer coisa pra ver a minha mãe... eu faço... aliás, não sou só eu não, os meus irmãos fazem pra ver ela bem... (Tereza - filha de Fabiana).

Tereza demonstra um amor incondicional e inabalável à sua mãe, ao ponto de se separar do marido, que também era alcoólatra, e assim poder continuar cuidando de Fabiana numa luta que ultrapassava o limite de suas forças, como ela mesma diz. Apesar de todas as agruras do cotidiano, o seu carinho é propulsão no apoio à desistência da bebida:

Você sabe que quem luta com bebida... nem todo dia a gente tá ali com aquela força, sabe. Tem hora que a gente se desespera, tem hora que a gente não agüenta porque é demais quem luta com bebida. Aí eu peguei ela, levei pra minha casa. Na época, eu vivia com o meu ex-marido, levei ele pra minha casa. Aí foi que aumentou mesmo o sofrimento, porque o meu ex-marido era alcoólatra também, também bebia, ficavam os dois, né. Um bebia de um lado, o outro bebia do outro, aí começavam a brigar e ficavam discutindo, tentando agredir um ao outro e era aquele sofrimento. Aí eu já não agüentava mais. Quando foi um dia, ele chegou pra mim e disse: 'Você escolhe: ou eu ou sua mãe'. Lógico que eu tinha que escolher a minha mãe, não tinha nem como. Eu disse pra ele: 'A minha mãe'. Eu fui m'embora com ela, pedi ao meu irmão pra ficar na casa dele, enquanto ajeitava um canto pra nós duas, aí de lá pra cá, eu venho enfrentando, sabe, Adriana, eu venho lutando nessa vida, lidando com bebida...

Todos são filhos de pais separados e eles não deixam de se posicionar sobre o que pensam da apartação e a repercussão desta em suas vidas:

O meu pai quando se separou da minha mãe, eu tinha de onze pra doze anos, mas nessa época... isso começou... a origem dessa doença da minha mãe, ela teve até internada em hospital psiquiátrico, sabe! E pelo que eu sei a origem da doença da minha mãe surgiu

assim... adultério, né. Ela ... eu desde pequeno eu ouvia essa história, ela com o irmão do papai, um negócio lá com eles dois. Ai depois ela se perturbou muito e depois ela teve que contar pra ele, sabe, o que tinha acontecido... Eu sei que eu era pequeno e ela passou bem por uns três ou quatro internamentos em hospital psiquiátrico, no São Vicente de Paulo, Hospital que inclusive eu trabalhei. Ai o papai se separou dela, arranhou outra mulher e eu acompanhei ele. Eu sei que ela acompanhou a minha avó e foi pra casa do meu tio que era irmão dela e morreu. Eu preferi acompanhar ele, né? Foi uma escolha minha. Olha, desde pequeno que eu tinha assim, uma percepção da vida, sabe. Eu pensei assim: Se eu acompanhar a minha avó... a minha avó é uma velhinha e não tinha nada a me oferecer, e nem a minha mãe. Eu vou acompanhar o papai porque por aqui pode ser que as coisas... que eu arranje uma coisa melhor pra mim... Eu pensava mais ou menos assim, sabe e foi isso o que eu fiz. Ai eu acompanhei o papai (Ronaldo - filho de Dionísia).

Faz mais de dez anos que ele se separou da minha mãe. Quando eles se separaram, a gente morava no interior e como ele morava aqui só, começou por mim e pela Silvia, a gente queria vir pra cá, porque a gente nunca gostou do interior... Na verdade, veio um por um morar com ele. Eu acho ele muito ligado aos filhos, principalmente, porque ele assumiu os filhos, sozinho. Eles se separaram e por opção da gente, todos vieram... Ele sempre foi muito próximo, apaixonado pelos filhos, um pai exemplar, mas eu acho que depois que a gente passou a morar com ele, ai que ele se desdobrou, porque entre os filhos escolher ficar com a mãe ou ficar com o pai, todos, por unanimidade, escolher ficar com ele, vir pra ele... Porque assim, eu acho que não é nem o fato dele tá morando aqui, em Fortaleza, na capital e das oportunidades que a gente ia ter. Era até pela maneira que ele tratava, diferente da minha mãe. (Carolina - filha de Marcos).

Quando ele se separou da minha mãe, a Noélia era pequena, o Ernesto era pequeno e a gente já tava adolescente. Ele já tava tão ausente. Ele só chegava em casa pra brigar. Teve um dia que ele resolveu, fez as malas dele e foi embora. Ainda ficou ameaçando a minha mãe. Uma vez, se encontrou com ela e disse que ia matar a minha mãe. Minha mãe ficou com medo lá na repartição. Minha mãe arranhou emprego vendendo produto de beleza. Nessa época, ninguém trabalhava. O Felipe começou a trabalhar na base, eu acho que ganhando meio salário. Soldado, ainda. Foi quando começou, ela começou a ir atrás dos direitos. Quando foi um dia, ele foi chamado pra ver os direitos. Ele não quis mudar a vida. Se ele quisesse: "Não, eu vou mudar, eu vou ser responsável..." Nessa época, a minha mãe tinha um terreno, ele vendeu o terreno, papocou o dinheiro todinho. Não deu um centavo. Nós ficamos sem nada, era tudo quebrado, mesa, era tudo quebrado, quebrava tudo.... Agora, o que eu sinto do meu pai, é que ele queria que a gente tivesse aceitado pro resto da vida o jeito como ele tava. Mas eu te digo uma coisa, Adriana, se ele não tivesse saído, teria acontecido uma tragédia na nossa família. Ele tava muito violento, muito, muito muito (Juliana - filha de Pedro).

Então, ela teve um casamento também que não foi muito lá essas coisas, porque o meu pai também não foi um bom marido e nem foi um bom pai também, não. Eu não vou mentir, eu tenho que falar a verdade, né? Ele nunca foi um bom pai e marido nem se fala. Até porque ele dizia que era por causa da bebida, mas quando ele casou com ela, ele já sabia que ela tinha esse problema. Eu acho que o certo era ele ter lutado como nós filhos lutamos, e ele não fez isso. Ele mal tratou ela muito também e isso contribuiu demais pra vida que ela teve. sofrendo

porque a gente era muito pequeno nessa época... Nós, filhos, tivemos que ter uma responsabilidade muito enorme. Ou trabalhava ou estudava. (Tereza - filha de Fabiana).

A problemática do alcoolismo não foi contemplada no corpo teórico do trabalho, porém, presente nos relatos. Embora não se constitua tema central deste trabalho, o alcoolismo entre homens e mulheres na velhice, trouxe algumas cogitações. O que as estatísticas retratam a despeito dessa realidade social? Existem diferenças de gênero em termos de apoio fornecido aos pais?

Dos cinco filhos entrevistados, apenas um não se referiu a este assunto. A dependência alcoólica foi o principal motivo para rupturas dolorosas, principalmente, na família de Pedro, ensejando ressentimentos e mágoas irrecuperáveis:

As pessoas têm essa história de dizer assim: 'Você não pode dar aquilo que você não recebeu'. Ela diz: 'Eu não recebi amor'. Eu também não recebi. Pra você ter uma idéia, eu acho que se você for ver a história de cada um, todos nós sofremos, eu fui a que sofri mais, porque ele me botou pra fora de casa. Ele se armava pra minha mãe e eu sempre ficava defendendo. Sempre que ele tava violento, era eu que tava presente. Eu era tipo assim, um escudo, um anjo da guarda. Eu não saía. Quando ele tava bebendo, eu não saía de perto da minha mãe. (Juliana - filha de Pedro).

É importante enfatizar que estas declarações em torno do alcoolismo foram reveladas de maneira superficial pelos pais. Já os filhos enfocaram mais detalhadamente. Percebeu-se que o grupo dos velhos procurou se esquivar desse assunto, o que não deixa de ser compreensível. Ao se reportarem à vida conjugal dos pais, enfocando o problema da bebida, é interessante perceber que esta situação se refletiu de forma contrária para suas mães.

Em seu depoimento, Carolina atribui a revolta da mãe ao fato de o pai beber e até hoje há ressentimento, o que não ocorreu com ela nem com os irmãos:

(...) Eu digo: 'Mãe, se a senhora não gosta do meu pai, deixa ele viver a vida dele e vá viver a da senhora. Não se meta. Agora, não venha querer, passar o ódio que a senhora tem por ele, pra gente, porque não existe. O que ele fez com a senhora, foi com a senhora. Não foi comigo e eu não vou tomar as dores de ninguém'. Sempre é um conflito, porque ela quer que a gente absorva o ódio que ela tem dele, que a gente trate ele... despreze, abandone. Nenhum filho faz isso... A minha mãe sofreu demais. Ela tomava remédio controlado pra pressão, pros nervos, que ela era muito nervosa, devido a esse sofrimento que ela levava por causa da bebida dele...

A mãe de Juliana que sofreu agressão física e ameaça de morte na fase de alta dependência alcoólica de Pedro, é admirada pela filha por nunca ter manipulado nenhum dos filhos no sentido de se rebelarem contra o pai e também por tê-lo perdoado:

(...) Agora, minha mãe, minha mãe, ela não existe. Eu acho que a minha mãe não existe. De todos nós, eu nem digo que sou a filha... que sou a pessoa que tô, assim que tô ali perto, pra Deus, eu tô pura. Eu acho que a minha mãe tá mais pura, porque por tudo o que ela passou, ela nunca disse assim: 'Abandone o seu pai'. Eu me lembro muito bem que ela dizia: 'Olha, vão atrás do pai de vocês. Apesar de tudo o que ele fez, ele é pai'. Ela sempre dizia...

De acordo com Tereza, tanto o pai quanto a mãe consumiam álcool e, no entendimento dela, hoje, o pai sente remorso por ter se ausentado definitivamente e por ter feito a família sofrer:

O meu pai vive com outra mulher lá na Barra do Ceará (bairro). Mas hoje em dia, ele tá sofrendo, ele. Eu sinto que ele tá sofrendo. Eu sinto que ele não é uma pessoa feliz, sabe. Ele pergunta por ela. "Pai, a mãe tá tão bem, só o senhor vendo. A mãe tá bem mesmo". A gente sente que ele sente assim, né, por ter feito o que ele fez com ela, porque ele também foi muito ruim pra ela, ele não foi bom, não. Ele abandonou ela, ele não ligava pra ela de jeito nenhum. Então, tudo isso contribuiu pra cada dia da vida dela, ela se dedicava mais na bebida .

Nessas três histórias, depreende-se que o problema da bebida afetou sobremaneira o relacionamento entre os cônjuges, ao passo que com os filhos, apenas Pedro se encontra com os vínculos rompidos:

Eu sou um dos poucos com quem ele ainda conversa. Eu e a minha irmã. Os outros não querem ter contato com ele, porque ele magoou muito a família. Ele era muito violento e quando chegava em casa, só fazia jogar a roupa e saía pra mercearia. Na época, era forte e agüentava o rojão. Bebia lá e quando chegava, queria quebrar tudo. É por isso que a Isabela não quer nem ver ele. Os mais velhos é que sentiram mais (Felipe - filho de Pedro).

Esse meu irmão que veio no ano retrasado pro batizado do meu sobrinho e eu fiquei muito assim... porque ele falava. Quando eu chegava lá, ele perguntava pelo Ricardo. Aí, eu disse: 'Pai, eu vou lhe levar pro batizado dele'. Foi uma forma que eu encontrei de reunir, de levar ele na Igreja pra todo mundo. Eu falava com um e com outro, todo mundo ficava calado (Juliana - filha de Pedro).

Estas declarações fazem refletir a discussão de MORAGAS (1997) em torno da teoria da interação. Para o autor a perspectiva interativa é dinâmica e resulta de uma negociação entre os ocupantes dos diferentes papéis sociais. Estes são construídos ao longo da

vida da pessoa, que a cada instante desempenha o papel que a sua trajetória de vida exige, conforme sua idade e suas condições.

As relações entre pais e filhos possuem uma dinâmica própria, passando progressivamente da dependência total para a independência. A vida familiar se organiza por meio de uma série de intercâmbios que se compensam no decorrer da existência das pessoas. Porque na velhice ocorre uma probabilidade do surgimento de várias limitações nos pais, estes vêm a precisar da intervenção dos filhos. Assim, as relações intergeracionais são solidárias. *Quando se reconhece a necessidade da compensação entre as gerações e se educam os jovens para praticá-la, fomenta-se a integração entre as diferentes idades e a redução do conflito social* (MORAGAS, 1997:130).

Mas se não houve a construção de vínculos afetivos entre os membros da família ao longo de suas histórias, como se esperar um equilíbrio e satisfação das partes?

Tentando perdoar o pai, Juliana fala que não o abandonou e se ressentiu com a indiferença dos irmãos:

Eu tô tentando ainda perdoar, porque se eu não tivesse perdoado, eu acho que eu teria deixado ele naquele sofrimento, eu não teria lutado tanto... Eu perdoei, eu acho que perdoei. Pelo menos, eu tô tentando perdoar, mas é o tipo da coisa, ficaram seqüelas que eu acho que só o tempo pode apagar, sabe. Eu tenho pena dele, porque eu sei o que ele queria mesmo, era que os filhos tivessem do lado dele. É como eu disse pra ele: 'Pai, eu faço a minha parte. Eu não posso fazer a parte dos outros'. E eu não posso obrigar... abrir o coração das pessoas... Quer dizer, eu fui a que sofri mais e não tô tentando perdoar!? Pelo menos tô tentando fazer. Eu acho que ele não deve ser abandonado...

Como argumenta BARROS (1987), numa sociedade caracterizada pela heterogeneidade e complexidade dos domínios sociais e simbólicos, a família se tornou um objeto importante de análise e de pesquisa sobre a transformação e a continuidade de padrões sociais e culturais. Os laços morais (socialização) demonstram que ser família ultrapassa os laços de parentesco. São criados códigos particulares capazes de fazer fluir diversas facetas de relacionamento:

Ele era pai entre aspas, porque foi ele quem me criou. Esse problema dela surgiu exatamente por causa disso aí... Ela ... eu não sou... Pelo o que eu sei... eu não sou filho do meu pai... Eu fui morar perto de Pacajus com ele. A minha avó ainda era viva, aí a minha mãe acompanhou

a minha avó pras bandas de Maranguape Eu ainda pequeno, fui pro interior, trabalhei muito com ele lá fazendo telha. Ele era muito radical. Ele me acordava de manhã cedo, quatro horas da manhã, já tava batendo na minha rede pra passar o dia com ele. Eu comecei a trabalhar e peguei uma verminose do barro. Eu fiquei pálido, amarelo e lá, a gente morava numa chapada, numa serra subindo e lá as coisas eram muito difíceis e nessa época eu tinha na faixa de treze pra quatorze anos. Ai eu tinha que pegar água no rio todo dia, água pro consumo de casa. Ai chegou uma época que eu nem podia subir essa ladeira, porque eu fiquei cansado. Ai o seu Geraldo que era dono dessa olaria onde o papai trabalhava... Ai ele me chamou pra Fortaleza pra fazer uns exames pra ver o que eu tinha e aí acusou que eu tinha verme. Eu era amarelo, pálido. O seu Geraldo foi e disse: 'Eduardo (porque eles me chamam de Eduardo), você não vá mais pr'aquela interior, não. Fique aqui com os meninos'. Tem o Ângelo que hoje é professor, tem o Dr. Roberto que hoje é deputado, que por sinal tá se candidatando agora de novo, parece que é a quarta vez. Ai eu fiquei tempo morando com esse pessoal lá. Fiquei até dezenove anos. Ai comecei a trabalhar, me botaram pra estudar... aí dona Beatriz que era como minha mãe, ela era muito boa pra mim... Tudo o que eu hoje aprendi, a viver na vida, ter minha profissão, me aposentei, eu devo a eles. Foram muito bons pra mim e eles já morreram... Eu me lembro das palavras da dona Beatriz. Eu fui e disse assim: Dona Beatriz eu vou sair, eu vou embora pra trabalhar, eu vou arrumar um emprego pra mim... Ai eu sei que a dona Beatriz foi e disse assim: 'É Eduardo, você é quem sabe'. Porque eles não queriam que eu sáisse de lá, porque eu era a pessoa de confiança deles eu era como filho da casa, eles todos me tratavam muito bem, tudo o que a dona Beatriz comprava pra eles, pros meninos, comprava pra mim. Eu achava muito bom isso, sabe. Eu era lá como o filho da casa (Ronaldo - filho de Dionísia).

Ele morava com umas pessoas que não eram da família. Ele morava com uma amiga dele, o apelido dela era gordinha. Era gente boa, ela. Ela tinha um bar lá no Dragão do Mar e tinham outras mulheres lá... (Felipe - filho de Pedro).

O contato na pós-institucionalização, de certa forma, continua. Mas os que costumam visitar com maior freqüência, são os filhos responsáveis pelo asilamento, e a ausência dos outros irmãos, os incomoda:

Se eu pudesse aliar tudo isso que ele tá tendo lá com a presença dos netos, dos filhos e, assim, o que me deixa mais triste, é que a minha família fica na dependência de mim. Se eu não for, ninguém vai (Carolina - filha de Marcos).

Toda vez que eu vou visitar... O filho do coração dele é o Felipe. Toda vez que eu vou lá: 'Cadê o Felipe, tá bem? Por que ele não vem aqui?' ... Mas é porque o tempo dele é só com as coisas do mundo, é os amigos, sabe. Teve um dia que eu encontrei com ele, ele de férias, não foi lá, uma vez. E ele fica cobrando de mim: 'Cadê o Felipe, cadê o Felipe, cadê o Felipe? De todos, o que ainda vai, sempre assim, nem que seja uma vez no ano, é o Felipe (Juliana - filha de Pedro).

Ao serem indagados sobre a frequência com que visitam os pais, os filhos homens responderam que vão uma ou duas vezes por mês. Felipe reconhece a pouca assiduidade e Ronaldo em nenhum momento faz esta avaliação, ratificando o dia da sua visita mensal, ou seja, precisamente no dia do pagamento da aposentadoria de sua mãe:

Eu, realmente, tô faltando um pouco. Faz uns três meses que eu não venho aqui. Agora, todo mês eu venho uma ou duas vezes, aqui. Eu sei que ainda é pouco. O ideal devia ser todo final de semana (Felipe - filho de Pedro).

Eu sempre vou lá, todo mês eu vou lá. Eu só vou uma vez, duas por mês. Aí eu corto as unhas dela. Ela conversa pouco. O negócio dela é mais... que as unhas delas tão grandes, não sei quem cortou, não sei quem mandou fazer uma saia pra ela, ela pagou. Quando eu posso, eu levo uma coisinha pra ela. Eu acho que ela me ajuda mais do que eu ajudo ela. Ela me recebe muito bem. Ela sempre diz que se é de me ver morrer, ela quer morrer primeiro. Quando ela me vê, ela fica alegre. Eu até tinha falado com a Dra. Diana que é a diretora de lá, pra mim entrar pela manhã, sabe. Mas aí, houve até um problema lá. Parece que não tão mais deixando entrar pela manhã no dia de pagamento porque parece que houve algum problema por lá. Foi o rapaz da portaria que disse. Ela me deu até uma notinha por escrito pra mim entrar pela manhã, porque eu gosto de ir pela manhã porque o sol é mais frio. Eu não posso pegar muito sol porque a minha pele é muito sensível, eu pego sol e fico com a minha pele doendo, sabe (Ronaldo - filho de Dionísia).

Tereza justifica a ausência dos irmãos e legitima o papel natural da mulher – o de ser cuidadora. Embora desempregada e morando distante, prioriza o ato de estar com a mãe todos os dias:

Só tem eu de mulher. Os meninos, os três homens, não tinha... não tinha aquele pique que eu tinha, que eu tinha. Mas eu tô aqui quase todos os dias, né? E eles não, até porque são casados, têm esposa, nenhum tem obrigação. Mas eu sempre ali do lado dela, nunca abandonei, nunca, sabe, sempre apoiando ela... e com certeza todos os dias eu vou tá aqui se puder, todos os dias eu vou tá aqui do lado dela. Mesmo que eu não possa chegar no horário de visita... às vezes eu chego aí, quatro, quatro e tanto, aí eu peço aos meninos só pra mim tomar a benção a ela, venho aqui, converso com ela um pouquinho e vou m'embora, mas eu venho (Tereza - filha de Fabiana).

Percebe-se a dificuldade da continuidade do relacionamento com os netos. Carolina confirmou a importância da presença das crianças na vida do avô, uma de suas grandes alegrias. Sabendo disto, ela mobiliza todos, no sentido de cultivar o vínculo com Marcos, propiciando visitas nos finais de semana, mas se ressentida por não poder contar com o apoio de seus irmãos:

Agora, tem um lado triste que é a ausência dos familiares, dos netos. Ele é muito ligado aos netos. Ele é louco, alucinado pelos netos... Então, assim, os netos sabem da obrigação e querem bem a ele. Quando eles chegam lá, eles correm direto pro quarto. Depois, eles ficam brincando por ali, correndo. O meu pai fica sentado ali, logo na frente do quarto. O meu pai, é como eu lhe disse. Ele tem um imã. Todo mundo que se aproxima dele, gosta do jeito dele e os netos são do mesmo jeito, todos os pequeninhos. Só não o Edmundo que é o novinho, tem um ano e seis meses. Mas mesmo assim, quando ele vai pra lá, que ele vai embora, ele fica: 'Tchau vovô, tchau vovô'. Eles chegam lá, pulam em cima dele, fazem a festa. O interessante, é que eles respeitam os mais velhos. A Laura que tem quatro anos, é muito sapeca. Ela pergunta demais. Pergunta por que ele mora lá, por que não mora mais na minha casa. Ai eu explico que é porque eu trabalho, passo o dia fora e é difícil de ver e lá, ele tem um monte de amiguinho pra ele brincar, tem médico pra dar o remedinho na hora certa e eles entendem. Eles têm a preocupação... eles chegam e dizem: 'Nós vamos ver o nosso avô, hoje?'. Eles querem e pedem. O meu filho é demais. Também tem onze anos: 'Quero ver meu pai, quero ver meu pai...'

Cabe mais uma vez recorrer ao *O sorriso etrusco* e notar que a relação entre avós e netos, além de ser uma aprendizagem mútua, revitaliza:

Morrer seria ruim se depois você percebesse que não está vivo, imagine!, mas como você não fica sabendo que está morto, o que é que tem?... No entanto agora me importo, sim, porque você precisa de mim, não posso deixar você sozinho... (SAMPEDRO, 1996:164)

Deus não fez as coisas direito: deveríamos viver tantas vezes quantas vivem as árvores, que depois de um ano ruim criam folhas novas e começam de novo. Nós, só uma primavera, só um verão e para a cova. Por isso você deve brotar bem seus ramos desde já. Eu nasci em pedregal e não me queixo, cheguei a me educar sozinho. Mas podia ter florescido melhor... (Ibid, p.264).

'Agora é que não estou sozinho, com suas mãozinhas em meu pescoço e você bem dentro de mim. Nada de brigar. Meus braços para o embalar, colocando-o em meu peito, fazendo-o feliz, eu sei. Você se entrega a mim, meu menino, anjinho, você se rende incondicionalmente. E assim me dou a você, como você me ensinou; assim não estou sozinho...' (Ibid, p. 293).

Ronaldo refere-se aos seus filhos com uma certa melancolia, em decorrência do distanciamento entre eles e menciona as visitas dos netos a Dionísia:

Eu tenho quatro filhos homens. Um dia desse ela me falou que o Luís foi lá. Fazia tempo que ele não ia, aí pegou ela de surpresa. Disse que ela tava sentada, ele ficou olhando pra ela, aí ela disse assim: 'Pra mim, eu tô lhe conhecendo, não sei se é família'. Aí ele: 'Eu sou o seu neto, o Luís'. Aí começaram a conversar. Aí outro dia parece que foi o Eugênio, também. Mas faz tempo que ele não vai, faz é tempo. Mas esse pessoal, sabe como é que é, né? Eles moram lá na Barra (bairro), dificilmente vem aqui. Pra vir aqui, é preciso ligar, pedir. A coisa é assim. A gente tem pouco contato. Passa dia de ano, Natal, dia dos pais, eu nunca recebo um lenço. Isso me chateia muito... ficam por aí... No dia dos pais, eu não ganho um presente. Eu não fiz nada de errado Eu nunca tive essa sorte.

Ao mesmo tempo que é fascinante privar da intimidade desses sujeitos, freqüentar suas casas ou ainda oferecer um lenço para enxugar as lágrimas, também não deixa de ser preocupante o fato de se exumar um passado que traz recordações dolorosas. Até que ponto o pesquisador tem o direito de provocar choro nas pessoas e motivá-las a contar histórias conflitantes?

Os documentos aqui analisados não são frios, mas provindos de seres humanos que se dispuseram a revelar aspectos íntimos de suas vidas. Juliana chorou durante a maior parte da entrevista; Carolina também se emocionou ao lamentar a inviabilidade de estar junto do pai; Tereza ficava com a respiração ofegante quando discorria sobre o sofrimento de sua mãe; Felipe citou as estratégias fracassadas de conviver com pai e Ronaldo, entre idas e vindas, desabafou com imensa dificuldade a história do adultério da mãe, como também derramou lágrimas no momento em que falava de seus filhos.

Uma história impensável e não registrada no prontuário do asilo, foi o fato de Dionísia ter sofrido problemas mentais. Segundo seu filho, a mãe, antes de ser institucionalizada, já havia sido internada em hospital psiquiátrico. Mas ele não soube explicar o que chama de *agitação e perturbação*.

Isso faz lembrar o comentário da assistente social ao saber que Dionísia iria participar desta pesquisa e das observações registradas no diário de campo:

Falei com a Cecília que estive com Dionísia e que iria convidá-la para participar da pesquisa. Ela comentou que, às vezes, Dionísia fica mal-humorada (Diário de campo, 02/01/02).

Chequei o prontuário de Dionísia e pude verificar que é saudável, e o que me surpreendeu na sua ficha social é que ela apresenta um 'temperamento nervoso e agitado'. Até agora, não deu para eu perceber (Diário de campo, 03/01/02).

Hoje, infelizmente, pude perceber o 'jeito nervoso' de Dionísia e fiquei muito surpresa, pois, quando me disseram e quando li no prontuário, achei difícil de acreditar. Ela estava no quarto se preparando para pegar o café. Ao entrar para tirar sua foto, conforme combinamos, ela me respondeu aos berros, dizendo que não ia tirar foto nenhuma e que eu a teria convidado para ir ao caixão, pois quem tira foto perto de rosa é chamando pra morte. As companheiras de quarto falaram que, desde ontem, ela está agitada. Comentei para Cecília e ela disse que é assim, e quando começa a esbravejar não pára. Falou que não adiantaria eu ir atrás, porque ela só estaria mais calma no dia seguinte. Fiquei intrigada sem saber como se justifica esse comportamento, pois eu jamais imaginaria que aquela senhora tão calma e doce pudesse agir assim. O que será? (Diário de campo, 21/01/02).

Dionísia passou por mim no corredor, um tanto agitada, e me pediu desculpas por aquele dia e nos abraçamos. O motivo de sua agitação é que a médica proibiu a entrada dos filhos nos quartos. Ela estava inconsolável. Falou que há muito tempo mora lá e nunca tinha acontecido isso, 'mas ordem é ordem' (Diário de campo, 07/03/02).

É oportuno ressaltar que um dos critérios para que os velhos participassem da pesquisa estava voltado para a preservação da memória. O fato de Dionísia ter essa alternância de humor em momento algum foi motivo para que ela não tivesse condições de participar desse trabalho. Inclusive, em seu depoimento, ela foi a mais precisa com relação aos nomes, sobrenomes, como também na seqüência cronológica dos fatos, sem idas e vindas, como geralmente é comum nas entrevistas abertas.

Ronaldo reconhece a lucidez da mãe e os seus limites:

Ela é sadia, clinicamente ela está muito bem. Ela é bem lúcida, sabe? Mas é do jeito que eu disse. Se alguma pessoa brigar perto dela e pedir alguma coisa ou então insistir com alguma coisa, aí pronto, ela perde o controle e fica irritada. Houve alguma coisa com ela lá e ela nunca mais foi pegar o café. Aí ela comprou uma garrafinha, aí ela vai e pega um cafezinho, aí bota na malotinha dela lá.

▪ A DECISÃO

A institucionalização para os filhos representou a alternativa para que seus velhos pudessem ter uma certa assistência. Desprovidos de um suporte adequado para cuidar de seus

velhos, os filhos, sem outras opções, transferiram para o asilo esta responsabilidade, sendo a condição financeira uma das causas que contribuiu para a decisão final. E, segundo os depoentes, esta decisão foi consentida por seus genitores.

Foi através das minhas amizades que eu consegui colocar ela lá no Lar Torres de Melo... Ela gosta muito de lá. Isso é que eu sei. Ela se familiarizou ali de uma tal maneira que ela gosta, já tem as pessoas que ela conhece lá. Eu sinto que ela gosta... Ela tá muito bem lá, melhor do que se tivesse aqui porque a gente também tem os problemas da gente, todo mundo tem seus problemas, eu tenho os meus, você tem os seus... Falta uma coisa, falta um gás. Tudo isso já era uma perturbação pra ela, aqui às vezes falta, a bodega não vende fiado, se não tiver dinheiro, não compra (Ronaldo - filho de Dionísia).

Eu conversei com meus irmãos, conversei com meu pai, perguntei o que ele achava. Ele disse que queria conhecer, que eu levasse pra ele conhecer e quando ele chegou lá, ele se encantou com o ambiente, gostou. Queria logo ficar... Eu acho que, por ele estar morando sozinho, naquela situação que eu lhe relatei, eu acho que ele se empolgou e quis ir de livre e espontânea vontade... (Carolina - filha de Marcos).

A princípio, a gente conversou com ele. Ele não estava muito feliz, por causa das desavenças. Então, eu achei por bem, conversar com a minha irmã e chegou um momento que ... aqui é melhor pra ele, porque de certa forma, ele fica mais longe da bebida. Ai, eu falei: 'A gente vai levar o senhor pro asilo' e ele disse que tava tudo bem. Inclusive, nesta época, ele tava internado. No começo ele aceitou numa boa... (Felipe - filho de Pedro).

Observa-se aqui uma certa divergência com relação ao depoimento de Pedro, pois, de acordo com o seu depoimento, os filhos não o consultaram sobre a possibilidade dele morar no asilo, enquanto que estes confirmam a permissão do pai. Juliana atribui toda a revolta que Pedro sente por ela ter a procuração para receber a aposentadoria dele e, também, por não permitir a sua saída da instituição, receando que o pai se embriague:

Eu sou a procuradora dele. Na época que ele tava doido pra sair daquela pensão, ele passou pra mim... Eu passei uns dois meses sem ir lá porque toda vez que eu ia lá, ele queria: 'Me dê o meu dinheiro, que eu quero não sei o que mais lá'. Eu passei dois meses... mas porque você vai se desgastando. Eu disse: 'Eu vou dar um tempo pra ele sentir, eu vou dar um tempo'. Passei dois meses sem ir. Ele acha assim: 'Eu tô lá por causa da Juliana'... Só que, eu dar assistência pra ele é pouco e tem isso mais, ele quer o dinheiro pra sair. Ele é muito revoltado comigo porque eu pedi pra ele não sair. Mas sabe por quê?... Porque quando davam o dinheiro pra ele... Eu pedi pra não dar esse dinheiro pra ele, mas como a Dra. Diana tem o coração enorme: 'Olha, Juliana, o seu pai é lúcido, ele tem direito, vamos fazer a experiência!' Só que quando dá a oportunidade, ele apronta. Já chegou lá de camburão da Polícia, encontraram ele não sei por onde. Ai eu digo, eu prefiro que ele fique aqui, porque aqui é um lar. Tem os problemas, mas tem os passeios e eu acho que tem dois caminhos: Você

quer vê o seu pai morto por aí ou você quer vê ele dentro de um lar, tentando se reajustar? Eu vejo por esse lado (Juliana - filha de Pedro).

Mais uma vez é encontrada neste trabalho uma não-identificação com o modelo de instituição total, caracterizado por GOFFMAN (1987). Neste asilo existe uma certa maleabilidade no que se refere às saídas, o que é inexistente nas prisões, manicômios e conventos. Exemplo disso é a permissão para Pedro sair, concedida pela Diretora. É uma postura interessante e até viável, uma vez que enseja a fruição dos espaços públicos e da convivência com outras pessoas. Contudo a experiência mostrou que o mundo externo para Pedro resume-se a única distração – beber.

Essa mesma preocupação é vivenciada por Tereza que também restringiu a saída de sua mãe, receando, como Juliana, a possibilidade de uma recaída:

Um dia ela foi pro mercantil não sei com quem aí, com uma das meninas aí. Elas autorizaram ela sair, mas foi com uma delas aí. Tá entendendo? Uma das amigas dela lá de dentro porque ela sozinha, ela não tem autorização, não. Eu disse que ela teve problemas e eles não podem liberar ela. Só com a nossa autorização. É tanto que o meu irmão um dia desse veio, levou ela pra casa de uma prima dela que mora aqui perto, mas foi com ele. Ele voltou, deixou ela aqui, mas sozinha, não (Tereza - filha de Fabiana).

Todos deduzem, sem exceção, que o ato decisório do asilamento foi o melhor procedimento, haja vista que lá os velhos têm as suas necessidades básicas satisfeitas, principalmente no que remete à saúde e à alimentação. Além disso, eles buscam na opinião de terceiros, como também na própria avaliação dos pais, apoio para suas decisões:

Lá, a alimentação é boa, varia. Eu tenho visto. É frango, é peixe, é carne, tem o café da manhã, tem a merenda das nove horas, tem o almoço, tem a merenda da tarde, tem o jantar. Eu sei que lá, ela não se preocupa com nada, e é sempre visitada. Qualquer coisa tem alguém lá, tem aquelas acadêmicas de enfermagem que sempre passam por lá, aquela rotina ali, assim como você que está fazendo o seu trabalho e outras visitas também, aquele pessoal que ajuda, que pode, que aqui e acolá dão uma pasta, dão um sabonete, dão uma camisa, dão uma toalha. A casa recebe muita doação... Ela se adaptou àquele meio, ela gosta e eu tenho certeza que lá é melhor do que se ela morasse comigo. Pode ter até alguém que ignore isso porque ela como minha mãe... eu acho que pode ser assim, eu penso assim, né, cada qual tem a sua maneira de pensar. Talvez se ela morasse comigo, ela não teria o que ela tem lá. Eu

acho que o cantinho dela é lá, eu acho que eu fiz a coisa certa de ter colocado ela lá e eu acho que o que eu podia fazer por ela eu fiz (Ronaldo - filho de Dionísia).

Então, foi a melhor opção que a gente achou. No começo, eu me preocupei muito com a opinião das outras pessoas, até com a reação dele; se ele ia tá feliz, se ele tava bem, se ele tava sendo alimentado e ele sempre passou pra gente que tava bem e até o aspecto dele, a fisionomia mudou muito. Então, eu acho que assim, ele tá melhor do que se ele tivesse num ambiente na casa da minha irmã, daquele lá de música, de falação, de barulho ou só, que ele precisa de atenção pra tomar os medicamentos no horário, sentir alguma coisa; ter uma assistência prontamente, porque lá tem auxiliares de enfermagem e tudo.... (Carolina - filha de Marcos).

O que eu pude fazer por ele, eu já fiz e hoje em dia ele tá num local melhor pra ele. O melhor pra ele é aqui, mesmo. Eu já não tenho mais o que fazer. Eu já aluguei casa pra ele, já levei pra morar comigo. Com meus irmãos não tem condição dele morar porque um mora no Rio de Janeiro; o outro mora com a minha irmã... Cada um tem a sua vida (Felipe - filho de Pedro).

Se não tivesse o Lar Torres de Melo, ele já teria morrido, com certeza. Teve um dia que eu sai de lá e ele me esculhambou, "botou foi quente em mim". Fiquei com a consciência pesada, porque, puxa vida, o que foi que eu fiz, vendo uma pessoa ficar infeliz!? Tem muitas coisas que Deus te revela assim, sem você esperar. Eu pensei assim: Meu Deus, eu tô deixando uma pessoa revoltada, infeliz... O que é que eu faço, me oriente! Eu liberto ele, deixo ele morrer por esse vício? Sinceramente, de coração, eu vinha com a cabeça cheia. Aí quando eu me virei, eu levantei a cabeça, aí, o irmão do seu Horacio... ele mora aqui na Vila União. Aí: 'Oi, tudo bem? Como está o seu pai?' Aí eu disse assim: 'Eu venho de lá'. Aí, ele disse assim: 'Olha, foi a melhor coisa que você fez, foi deixar o seu pai no Lar Torres de Melo, porque ele já teria morrido, elas já teriam matado ele'... Uma coisa que eu não posso esquecer... quando eu comecei a ir no DERT, todo mês eu ia lá pegar lá o contra-cheque, né... aí eu tive muito depoimento. Uma senhora me chamou lá, a Laila... toda vez que eu vou lá, ela me chama e toda vez ela diz: 'Você ainda vai ser abençoada, ela diz'. Eu fiz a minha parte, mas eu sempre conto que nem toda vida, ele tá uma maravilha... Toda vez que eu vou lá na repartição onde ele trabalhava, todo mundo diz: 'Juliana, foi a melhor coisa que aconteceu' e eles presenciaram o drama dele lá na pensão (Juliana - filha de Pedro).

Ela tá com uns dois meses, mais ou menos. Pra ela é como se ela tivesse assim com um ano acho que mais de ano. Ela tá se sentindo bem e nós muito mais. Porque se você visse o estado da minha mãe! Antes dela entrar aqui, dava dó. Se você visse como era, era triste, sabe. Ela hoje em dia, é uma mulher bonita, tá com a pele sentada. Mas se você visse ela antes de entrar aqui, era triste. Ela tava acabada, ela tava magra, ela tava abatida, ela tava toda com um negócio assim, todo atingindo a pele dela, já, sabe, escapelando assim, o corpinho dela. Era doloroso, sabe, ver ela naquela situação. Mas aí graças a Deus, a gente tomou essa decisão. Eu não me arrependo de ter botado ela aqui dentro. Mas antes, eu tivesse tomado essa decisão há mais tempo pra não ter que ver ela sofrendo da maneira que eu vi ela sofrendo. Ela sofreu demais, a minha mãe... Ela diz que tudo aqui é bom, ela diz que pode existir igual, mas melhor não tem, não... (Tereza - filha de Fabiana).

Embora julguem ter tomado a decisão correta, surge em suas falas o *se eu pudesse*, emergindo suas expectativas e sonhos, distantes de suas reais condições. Como se vê nos depoimentos, no campo das hipóteses, do *se eu tivesse condição*, apenas Juliana não vislumbra a possibilidade do retorno do seu pai para casa:

Se eu tivesse condição, se eu fosse uma pessoa que tivesse uma casa boa, fazia assim um compartimento pra ela, botava uma pessoa pra cuidar dela, até isso eu faria, uma pessoa só pra cuidar dela... (Ronaldo - filho de Dionísia).

É difícil, porque ... Por mim, ele saía comigo, tava comigo...(Felipe - filho de Pedro).

O Lar Torres de Melo precisa de... não é aquele que você tivesse pagando como particular... era isso que eu queria ter condição, pagar um particular que tivesse tudo muito limpo, muito bonito, como existe aqueles bem sofisticados. Mas você tem que ter dinheiro. Lá, foi o único lugar que eu encontrei. A enfermaria em que ele tá, tá bem limpinha (Juliana - filha de Pedro).

É muito difícil você ver a pessoa que você ama... de noite... Gostoso é que ela tivesse do meu lado, bom que ela tivesse na nossa casa, lá. Às vezes, eu olho assim, vejo o quarto dela, tudinho, querendo que ela tivesse comigo, nós juntas, mas infelizmente, não é desse jeito (Tereza - filha de Fabiana).

Na decisão, os sujeitos expressaram um desencontro de sentimentos em que alívio e remorso interagiram concomitantemente. De fato, são situações-conflito, amenizadas prioritariamente pelo caminho da razão, sendo o emocional tornado secundário:

Pode ter até alguém que ignore isso porque ela como minha mãe... eu acho que pode ser assim, eu penso assim, né? Cada qual tem a sua maneira de pensar. Talvez se ela morasse comigo, ela não teria o que ela tem lá... É questão de raciocínio porque na casa da gente também faltam as coisas (Ronaldo - filho de Dionísia).

Então assim, o meu pai morando só, cardiopata, a família toda morre de ataque fulminante, a família dele. A gente sabe que ele morando sozinho era fatal. Certamente, ele morreria por falta de socorro... (Carolina - filha de Marcos).

Tem momentos que eu fico com a minha consciência pesada. Senhor o que tô fazendo? Será que... olhe, imagine se eu trouxesse o meu pai pra cá, com problema de bebida, ficar numa casa fechada, ele vai ficar louco porque lá, ele tá em convívio com as pessoas. Lá tem os visitantes, tem as doutoras, tem os passeios. Aí eu boto o pai onde estava, naquela pensão, no alto da orgia, na sarjeta, só caindo mais e mais, só bebendo, bebendo. Ele não estaria vivo como o amigo dele disse. Ele disse que se ele não tivesse saído dali, ele já teria morrido. Quando ele estava no hospital, o médico disse que se ele continuasse bebendo, ele não ia resistir. Eu acho que ele é muito forte porque todo esse tempo que ele ficou... e lá sem se alimentar na pensão? (Juliana - filha de Pedro).

Eu sofri. No dia que eu deixei ela aqui, eu fui pra casa e entrei em depressão, sabe, chorei, disse que se eu chegasse aqui no dia seguinte e ela não tivesse bem, com certeza, eu levaria ela pra casa de volta, eu não deixava ela aqui. Só que, graças a Deus, quando eu cheguei aqui no outro dia, ela tava muito bem, muito bem mesmo e até hoje... Adriana, quando eu entrei me deu uma sensação tão estranha, sabe. Assim uma coisa que não tinha explicação, eu achava... eu achava que tava fazendo a coisa errada em botar a minha mãe aqui dentro, sabe. 'Meu Deus, o que é que eu vou fazer, botar ela aqui dentro! Aqui é pra quem não tem família, ela tem'. Mas ao mesmo tempo, eu ficava pensando: 'Mas se ela ficar lá fora comigo, ela não vai conseguir se libertar dessa cachaça'. Mas aí sabe, eu deixei o coração de lado e agi com a razão (Tereza - filha de Fabiana).

A filha de Fabiana em nenhum momento fez alusão ao fator econômico como determinante na sua decisão. O principal motivo para institucionalizar a mãe foi a tentativa de vê-la recuperada do vício da bebida, representando o asilo um meio para o tratamento. Do mesmo modo, Juliana anseia por essa possibilidade, mas o diferencial entre as duas histórias é que a primeira almeja o retorno da mãe para casa e a outra não vislumbra essa probabilidade:

Juliana compreende a institucionalização do pai como um castigo merecido, somado, ainda, à separação e à falta de apoio da família:

O sofrimento dele já é não estar com a família. Só ele em não estar com a família, já está pagando, porque na velhice você precisa daquele aconchego... Puxa vida, apesar dele ter feito tudo isso, ele pagou um preço muito alto.. Então, não tem um dizer mais certo: Você planta, você colhe. Tudo o que ele fez com nós, o mundo lá fora, devolveu pra ele, porque nós passamos necessidade... O sofrimento dele, esse plantio todo... ele não deu atenção à família, ele deixou a família pelas farras, pelas mulheres... então, é o preço que ele tá pagando hoje - é não estar com a família.

No que concerne à reação dos amigos e membros da própria família, prevaleceu a reprovação. As suas críticas foram fundamentadas no entendimento de que é uma incoerência o asilo assumir a responsabilidade da família. Persiste a concepção do asilo como um lugar destinado a abrigar os velhos abandonados, sem laços de parentesco. Nessas divergências, eles procuraram explicar que agiram certo, comparando o passado com o presente, isto é, como era o estilo de vida dos pais antes da institucionalização, o que faz as pessoas retrocederem nas suas opiniões. Esta persuasão se dá, principalmente, em decorrência das visitas, quando se conhece o lugar, e pelas conversas com o institucionalizado.

Eu fiquei sabendo por terceiros que algumas pessoas diziam que se fossem eu, não tinha botado minha mãe lá, que ficava com minha mãe. Umas conversas mais ou menos assim. Eu disse que achava que tinha feito a coisa certa e quem sabia do problema era eu que tava dentro do problema e que não tinha satisfação pra dar a ninguém. O problema foi meu e eu que tomei a iniciativa porque eu achei que lá é bom... (Ronaldo - filho de Dionísia).

(...) A crítica foi só na hora da gente tomar essa decisão de ir pro asilo. Lá, apesar dele tá nessa situação, os irmãos deles criticaram. A irmã dele chegou pra mim e disse: 'Por que é que, você, agora, que tá morando só e sua mãe já voltou para o interior, você não faz uma casa no fundo da sua casa pra ele?' Eu falei: 'Ou tia, o meu pai não é cachorro pra eu tá pagando uma casinha no fundo do quintal pra ele. Se ele tiver que morar comigo, ele vai voltar um dia pra morar com a família... Quando os meus tios me ligaram: 'Como é que você faz isso com seu pai?'. Eu disse: - Tia, a senhora quer que eu bote ele pra morar aí com a senhora, a senhora tem condições de assumir? - Não, porque eu trabalho, tenho os meus filhos, não sei o que. Eu disse: - Eu também, eu trabalho, tenho o meu filho, tô estudando. Então, assim, todo mundo tem uma vida. Eu não posso dar atenção pro meu pai. O meu pai precisa de fisioterapia, precisa de companhia, precisa de tudo e eu não tenho condição e eu não vou fazer isso que vocês querem... Nós não estamos pagando, a gente não tá dando assistência, ele não tá bem? Passado esse momento, parece que eles começaram a ver... alguns vão visitar também, então começaram a ver que ele tava bem, que ele tá melhor do que quando tava com a gente (Carolina - filha de Marcos).

No começo, as pessoas achavam que a culpa era da família, porque não conheciam a história. Como pai, foi ausente, completamente. Ele tinha pouco contato com a gente. Eu ainda me lembro em casa, a gente brigando... Muita gente achava que era culpa da gente... As pessoas acham uma coisa mas não conhecem a história (Felipe - filho de Pedro).

(...) O que eu sinto do Felipe é que ele queria que a gente trouxesse o pai, eu sinto que ele queria que a minha mãe aceitasse o meu pai. A minha mãe apanhou demais, a minha mãe foi ameaçada de morte várias vezes. Precisava ficar vigiando o meu pai armado (Juliana - filha de Pedro).

Quando eu botei ela aqui dentro, o mundo se fechou. Só o meu irmão que me deu apoio, o meu irmão mais velho. As outras pessoas, a vizinhança, os parentes, sabe, algumas sobrinhas dela acharam um absurdo o que eu fiz. Me criticaram... O meu irmão que mora em São Paulo não quer nem conversa comigo por causa dessa atitude. Ele disse que não quer nem conversa comigo, ele não liga pra mim. Ele disse: 'Eu não quero nem conversa com ela. Isso não é atitude de uma filha, não'. Desse jeito. Ele não procurou entender. Ele me ligava dizendo, falando do problema, que tava tendo lá e quando eu tomei essa atitude aqui, ele me criticou, ele não aceitou de maneira nenhuma. O meu outro irmão, sem ser o irmão mais velho, também disse: 'Eu não apóio isso'... Um tio meu também, disse que era um absurdo o que eu tinha feito. Só que ele já veio aqui, também e viu, sabe. Me deu os parabéns: 'Eu tô te dando os parabéns pela atitude que você teve'. Mas algumas pessoas não aceitam ainda, sabe... (Tereza - filha de Fabiana).

Ao defenderem suas decisões, eles utilizam exemplos de outros internos, questionando o procedimento de membros da família que até teriam condições para amparar os seus velhos, mas, mesmo assim, os institucionalizam, além de afastarem-se totalmente, postura esta que é condenada:

Tem gente que até por sinal que eu vejo por ali até em situação melhor do que a minha mãe que está lá, eu vejo. Gente que tem a condição financeira melhor, porque eu percebo. Tem gente lá que tem a situação financeira melhor do que nós e a família coloca lá. Por que é que eu não posso colocar a minha mãe lá? (Ronaldo - filho de Dionísia).

Lá, tem o seu Leonardo que sempre chega... quando a gente chega lá, ele faz uma festa também. Ele diz que as pessoas que visitam ele somos nós. É como se nós fôssemos os filhos dele, também (Carolina - filha de Marcos).

(...)Pelo que eu sei, tem gente que não tem ninguém. O meu ainda tem a mim, porque eu nunca vou abandoná-lo. Tem gente que coloca lá e nunca vão, né? Tem porque eu já vi depoimento lá, de pessoas que até enganadas vão. Eu não consigo entender como é que fazem isso... Por isso que eu digo pra você, o asilo não é bom nesse sentido, você botar um pai lá e deixar lá, como tem caso lá que vão até enganados. 'Vamos ali dar um passeio', né? Eu não consigo entender como é que fazem isso. Teve uma vez lá, na época que a gente fazia visitas, a minha amiga descobriu que o Sr. Joseph do chaveiro Joseph, ele tava lá, a família botou lá e ele tinha dinheiro (Juliana - filha de Pedro).

Mas também é o tipo da coisa, se a gente botar aqui...como tem muitos e muitos aqui. Põe aqui e deixa. Não pode (Tereza - filha de Fabiana).

Os motivos para a institucionalização estão voltados, sobretudo, para a incapacidade da família de assumir a assistência aos seus velhos. Além de ser esta inviabilidade justificada pelo fator econômico, o tempo também tem influência, uma vez que o trabalho preenche o dia-a-dia dos ativos da casa, ficando estes indisponíveis para oferecer um amparo aos seus pais que necessitam de uma atenção especial, tendo em consequência dos seus problemas específicos já ressaltados.

Urge a necessidade de se reestruturar as organizações que prestam assistência à população idosa, ponderando, especialmente, a qualidade de vida dessas pessoas no sentido mais amplo. Reaver a cidadania é um desafio fundamental e, para isso, é suficiente a operacionalização dos dispostos legais específicos, visto que estes contemplam ações voltadas para a velhice nos seus múltiplos aspectos, dentre elas, a permanência do velho junto à família.

O centro-dia, programa ainda incipiente no País, é a alternativa para evitar a separação definitiva para a família que, como visto, lamenta o afastamento dos seus velhos. Convém citar a experiência bem-sucedida de um centro-dia, localizado em São Paulo, na cidade de São Bernardo Campo, uma iniciativa da Prefeitura. Lá, os velhos passam o dia envolvidos em atividades físicas e trabalhos em grupo, retornando para suas casas na hora de dormir.

A prefeitura busca 'os alunos' em casa e, às 8h30 min, eles estão prontos para as atividades, depois de um bom café da manhã. Pela manhã, se exercitam e se divertem com jogos pedagógicos – os mesmos usados por crianças. Em seguida, almoçam e descansam. Até recomeçarem com as atividades da tarde, que incluem brincadeiras e pausa para uma história. Eles também são atendidos por fisioterapeutas e uma médica, entre outros profissionais... (PEREIRA, 2002:62).

Na avaliação dos coordenadores do projeto, a falta de opção contribui para que a família decida pela institucionalização. Constatase que o programa está correspondendo ao anseio dos familiares – *Isso tem facilitado muito a nossa vida porque jamais o deixaríamos em um asilo* (fala de um genro). Por outro lado, os atendidos estimam que suas vidas melhoraram consideravelmente (CAPITELLI, 2002).

▪ O ASILO

Todos relatam estar satisfeitos com o atendimento prestado pela instituição. De uma forma geral, suas avaliações remetem à adaptação dos pais e aos cuidados que recebem, ponderando a dificuldade do que é manter um estabelecimento filantrópico.

O atendimento do asilo é bom em relação à alimentação, ao bem-estar, funcionários. Eu não tenho muito contato com os funcionários, não porque eu quase não converso com eles. Eu não tenho contato com ninguém de lá. A minha mãe, ela não tem muita amizade. Ela é assim um pouco... ela não é bem assim comunicativa de fazer amizade. Eu perguntei se ela queria um radiozinho, nem de rádio ela gosta. Ela disse que não queria não. Ela gosta mais de tá no canto dela, arrumando a mala dela. Ela é muito zelosa, ela sempre foi (Ronaldo - filho de Dionísia).

Eu acho que eles têm dificuldade pra manter aquilo ali. Então, com essa dificuldade que eles têm, não dá pra fazer muita coisa. Mas assim... eu não vejo.... Eu gosto de lá, vejo muito

verde, as plantinhas, eu vejo o pessoal cuidando... Eu não tenho nada a reclamar, não (Carolina - filha de Marcos).

De tudo que eu tô vendo aqui dentro, eu tô gostando, até agora, eu não tenho nada pra reclamar. Eu acho que tudo o que acontece aqui tá ótimo, pra mim tá ótimo (Tereza - filha de Fabiana).

Certamente por ter trabalhado em uma instituição médica, Ronaldo é o único a fazer considerações acerca dos serviços que precisariam ser melhorados, não deixando de pontuar as sugestões:

Ela apareceu com umas coceiras no corpo, aí eu procurei o posto de enfermagem, os dentes dela também estavam muito estragados, ela até extraiu os dentes tudinho. Ela não tem mais nenhum dente. Aí eu disse: Mamãe, você procura um médico. Que lá tem dentista ou levam não sei pra onde. Tai, oh, a gente conversando, a gente vai chegando. Se lá não tem dentista, então lá dentro deveria ter pra não ser preciso fazer essa remoção do velhinho pros cantos mais longe, né? Devia ser ali mesmo, ampliar mais o posto de saúde ali dentro, pra ter medicação melhor, um laboratório pra fazer exame de fezes, de sangue, um hemograma completo pra saber como é que tá o sangue pra saber se tem problema de glicemia, se é diabética que às vezes ela pode tá até diabética e não tá nem sabendo, né? Ela pode ter problema, por exemplo de colesterol alto e não tá nem sabendo porque com uma gordura daquela tudo é possível. Quer dizer que, ninguém se manifesta, a instituição não pode fazer porque é muita gente pra fazer isso, pra levar todos...

A possibilidade da existência de maus tratos na instituição foi uma hipótese levantada por Carolina. Assim, ela cuidou de verificar o tratamento oferecido:

Eu, quando vou pra lá, eu gosto muito de observar como é que as coisas estão acontecendo. Às vezes, eu deixo o meu pai: 'Pai, eu vou ali, vou dar uma volta'. Aí, vou olhar. Um dia, eu fui olhar um lado que tem um monte de velhinho nas cadeiras de roda. Aí, cheguei de mansinho pra ver se estavam mal tratando os velhinhos. Mas não. Tinha uma enfermeira dando na boca do velhinho, outros comendo sozinhos, aqueles que podiam comer, né? E aí ela: 'Um bora meu amor, não sei o que'. Então assim, eu fui mesmo pra flagrar e eu não vi... não sei se acontece esse tipo de coisa lá, mas se acontecer, é na calada da noite, porque durante o dia, eu não vi.

▪ O CUIDADO

Cuidar dos filhos, pais ou parentes ainda continua sendo parte do curso de vida das mulheres. Fica evidente que a questão do gênero é essencial, não só porque as mulheres estão

mais vinculadas ao espaço familiar, mas também pelas diferenças de recursos e oportunidades entre os dois sexos (CAMARANO, 1999).

Dentre as mulheres aqui entrevistadas, suas principais queixas em relação ao cuidado dos pais estão ancoradas na falta de ajuda dos demais membros da família. Essa é uma das dificuldades mais apontadas pela literatura gerontológica sobre o estresse do cuidador.

Eu estava pra enlouquecer, porque eu sempre gostei das coisas bem organizadas e já tava mal tratando ele. Eu já tava descarregando o meu estresse, a minha raiva de ninguém ligar, de ninguém assumir, tudo nas minhas costas... Além de eu parar de trabalhar, eu tinha que chamar uma funcionária que trabalhava comigo e parar também pra ir comigo até lá no Conjunto Ceará. Ele não chamava nem as minhas irmãs nem meus irmãos, apesar dos meus irmãos morarem lá vizinho no Conjunto Ceará, mas essas coisas do meu pai, quem resolvia era eu (Carolina - filha de Marcos).

Porque é o tipo da coisa: a partir do momento que ele saísse do local de bebida, tudo bem... Mas a dependência do organismo, né? Ai eu conversei com o Felipe. Mas o Felipe disse assim: 'Não, deixa ele lá mesmo'. Eu acho que ele achava que era uma responsabilidade muito grande. Ainda hoje, eu me lembro disso. Eu fiquei tão desesperada, eu fiquei assim ... Ai eu fui lá no Lar no Torres de Melo... No dia que ele disse isso, eu chorei, sabe, porque eu fiquei sem apoio de ninguém. Eu pensei: Eu quero que ele fique na casa do Felipe, porque lá é família, tem a esposa dele, as filhas...' O que eu sinto da minha família é que eles acham bom que eu esteja dando assistência a ele (Juliana - filha de Pedro).

Você tenta ajudar de um lado, de outro e você não tem uma ajuda, uma pessoa assim, sabe, que te apoie, que te diga assim: "Não, vamos fazer isso..." Era só eu, sozinha, sabe, só crítica (Tereza - filha de Fabiana).

Ronaldo, baseando-se na sua experiência profissional, entende que o cuidado deve ser remunerado, sobretudo, quando a doença é progressiva. Na sua opinião, por mais que haja solidariedade entre os membros da família, a sobrecarga se instala, gerando exaustão:

Mesmo que tenha uma família, tem que ser uma família muito boa porque dois, três, quatro cinco meses, dependendo do caso até que é tolerante, a pessoa cuida, sabe. A doença quando a tendência é pra piorar, aí quem tá cuidando também se cansa. Eu sei que trabalhei em hospital e sei como é. Ai depois que se cansa, não atende direito, se aborrece e numa instituição dessas tem exatamente os funcionários que são pagos pra cuidar exatamente desse problema, como eu também já fui pago e trabalhei vinte e cinco anos dentro de hospital, cuidando de gente doente, cuidando de gente que necessita de um tipo de tratamento (Ronaldo - filho de Dionísia).

Esses relatos demonstram que a família não está preparada para acolher seus velhos, haja vista as condições econômicas e as relações conflituosas, sobressaindo a forte tendência

de que o cuidado na família é uma tendência inesperada e onerosa (NERI & SOMMERHALDER, 2002).

De acordo com essas autoras, a situação de sobrecarga e estresse é definidora no processo de institucionalização, sendo que as filhas têm uma propensão maior do que as mulheres para esta tomada de decisão. No entanto, o exercício do cuidado não se encerra com a institucionalização. Dessa forma, não se esclarece se o estresse reduz ou se apenas muda de foco com esse procedimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi conhecer as percepções dos velhos institucionalizados sobre a decisão da família em mantê-los no asilo, bem como verificar o entendimento do grupo familiar acerca dessa determinação.

E por que estudar essa realidade? Inicialmente, por conta da primeira experiência de estágio num grupo de convivência, onde, mesmo que empiricamente, pôde-se observar velhos felizes, autônomos, participativos na família e na comunidade, ou seja, um panorama que vai na contramão de tudo o que foi preconizado por muito tempo.

De acordo com NERI (1997), compreende-se que *envelhecer bem não é mero atributo do indivíduo biológico, psicológico ou social, mas resulta da qualidade de interação entre indivíduos em mudança, vivendo em sociedades em mudança* (p.85). Quer dizer, depende da história do indivíduo, do contexto histórico-cultural e de fatores genético-biológicos. Condições adequadas de educação, urbanização, habitação, saúde e trabalho, ao longo do curso de vida, são essenciais para uma velhice satisfatória.

O fato de haver conhecido e vivenciado a presença desses velhos independentes despertou a curiosidade em apreender outra realidade que *a priori*, reflete toda uma negação do que é uma velhice bem-sucedida. Poder-se-ia pesquisar até a respeito dos grupos de convivência – algo “positivo”, “alto astral”, como geralmente é definido. Contudo, pensou-se na oportunidade de conhecer o outro lado, um asilo filantrópico, ambiente muitas vezes visto como uma prisão e que inviabiliza a continuidade da vida independente e autônoma. Partiu-se da compreensão de que o dia-a-dia de lá seria diferente do contexto do outro grupo, em termos de socialização e das condições objetivas de vida.

Considerando a família como detentora de um grande papel junto aos seus velhos, a ausência dela representaria em grandes perdas, pois é o primeiro ambiente em que se formam os valores essenciais do ser humano em que se aprende a viver em sociedade e onde se constrói a própria história.

Diante dessa apreensão, uma inquietante indagação surgiu, até porque já se sabia que, no asilo pesquisado, uma grande parte dos internos (44%) morava com a família. Então, procurou-se saber como pais e filhos enfrentam a institucionalização. Existia culpa de um lado e revolta de outro?

Certamente por influência da premissa geral legitimada pela literatura de que o asilo é um lugar fadado ao abandono e à solidão e pelo que se ouvia dizer do campo a ser pesquisado, preexistia o pressuposto fortemente sedimentado na idéia de que este tipo de instituição deveria ser a última opção para uma pessoa morar.

Porém, não se confirmou plenamente a identificação com uma instituição total, ou seja, foram verificadas situações que se opõem ao que normalmente se diz sobre a rotina de um asilo. Dentre estas, destacam-se: atividades integradas com a comunidade, propiciando a convivência com outras gerações; flexibilidade no que se refere ao horário das visitas; permissão para a saída dos internos considerados saudáveis; abertura para vários cultos religiosos e nenhuma objeção aos relacionamentos amorosos. Enfim, aspectos positivos e viáveis na manutenção das relações, favorecendo a integridade do eu.

A ação de adentrar no campo e conhecer mais profundamente as histórias de alguns internos, possibilitou enxergar que a questão do abandono não é tão simplista, a ponto de sempre qualificar a família como vilã e o velho como vítima. Ser velho não é condição essencial para receber atenção e amor da família. Mais importante é analisar como foram construídos os relacionamentos. Houve afeto nestas experiências? Como se espera que uma mulher ou um filho aceite agora, o seu velho dependente, se, ao longo de sua vida, este se manteve ausente? Não se pretende afirmar com isso que uma atitude justifica a outra. No entanto, é difícil num relacionamento familiar, em que não se prestigiou o respeito mútuo e o carinho, num futuro estabelecer uma convivência de partilha e proteção. Não é fácil dar o que não se recebeu. Esse argumento, por exemplo, foi lembrado por uma das filhas entrevistadas, além de outros. O avanço da idade cronológica não é garantia para se apagar de vez os ressentimentos do passado mais presente ou remoto.

No que se refere especificamente aos quatro velhos entrevistados, com exceção de um homem, percebeu-se certa conformidade com relação à decisão da família. A história do

relacionamento familiar e as condições objetivas de vida foram determinantes no consentimento desprovido de mágoa ou revolta. Percebeu-se que a afetividade construída entre pais e filhos ao longo dos anos influenciou consideravelmente na continuidade dos vínculos no pós-asilamento.

Verificou-se, contudo, que a separação física contribuiu na fragilidade dos laços familiares, visto que nem todos dispunham de tempo para visitar os pais com frequência, e num caso específico, a apartação já havia se concretizado num período bem anterior à institucionalização em um contexto de ressentimentos e falta de perdão, sendo o abandono a punição encontrada pela família.

Além de se constatar nos documentos da instituição que o principal motivo de internamento é justificado pela falta de recursos financeiros da família, houve também a oportunidade de se ouvir relatos enfocando a escassez de bens materiais e limitações no interior da família. Nestas circunstâncias, a instituição representa um meio de subsistência, desempenhando, assim, o papel que a família não pode assumir. Desta forma, os velhos acolheram positivamente a resolução dos filhos.

Pelo que se percebe de modo geral, a família encontra na instituição, a solução para seus problemas, esperando desta uma assistência não só no que concerne às necessidades básicas, como por exemplo, alimentação e moradia, mas também, cuidados médicos, como por exemplo, os casos de alcoolismo.

Os filhos julgam ter tomado a decisão mais correta, principalmente ao abordarem a solitária responsabilidade do cuidado no dia-a-dia. Porém, de acordo com seus relatos, não foi uma atitude fácil. Os conflitos no início foram inevitáveis. Havia o remorso e a dúvida de que a decisão tomada foi a mais prudente. Somado a isto, ainda, a reprovação dos próprios membros da família e amigos era um incômodo.

No entanto, a sobrevivência não pode esperar. As circunstâncias, de alguma forma ou de outra, exigiram esse procedimento e, quando se pensa nos motivos da internação desses velhos, não se torna difícil compreender a decisão da família.

O asilo é a resposta racional para solucionar os problemas voltados aos conflitos familiares gerados pelo alcoolismo, pelos distúrbios emocionais e à pobreza, de uma forma geral. Foram então conhecidas famílias que estão lutando pela sobrevivência num cotidiano de limitações e enfrentando o cuidado necessário de seus velhos. A pobreza configura um cenário, onde não restam muitas opções. Não foi raro ouvir desabaços representados por expressões como: *Ele ou ela está melhor lá do que se estivesse aqui em casa*. Quer dizer, a razão se sobrepôs à emoção.

Este trabalho proporcionou uma reflexão acerca da institucionalização da velhice, pois o asilo pesquisado é o *locus* em que o problema da velhice é caracterizado por múltiplas facetas. Lá encontram-se os pobres, indigentes, abandonados, solitários, doentes, alcoólatras e os precocemente envelhecidos, com idade inferior a 60 anos. Todavia, não se constatou em alguns aspectos, a premissa preconizada pela literatura gerontológica de que a instituição asilar impede o convívio social. A história de vida anterior ao internamento também foi fundamental nas percepções acerca do que é morar no asilo, sendo este considerado, muitas vezes, um lugar desejado para se viver até a morte, sem angústia ou revolta.

Diante da ausência de políticas públicas que forneçam assistência médica decente, o asilo é visto como hospital, o que vai contra o regulamento, pois os asilos são proibidos de receber velhos doentes, visto que são instituições de caráter social e não médico. Mas quem vai cuidar dos velhos doentes? Para onde seriam levados esses velhos?

Se, porventura, a internação é imprescindível, isso não impede a continuidade dos vínculos com pessoas que fazem parte da sua história, da atenção e carinho da família, o que não é substituído por uma “assistência especializada”, além da possibilidade de construção de outros vínculos no novo espaço de moradia. No entanto, o ideal e o real estão distantes...

Estudos pontuais podem ajudar na reflexão de que nem todos os asilos são instituições fechadas ou que bloqueiam as mais diversas manifestações de seus residentes, isto é, existe uma relativização. É possível uma vida satisfatória nesses espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES FILHO, F. Tragédia no depósito de velhos. **Isto é**, Rio de Janeiro, 12 jun.1996 n°. 1393.

Analfabetismo na terceira idade ainda é alto. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, SP, 28 de jul.2002 (Caderno Cidades, p.7).

ÂNGELO, M. **O contexto familiar**. In: DUARTE, I.A.O e D'ÉLBOUX, M.J D. (org.). **Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico**. São Paulo: Atheneu, 1997. p.27 – 31.

ANTONIAZZI, A. **O Brasil ficou menos religioso?** In: **Família Cristã**, São Paulo, n°. 799. p. 50-1, 2002.

ANTUNES, C. Corte nos benefícios. **Veja**, São Paulo, 10 jun. 2002 n° 27.

Apoio de amigos e família ajuda a retardar demências. **O Povo**, Ceará, 7 de maio de 2000 (Domingo, Caderno Ciência e Saúde, p.8).

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARATA, A. M. **Luzes e sombras: a ação da Maçonaria brasileira (1870 – 1910)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Centro de Memória – Unicamp, 1999 (Coleção Tempo e Memória).

BARROS, M. L. de. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BARROSO, M. J. L. R. **O velho no Brasil pobre e no Brasil rico**. In: **A Terceira Idade**. São Paulo/SESC, vol.6 , 47-53, 1992.

BARROSO, M. J. L. R. **O desafio do envelhecimento no nordeste**. In: **A Terceira Idade**. São Paulo/SESC, vol.1, 14-18, 1988.

BEAUVOIR, S. de. **A Velhice**. 2 ed. Trad. de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Gabriel C. Galache. São Paulo: Loiola, 1995.

BONAZZI, T. C. **Arquivos: propostas metodológicas**. In: FERREIRA M. M. e AMADO, J. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BORN, T. **Cuidado ao idoso em instituição**. In: PAPALÉO NETTO, M. (org.). **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 1996. p.403-13.

BORN, T. In: Anais do Fórum Nacional de Instituições de Longa Permanência [on line]. Brasília, DF. 2000[consultado em 05.01.02]. Disponível na Word Wide Web: <http://www.sbgg.com.br/forum/relat.htm>.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. DECRETOS. CONSOLIDAÇÃO DA POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO. Decreto n.º 1948, 3-7-1996. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. LEI ORGÂNICA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL. Brasília: MPAS, 1993.

BRUM, E. A suave subversão da velhice. **Época**, Rio de Janeiro, 24 dez.2001 n.º 188.

CALDERÓN A. I., GUIMARÃES R. F. **Família: a crise de um modelo hegemônico**. In: **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, n.º 46, 21-33, dez. 1994.

CAMARANO, A. A. **O novo perfil da população idosa brasileira** [on line]. São Paulo, 2000 [consultado em 05.01.02]. Disponível na Word Wide Web: <http://www.abapp.org.br/revistas/260/pesquisa.htm>

CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. [on line]. Rio de Janeiro, 2002 [consultado em 27.03.2002]. Disponível na Word Wide Web: <http://www.ipea.gov.br>

CAMARANO, A. A. et al. **Como vive o idoso brasileiro?** In: CAMARANO, A. A. (org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. p. 19-71.

CAPITELLI, M. **Programa de terceira idade: passar o dia na creche**. Jornal da Tarde, São Paulo, 1 de abr. 2002 (Caderno Cidade).

CAMPEDELLI, M.C; PERRACINI, M.R; DIAZ, R.B. **Grupo de cuidadores de idosos: uma experiência multiprofissional**. Revista Âmbito Hospitalar, 46:46, 1993.

CAMPOS, M. C. S. S. **A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórica sociológica da memória familiar**. In: LANG, A. B. S. G. (org.). **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. 2 ed. São Paulo: CERU/USP, 1999. (Textos Série 2 n.º 3).

CASSIANO, C. M. **Memórias itinerantes: um estudo sobre a recriação das Folias de Reis em Campinas**. Campinas, SP, 1988. 227 p. Tese (Mestrado em Multimeios). Instituto de Artes, UNICAMP.

CASTELLÓN, L. Mais respeito aos cabelos brancos. **Isto é**. São Paulo, 10 jul. 2002. n° 1710, p. 7 – 11.

CASTRO, I.A. **Asilos não têm estrutura para abrigar idosos**. [on line]. São Paulo, 2001 [consultado em 28.01.02]. Disponível na Word Wide Web: <http://www.nifesp.br/comunicação/jpta/ed147/pesqui2.htm>

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2 ed. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M. de, GIARD, L., MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar**. Trad. de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1996.

CONSTITUIÇÃO FEDERATIVA DO BRASIL. Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

CORTELLA, S. M. **Globalização e qualidade de vida**. In: A Terceira Idade. São Paulo/SESC, Vol.17, p. 63-82, 1999.

COSTA, L.V.A. **Política Nacional do Idoso: perspectiva governamental**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: UMA AGENDA PARA O FINAL DO SÉCULO, 1., 1996. Brasília, DF. Anais... Brasília: MPAS, SAS. 1996. 87 p.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB), **Vida, dignidade e esperança: Texto-base da Campanha da Fraternidade 2003**. São Paulo: Salesiana, 2002.

CRUIKSHANK, J. **Tradição oral e história oral: revendo algumas questões**. In: FERREIRA M. M. e AMADO, J. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

DA MATTA, R. **A família como valor: considerações não-familiares sobre a família brasileira**. In: ALMEIDA, A. M. de. (org.). **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRJ, 1987.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 1999.

DIAS, M. L. **Vivendo em família: relações de afeto e de conflito**. 7 ed. São Paulo: Moderna, 1992. (Coleção Polêmica).

FERREIRA, A.B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, M. L. M. **Memória e velhice: do lugar da lembrança**. In: BARROS, M. L. (org.). **Velhice ou terceira idade: estudos antropológicos sobre identidade e memória e política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

- FERRIGNO, J.C. **Uma visão histórica de família e velhice.** In: **A Terceira Idade.** São Paulo/SESC: Ano IV, jul. 1991.
- FILIZZOLA, M. **Aspectos da história dos mais antigos asilos para velhos do Rio de Janeiro e da Bahia.** Rio de Janeiro: s.n., 1979.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 24 ed. Trad. de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1987.
- GIGLIO, Z. G., LEÓN, L. M. **O idoso internado: percepções da equipe de saúde de uma unidade de psiquiatria.** **Informação Psiquiátrica**, 17 (4): 135-140. 1988.
- GIGLIO, Z., VON SIMSON, O. R. M. **A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida.** In: NERI, Anita Liberalesso (org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas.** Campinas, SP: Papirus, 2001. p.141-160.(Coleção Vivacidade).
- GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos.** 2 ed. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- GOLDIM, J. R. **Bioética, Relações Familiares e Envelhecimento.** [on line]. Porto Alegre, RS, 2000 [consultado em 15.09.01]. Disponível na Word Wide Web: <http://www.ufrgs.br/HCPA/gppg/famili.htm>
- GONYEA, J.G. **The family and dependency: factors associated with institutional decision-making.** *Journal of Gerontological Social Work*, v.10, nº 1-2, p. 61-67, 1987.
- GROISMAN, D. **Dois abordagens aos asilos de velhos: da Clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice.** In: DEBERT, G. G. (org.). **Gênero em gerações.** Cadernos Pagu, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP (13), 1999. p. 161-190.
- HALBWACHS, Maurício. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.
- HAREVEN, T. K. **Novas imagens do envelhecimento e a Construção Social do Curso de Vida.** In: DEBERT, G. G. (org.). **Gênero em gerações.** Cadernos Pagu, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP (13), 1999. p. 109-159.
- HÔTE, J. M. **Brasil: uma política para a velhice já.** Rio de Janeiro: Brascore, 1988.
- IBGE/ Diretoria de Pesquisas/ Departamento de População. **Anuário estatístico do Brasil.** 2000.
- JACQUES, M.C., SÉRGIO, C. **Identidade, aposentadoria e o processo de envelhecimento.** [on line]. São Paulo, 2002. [consultado em 15.09.02]. Disponível na Word Wide Web: <http://www.comciencia.br>

- JORDÃO NETTO, A. J., SILVA, M. M. T. **Velho, velhice**: A nova semântica manifestada por diferentes grupos sociais na cidade de São Paulo. In: **Gerontologia**. São Paulo/SBGG, vol.2, n.º 4. 183-7, 1994.
- JORDÃO NETTO, A. J. **Família e idoso**: convivência e conflito. Conferência proferida na V Jornada Paranaense de Geriatria e Gerontologia. Curitiba: 1988.
- KASTENBAUM, R. **Velhice**: anos de plenitude. Trad. de Jamir Martins. São Paulo: Harper x Row do Brasil, 1981.
- KLINTOWITZ, J. Um povo que acredita. **Veja**, São Paulo, 19 dez. 2001, nº 1731, p. 124 - 129.
- LANG, A. B. S, CAMPOS, M. C. S. de S, DEMARTINI, Z. de B. F. **História oral e pesquisa sociológica**: a experiência do CERU. São Paulo: Humanitas, 1998. 37 p.
- LAR TORRES DE MELO. Relatório anual. Fortaleza: 2001. 47 p. (texto não publicado).
- LEME, L. E. G, SILVA, P. S. C. P. da. **O idoso e a família**. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 1996. p. 92-7.
- LIMA, D. M. de. **O peso da idade**: panorama da velhice no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- LOZANO, J. E. A. **Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**. In: FERREIRA M. M. e AMADO, J. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- LUCENA, C. **Tempo e espaço nas imagens das lembranças**. In: VON SIMSON, O. R. M. (org.). **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas, SP: Área de publicações CMU/Unicamp, 1996. p.223-32.
- MAGALHÃES, D. N. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: SESC, 1987.
- MAGESTE, P., VIEIRA, J.L. CLAIR, C. S. Laços de família. **Época**, Rio de Janeiro, 14 jan. 2002. n.º. 191, p. 30-34.
- MARCÍLIO, M. L. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MARIANO, N. STEFANELLI, R., WAGNER, C. A solidão que mata: velhos, sós e acuados. **Zero Hora**, Porto Alegre, 09 jul.1996.
- MENDONÇA, R. O paradoxo da miséria. **Veja**, São Paulo, 23 jan.2002. nº 1735, p. 82-93.
- MINAYO, M. C. S et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 4 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

- MORAGAS, M. R. **Gerontologia social**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- MOREIRA, R. B. **Sexo na terceira idade: tabu?** [on line]. São Paulo, 2002 [consultado em 17.11.02]. Disponível na Word Wide Web:
<http://www.saude.sapo.pt/gkBp/266623.html>
- MOTTA, A. B. da. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. In: DEBERT, G. G. (org.). **Gênero em gerações**. Cadernos Pagu, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, SP (13), 1999. p. 191-221.
- NERI, A.L. (org.). **Qualidade de vida e idade madura**. São Paulo: Papirus, 1993.
- NERI, A. L. **A pesquisa em Gerontologia no Brasil: análise de conteúdos de amostra de pesquisa em psicologia no período de 1975 – 1996**. In: **Texto Contexto: Enfermagem**. Florianópolis, v.6, nº 2, p. 69 – 105, mai./ago. 1997.
- NERI, A.L., SOMMERHALDER, C. **As várias faces do cuidado e do bem-estar do cuidador**. In: NERI, A.L. (org.). **Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais**. Campinas, SP: Alínea, 2002. p. 09-63 (Coleção Velhice e Sociedade).
- NERI, A. L. **Envelhecer bem no trabalho: Possibilidades individuais, organizacionais e sociais**. In: **A Terceira Idade**. São Paulo/SESC, vol. 13. p.7- 27, 2002.
- NEVES, L. de A. **Memória, história e sujeito: substratos da identidade**. São Paulo. História Oral 3, 2000, p109-16.
- Nordeste abaixo da média. **O Povo**, Ceará, 9 de setembro de 2002 (Caderno Política, p. 20).
- OLIVEIRA, P. S. **Vidas Compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1999.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. (Coleção Repertórios).
- PARK, M. B. **O ciclo da vida representado nas páginas dos almanaques de farmácia brasileiros**. Campinas, SP [2002?]. (no prelo).
- PAVARINI, S. C. I. **Dependência comportamental na velhice: uma análise do cuidado prestado ao idoso institucionalizado**. Campinas, SP, 1996. 229 p. Tese (Doutorado em Gerontologia). Faculdade de Educação, UNICAMP.
- PEIXOTO, C. **Entre o enigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...** In: BARROS, M. L. (org.). **Velhice ou terceira idade: estudos antropológicos sobre identidade e memória e política**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PEREIRA, C. Morte por depressão. **Isto é**, São Paulo, 12 jun.1996 n°. 1393.

PEREIRA, C. Creche para vovô. **Isto é**, São Paulo, 29 maio 2002. n° 1704. p. 62.

PINTO, A. L. G. **Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora**: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais. Campinas, SP, 2000. 245 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

PORTELLI, A. **Forma e significado na história oral**: a pesquisa como um experimento em igualdade. In: Projeto História. São Paulo, PUC-SP, 1997.

PRETI, D. **A linguagem dos idosos**. São Paulo: Contexto, 1991.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos. V. 2, n.º 3, Rio de Janeiro: Vértice, 1989.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. V. 5, n.º 10, Rio de Janeiro: Vértice, 1992. p.200-215. p. 3 – 15.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Relatos orais**: do “indizível” ao “dizível”. In: QUEIROZ, M. I. P. de. (org.). **Experimentos com histórias de vida**: Itália – Brasil. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais (Enciclopédia aberta de ciências sociais; v.5), 1988. p. 14 – 43.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Histórias de vida e depoimentos pessoais**. In: QUEIROZ M. I. P. de (org.). **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. 2 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RODRIGUES, N. C. **Conversando com Nara Costa Rodrigues sobre gerontologia social**. Passo Fundo, RS: UFP, 2000

ROUCHOU, J. **História Oral**: entrevista-reportagem x entrevista-história. [on line]. São Paulo, 2000 [consultado em 10.12.01]. Disponível na Word Wide Web: <http://www.intercom.org.br/revista/rbcc2000/rouchou.html>

SÁ, E. S. de, LÉ, M. D. L. DE M. G, FERREIRA, A.L. L. et al. **Manual de Normatização de Trabalhos Técnicos, Científicos e Culturais (segundo normas da ABTN)**, Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

SAAD, P. M. **Transferências de apoio entre gerações no Brasil**: um estudo para São Paulo e Fortaleza. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Muito além dos 60**: os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. p. 251-280.

SALGADO. M. A. **Velhice**: uma nova questão social. São Paulo: SESC – CETI, 1980. (Série Terceira Idade).

SAMARA, E. M. **Tendências atuais da história da família no Brasil**. In: ALMEIDA, A. M. de. (org.). **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRJ, 1987.

SAMPAIO, F. O preço da velhice. **Isto é**, Rio de Janeiro, 06 jun. 2001 n.º. 1633.

SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, n.º. 46, dez. 1994.

SAMPEDRO, J. L. **O sorriso etrusco**. Trad. de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SOMMERHALDER, C., NERI, A.L. **Avaliação subjetiva da tarefa de cuidar: ônus e benefícios percebidos por cuidadores familiares de idosos de alta dependência**. In: NERI, A.L. (org.). **Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais**. Campinas, SP: Alínea, 2002. p. 09-63 (Coleção Velhice e Sociedade).

TEIXEIRA, F. **O idoso e a família: os dois lados da mesma moeda**. [on line]. São Paulo, 2000 [consultado em 03.11.02]. Disponível na Word Wide Web: http://www.partes.com.br/terceira_idade08.html

VITIELLO, N. **Manifestações da sexualidade na terceira idade**. [on line]. São Paulo, 2001 [consultado em 17.11.02]. Disponível na Word Wide Web: <http://www.sosdoutor.com.br/sossexualidade.html>

VERAS, R P. **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil**. 2 ed. UERJ: Relume Dumará, 1994.

WAGNER, E.C.A e M. **Institucionalização: aspectos psicológicos e o apoio familiar**. In: SIMPÓSIO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA, 1., 2001, Itapira, SP. Anais... São Paulo: Instituto Bairral, 2001. 6 p.

WOORTMANN, E, WOORTMANN, K. **Velhos camponeses**. In: **HUMANIDADES Terceira Idade**, Brasília/UNB, n.º 46, 132-141, 1999.

ANEXO 1

TÍTULO: VELHOS INSTITUCIONALIZADOS E FAMÍLIA: ENTRE ABAFOS E DESBAFOS

AUTORA: Adriana de Oliveira Alcântara (aluna do Programa de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP).

SUMÁRIO DO PROJETO: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com vistas à obtenção do título de Mestre, cujo objetivo é: Verificar as percepções dos velhos institucionalizados acerca da decisão de seus familiares em mantê-los no asilo, como também de verificar as percepções dos familiares sobre a decisão de institucionalizar seus velhos.

Os sujeitos desta pesquisa serão constituídos por 4 velhos institucionalizados (2 homens e 2 mulheres) e familiares destes.

CONSENTIMENTO: Com base no exposto acima, dou meu consentimento para participar da pesquisa – na qualidade de colaborador – e também para a divulgação dos dados por mim fornecidos.

_____ Data: ____ / ____ / ____.
Assinatura do Participante

Discuti este projeto com o participante, usando linguagem compreensível e adequada. Avalio ter propiciado as informações necessárias para os depoentes, de acordo com os princípios éticos da pesquisa, e também acredito que eles tenham compreendido os meus esclarecimentos.

_____ Data: ____ / ____ / ____.
Assinatura do Responsável

ANEXO 2

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Nascimento:

Etnia:

Estado civil:

Profissão:

Data de entrada:

Residência anterior:

Responsável pelo internamento:

N° de filhos:

ANEXO 3

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

✓ **COM OS VELHOS**

1. Fale como se deu a sua vinda para o asilo.
2. O que você achou da decisão da sua família?
3. Como era o seu relacionamento com seus familiares?
4. Você recebe visitas? De quem?
5. O que você acha do asilo?
6. Como é o seu relacionamento com os internos? E com os funcionários?
7. Que atividades você faz aqui?

✓ **COM OS FAMILIARES**

1. Fale-me como você decidiu institucionalizá-lo (a).
2. Você o (a) consultou para saber o que ele (a) pensava?
3. Foi a melhor opção ou teria outra?
4. Como as pessoas reagiram diante à sua decisão?
5. Como era o relacionamento de vocês, antes e depois da institucionalização?
6. Você faz visitas? Com que frequência?
7. Você tem perspectiva de tirá-lo (a) do asilo?